

ISSN 1519 - 1958



ANO 15 VOLUME 26 - JANEIRO/JUNHO/2014



FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA DE UNAÍ

ISSN 1519 1958

**FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
DE UNAÍ**



Revista

FACTU

Ciência

ANO 15 VOLUME 26 – JAN/JUL/2014

Publicada pela

Faculdade de Ciências e Tecnologia de Unai

Adalberto Lucas Capanema
Presidente AEPU

Maria José Lucas Capanema
Diretora Administrativa

Adalberto Lucas Capanema
Diretor Geral

Secretária Geral
Fabília Lucas de Mendonça

Contatos
Revista FACTU Ciência
Rua Rio Preto, 422 Unai – MG
CEP. 38.610-0000
Tel: 38 3676 6222
www.factu.br

Editor da Revista
Dêner Geraldo Batista Neves

Conselho Editorial
Ana Carolina Ribas Palma
Cláudio Thiago Vieira da Mata
Gabriel Moreira
Graziela Cristina Simões
Juliana Alves Lacerda
Lidiane Campos dos Santos
Lilian Rodrigues Maia
Maria Aparecida de Oliveira
Michelle Lucas Cardoso Balbino
Nathalia Oliveira Martins
Rosângela Silveira Rodrigues
Wellington José Santana

Revisão
Juliana Alves Lacerda

Ficha catalográfica preparada pela seção de catalogação e Classificação da Biblioteca da FACTU.

Revista FACTU CIÊNCIA – Ano 15, n° 26 (Jan/Jul 2014). Unai: FACTU, 2014.

Semestral
ISSN 1519 – 1958

1. Administração. 2. Pedagogia. 3. Enfermagem. 4. Educação Física

Proibida a reprodução total ou parcial por qualquer meio.
As matérias publicadas são de responsabilidade dos respectivos autores.

SUMÁRIO

A PERCEPÇÃO DOS AGENTES COMUNITÁRIOS DE SAÚDE DA ESTRATÉGIA DE SAÚDE DA FAMÍLIA (ESF) DE UM MUNICÍPIO DE MINAS GERAIS, ACERCA DO ESTRESSE OCUPACIONAL DESENCADEADO NO AMBIENTE DE TRABALHO 05

Anne Caroline da Silva Corrêa
Nalva Caldeira
Pollyana da Silva Vicente
Raquel Caldeira Mota
Nathália Oliveira Martins

A EDUCAÇÃO FÍSICA E SUAS CONTRIBUIÇÕES NO ENSINO FUNDAMENTAL: ANOS INICIAIS 27

Fernanda Fernandes Trigueiro
Graziela Cristina Simões
Renata Aparecida Dantas
Diego Ramiro

A CONTRIBUIÇÃO DO SENAR/MG NA CAPACITAÇÃO DE PRODUTORES E TRABALHADORES RURAIS NAS PROPRIEDADES DE UNAÍ E REGIÃO 57

Vanessa Aparecida Silva de Almeida
Cláudia Aparecida Machado
Lidiane Campos dos Santos

IDIOTIA AMAURÓTICA INFANTIL 81

Ana Paula de Assis Veloso
Aniely Marques Faria
Nayanni Martins Borges
Nayara Alves
Thaís Barbosa
José Antonio Paniágua

**A PERCEPÇÃO DE MULHERES USUÁRIAS DE UMA
UNIDADE DE ESTRATÉGIA DE SAÚDE DE FAMÍLIA
DO MUNICÍPIO DE UNAÍ-MG, ACERCA DO CÂNCER
DE MAMA E SUA PREVENÇÃO**

Daíse Noronha
Nayanni Martins
Lorrany Barbosa
Nathália Oliveira Martins

**PERFIL EMPREENDEDOR DAS MULHERES QUE
ATUAM NO RAMO DE FRANQUIAS EM UNAÍ-MG**

112

Paula Pessoa Lucas
Cláudia Aparecida Machado
Lidiane Campos dos Santos

136

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

A PERCEPÇÃO DOS AGENTES COMUNITÁRIOS DE SAÚDE DA ESTRATÉGIA DE SAÚDE DA FAMÍLIA (ESF) DE UM MUNICÍPIO DE MINAS GERAIS, ACERCA DO ESTRESSE OCUPACIONAL DESENCADEADO NO AMBIENTE DE TRABALHO

Anne Caroline da Silva Corrêa
Acadêmica do curso de Enfermagem

Nalva Caldeira
Acadêmica do curso de Enfermagem

Pollyana da Silva Vicente
Acadêmica do curso de Enfermagem

Raquel Caldeira Mota
Acadêmica do curso de Enfermagem

Nathália Oliveira Martins
Especialista em saúde pública e da família pela UNIASSELVI. Mestranda em Psicologia e coordenadora do curso de Enfermagem da FACTU

RESUMO

No seu dia-a-dia de trabalho, o Agente Comunitário de Saúde (ACS) convive com grandes desafios e dificuldades, como por exemplo, a população insatisfeita com o serviço de saúde, baixa escolaridade e analfabetismo que dificultam o entendimento desta população, condições ruins de trabalho, como falta de recursos e apoio da gestão, entre outros. Sendo esse que estes fatores podem ser considerado grandes geradores de estresse na vida desses profissionais. O artigo tem como objetivo geral, identificar os fatores estressantes decorrentes da função do ACS no ambiente de trabalho. Tendo como os objetivos específicos relatar as atividades ocupacionais dos ACS; identificar se a unidade de saúde oferece algum tipo de lazer para minimizar o estresse de tais profissionais e revelar quais são os fatores mais geradores de estresse na percepção das ACS. Trata-se de um estudo descritivo, de abordagem qualitativa, realizado com 07 ACS's que atuam no programa de saúde da família (PSF) de um município de Minas Gerais, no período de 19 e 20 de setembro de 2013. Como instrumento de coleta de dados, utilizou-se a entrevista semiestruturada.

Palavras-chave: Programa da saúde da família. Agentes comunitários de saúde. Estresse ocupacional.

ABSTRACT

In its day-to-day work, the Community Health Agent (CHA) coexists with major challenges and difficulties, for example, dissatisfied with the health services, illiteracy and low education population that hinder the understanding of this population, bad working conditions, such as lack of resources and support from management, among others. Being that these factors can be considered major stressors in the lives of these professionals. The article aims to describe, identify stressors arising from the ACS function in the workplace. Having specific goals such as reporting the occupational activities of ACS; identify whether the health unit offers some kind of leisure to minimize the stress of such professionals and reveal which are the factors causing stress in the perception of ACS. This is a descriptive study with a qualitative approach, performed with 07 ACS's working in the program Family Health Program (PSF) of a city in Minas Gerais, in the period of 5 to September 10, 2013. How collection instrument data, we used a semistructured interview.

Keywords: Family Health Program. Community health workers. Occupational stress.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo surgiu da curiosidade em identificar os fatores estressantes decorrentes da função dos Agentes Comunitários de Saúde no ambiente de trabalho. O desejo de realizar esta pesquisa foi robustecido por esses profissionais lidarem rotineiramente com fatores estressantes em seu ambiente de trabalho. Sendo que no Programa Saúde da Família eles são fundamentais para o elo existente entre a comunidade e a unidade de saúde, não devendo estes ter seu rendimento de trabalho diminuído devido tais fatores.

Considerando que os conteúdos estudados na área envolvida, referem-se aos elementos que envolvem o fenômeno anteriormente apresentado, pretendeu-se por meio deste estudo, buscar respostas para a seguinte problemática: Quais são os principais fatores e atividades que desencadeiam estresse nos Agentes Comunitários de Saúde do Programa de Saúde da Família de um município de Minas Gerais?

Diante do problema apresentado é pertinente esclarecer que a hipótese levantada foi de que os fatores que mais geram estresse entre os Agentes Comunitários de Saúde se dão pelo fato desses profissionais lidarem diretamente com a comunidade e seus respectivos problemas.

A presente pesquisa pretendeu alcançar o objetivo geral que é identificar os fatores estressantes decorrentes da função do ACS no ambiente de trabalho. Dessa forma, para que tal escopo seja alcançado foi preciso identificar os objetivos específicos que foram: relatar as atividades ocupacionais dos ACS; identificar se a unidade de saúde oferece algum tipo de lazer para minimizar o estresse de tais profissionais e revelar quais são os fatores mais geradores de estresse na percepção das ACS.

A realização desse trabalho é duplamente relevante, pois, além das razões já consideradas acima, certifica-se através da literatura científica, que um dos elementos-chave do Programa da Saúde Família são os Agentes Comunitários de Saúde (ACS), os quais são reconhecidos como um importante articulador entre os serviços de saúde e a comunidade.

Porém, devido à circunstância de os mesmos residirem e exercerem o seu trabalho em sua própria comunidade tende-se a sofrerem grandes pressões psicológicas, tanto por parte da comunidade, como da

própria equipe de saúde da família, o que pode gerar agravos a sua saúde e prejuízos em sua qualidade de vida. (VASCONCELLOS e COSTA, 2008).

Segundo Souza (2002) os Agentes Comunitários de Saúde estão em contato constante com a comunidade, sendo assim, assumem um importante papel na assistência em saúde, simplificando o acesso das pessoas aos serviços de saúde e caracterizam-se como ouvidores imediatos das queixas dos usuários da saúde no nível de atenção básica.

Desta forma, este estudo proporciona benefícios imprescindíveis para os profissionais de enfermagem, estudantes e para toda sociedade. Para tanto, tem-se ainda a intenção de alertar os profissionais de saúde e comunidade a darem maior importância aos serviços prestados pelos Agentes Comunitários de Saúde, pois os mesmos tem um papel crucial na prestação de serviços a comunidade.

Diante do que foi evidenciado é imperioso destacar que este trabalho encontra-se organizado da seguinte maneira: no segundo tópico foram discutidos sobre os temas: Agente Comunitário de Saúde: breve histórico, como também sobre as atividades ocupacionais realizadas pelo ACS e Fatores estressantes decorrentes a função do ACS.

Em seguida apresentam-se no terceiro tópico os elementos que dizem respeito ao método utilizado, apresentação da realização da pesquisa. No quarto tópico encontram-se a apresentação dos dados coletados e estudos dos mesmos. Por fim apresentam-se no quinto e último tópico as considerações finais do estudo ora realizadas.

2 AGENTE COMUNITÁRIO DE SAÚDE: BREVE HISTÓRICO

Tomaz (2002) diz que, a primeira experiência de agentes comunitários de saúde, ACS, como uma estratégia abrangente de saúde pública estruturada, ocorreu no Ceará em 1987, com o objetivo duplo de criar oportunidade de emprego para as mulheres na área da seca e, ao mesmo tempo, contribuir para a queda da mortalidade infantil, priorizando a realização de ações de saúde da mulher e da criança. Esta estratégia expandiu-se rapidamente no Estado, atingindo praticamente todos os municípios em três anos. As primeiras experiências do Programa de Saúde da Família, PSF, nos moldes atuais, também surgiram no Ceará em janeiro de 1994, sendo encampadas pelo MS em março do mesmo ano, como estratégia de reorganização da atenção básica no país. A partir daí o Programa de Agentes Comunitários de Saúde, passou a ser incorporado pelo PSF.

O ACS é um profissional conhecedor da realidade local, pois reside na comunidade em que trabalha. Ele realiza a adscrição de famílias em uma base geográfica definida, sendo os aspectos de solidariedade e liderança fundamentais no desenvolvimento das suas atividades. O ACS pode ser chamado de trabalhador *sui generis*, uma vez que se trata de um trabalhador genérico, de identidade comunitária, que desenvolve atividades não apenas restritas ao setor da saúde, diferentemente do que ocorre com os outros profissionais de saúde da equipe. (NOGUEIRA et. al., 2000 apud URSINE, TRELHA e NUNES, 2010).

3 ATIVIDADES OCUPACIONAIS REALIZADAS PELO ACS

Segundo Lara, Brito e Rezende (2012), o cotidiano do Agente Comunitário de Saúde (ACS) é constituído de práticas educativas direcionadas para os cuidados preventivos específicos ou gerais e aquelas de promoção da saúde que melhoram a qualidade de vida, tendo como principal foco a família e como instrumento a visita domiciliar. Nesse contexto, o ACS busca fazer adaptações necessárias a cada situação encontrada, conciliando experiências pessoais e práticas alternativas que fazem parte do seu universo cultural. Essas práticas possuem um significado totalizante e são capazes de articular experiências presentes e passadas, valorizando a ligação de cada sujeito ao seu mundo, seus valores, saberes e problemas.

Thomé e Gazolla (2012 p.3) afirmam que na operacionalização do dia-a-dia das realizações das tarefas do programa da saúde da família, deverão ser observadas algumas das atividades ocupacionais desenvolvidas pelos Agentes Comunitários de Saúde, no seu ambiente de trabalho sendo:

Um Agente Comunitário de Saúde (ACS) é responsável pelo acompanhamento de, no máximo, 150 famílias ou 750 pessoas; Realizar o cadastramento das famílias; Caracterizar o perfil socioeconômico da comunidade, na identificação de traços culturais e religiosos das famílias e da comunidade, na descrição do perfil do meio ambiente da área de abrangência, na realização do levantamento das condições de saneamento básico e realização do mapeamento da sua área de abrangência; Executar a vigilância de crianças menores de 01 ano consideradas em situação de risco; Monitorar os casos de diarreias e promover a reidratação oral; Monitorar as dermatoses e parasitoses em crianças; Orientar os adolescentes e familiares na prevenção de Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS, gravidez precoce e uso de drogas; Identificar e encaminhar as gestantes para o serviço de pré-natal na unidade de saúde de referência; Realizar

visitas domiciliares periódicas para monitorar as gestantes, priorizando atenção nos aspectos de desenvolvimento da gestação.

As funções desenvolvidas pelos ACS's estão diretamente ligadas à questão do cuidado, no qual busca sempre o bem-estar do outro. O cuidar tona-se parte tanto do desempenho de técnicas quanto do trato com as emoções e afetos, envolvidas relação entre os profissionais e usuários dos serviços de saúde. (THOMÉ e GAZOLLA et. al. 2012).

Segundo Peres et. al. (2011), o trabalho do ACS, ocorre sob a tensão de dois polos e se reveste de grande complexidade, visto que adentra nos domicílios; recebe diretamente as queixas da população comprometendo-se de forma direta com a necessidade de dar respostas e encaminhamentos aos problemas encontrados. Ao mesmo tempo, deve confrontar-se com a equipe e agir segundo as possibilidades e os limites dela e do próprio sistema de saúde.

Ao pensar no trabalho do ACS, deve-se ter em mente que são colocados grandes desafios, destacando-se entre eles o de trabalhar em equipe, visto que esse aspecto é pouco compreendido e incorporado até mesmo pelos profissionais que possuem formação específica para atuar na área da saúde. Além disso, o de ter contato direto com a população e seus agravos em saúde. (LARA, BRITO e REZENDE, 2012).

Ao realizar essas ações e interações, há uma série de situações para as quais a área a saúde ainda não desenvolveu nem o saber sistematizado nem os instrumentos adequados de trabalho e gerência, que compreende desde a abordagem da família, o contato com situações de vida precária que determinam as condições de saúde, até as desigualdades

sociais e a busca de cidadania. Um estudo que identificou as possibilidades e limites do ACS de saúde na ESF revelou que as ações desenvolvidas por eles ainda não correspondem às expectativas da equipe, do governo, da comunidade e do próprio ACS (PERES et al, 2011).

Corroborando com os autores anteriormente citados Nunes et. al. (2002), diz que as expectativas depositadas em torno da participação dos ACS inscrevem-se em um verdadeiro "fogo cruzado", onde demandas às vezes paradoxais se superpõem. Assim, enquanto a comunidade o inscreve em uma demanda de tipo predominantemente pessoal, a equipe de saúde espera do mesmo uma prática mais técnica e pedagógica. Os ACS, por sua vez, somam a expectativa de uma competência técnica a valores e conhecimentos que estão arraigados à sua cultura, e que entram em choque com aquela primeira, os quais algumas vezes nem eles próprios se sentem capazes de modificar em si mesmos. Observa-se que a posição do ACS é tanto mais difícil, porque é híbrida e de mediação.

Conforme Cheavegatti (2008) no discorrer da realização do desenvolvimento dessas atividades ocupacionais, os agentes comunitários de saúde estão vulneráveis a cargas de trabalho, a situações estressantes que, geram, ao longo do tempo, desgaste, desânimo e muitas das vezes o estresse emocional. Em outras palavras, as cargas de trabalho e o desgaste psicobiológicos do trabalhador são fatores indissociáveis do processo saúde-doença.

4 FATORES ESTRESSANTES DECORRENTES A FUNÇÃO DO ACS

O trabalho desenvolvido pelos Agentes Comunitários de Saúde mostra algumas situações na relação trabalhadoras usuário, que demandam

certo gasto de energia e adaptação em virtude do contato direto com a realidade. O fato de residirem na área de abrangência de trabalho somado às características individuais de cada trabalhador pode desencadear o processo de estresse. (SOUZA, 2002).

O estresse representa uma situação de risco, e, dependendo da intensidade, as reações orgânicas direcionadas a um determinado órgão alvo com sintomas psicossociais, características da fase de resistência, podem levar à exaustão do organismo. Se, durante as atividades, a equipe de saúde se depara com situações conflituosas ou de difícil resolução, os profissionais da saúde poderão apresentar alterações psicofisiológicas, as quais são capazes de causar reações no organismo com componentes físicos e/ou psicológicos causando o estresse. (THOMÉ e GAZOLLA *et al.* 2012).

Segundo Santos e David (2011) o estresse exige do indivíduo uma adaptação de seu padrão comportamental no dia-a-dia. Cada indivíduo possui certa quantidade específica de energia adaptativa e esta energia é limitada. Durante um prolongado estresse a pessoa torna-se vulnerável ao aparecimento de doenças, pois pode ter ultrapassado a reserva de energia adaptativa que possuía, ocorrendo um desequilíbrio orgânico em resposta às influências, tanto internas quanto externas.

O estresse ocupacional ocorre quando há concepção do trabalhador da sua incapacidade para atender as demandas solicitadas pelo trabalho, causando sofrimento, mal-estar e um sentimento de inabilidade para enfrentá-las. (SILVA, 2010).

De acordo com Camelo e Angenari (2004), durante suas atividades, uma equipe se confronta com situações de que de modo irrite,

excitem ou confundam, ela apresentará alterações psicofisiológicas as quais promoverão uma reação do organismo com componentes físicos ou psicológicos, essa reação é a que já denominamos anteriormente como estresse ocupacional.

O termo estresse foi utilizado na área de saúde, pela primeira vez em 1926, por SELYE, no qual notou que muitas pessoas sofriam de várias doenças físicas, e queixam de alguns sintomas em comum. Varias atividades profissionais, muitas vezes realizadas sem nenhuma preocupação com medidas de proteção coletiva e individual, podem causar sérios riscos à saúde dos trabalhadores. Outras atividades estão diretamente ligadas com a organização do trabalho onde o indivíduo está inserido, levando ao comprometimento orgânico e/ou ao comprometimento mental .(SANTOS, 2011).

Para Custódio et. al. (2006) o trabalho realizado e desenvolvido pelos Agentes Comunitários de Saúde revelam algumas posição em relação trabalhador e o indivíduo, que geram certos gastos de energia e adaptações em atributo do contato direto com a realidade. No que se diz respeito o fato de residirem na área de abrangência de trabalho somado às características individuais de cada trabalhador pode desencadear o processo de estresse.

A falta de uma clara delimitação de atribuições no papel do ACS tem sido distorcida sobrecarregando, muitas vezes, seu trabalho. Qualquer ação que deva ser desenvolvida nas famílias e na comunidade é atribuída ao ACS. Assim, a identificação de crianças fora da escola, à limpeza das caixas d'água para combater o mosquito da Dengue, a reclamação ao proprietário de uma pocilga instalada numa área urbana, tudo isso e muito mais é de responsabilidade do ACS. Isso tem implicação direta no processo

inadequado de qualificação, pois passa a receber diversos micros treinamentos, fragmentado, dado por diferentes programas, fora do contexto e sem uma sequência lógica, trazendo desgaste físico e emocional desses profissionais. (TOMAZ, 2002).

Frequentemente, o trabalho da equipe de Saúde da Família e especialmente dos Agentes Comunitários de Saúde requer a conveniência de se produzir muito em pouco tempo. Os trabalhadores vivem em constantes sobrecargas tanto qualitativas, quanto quantitativas, representando alto volume de trabalho mental por unidade de tempo e complexidade do trabalho frente a capacidades e experiências do trabalhador. Essas sobrecargas estão diretamente ligadas a fatores estressantes em um ambiente de trabalho representando uma preocupação. Além disso, o excesso de trabalho e a pressão por maior produtividade estão presentes em todos os degraus da hierarquia profissional. (CUSTÓDIO et. al. 2006).

Conforme Silva e Menezes (2008) os fatores relacionado ao esgotamento do profissional incluem idade, estado civil, tempo de trabalho, sobrecarga de trabalho, conflitos interpessoais e entre os ocupantes do cargo e sua clientela, falta de suporte social, de autonomia e de participação nas decisões em um ambiente de trabalho.

De acordo com Thomé e Gazolla et. al. (2012) além da sobrecarga ocupacional, o trabalho tedioso e repetitivo gera decepção e desânimo, o não reconhecimento do trabalho e o abatimento por não poderem trabalhar de forma efetiva, na melhoria da qualidade de vida dos usuários, já que a maior parte dos problemas é estrutural dependendo de políticas

econômicas e sociais, para sua solução, estes fatores afetam a condição psíquica desse trabalhador.

Colaborando com os autores acima citados, Ursine, Trelha e Nunes (2010), dizem que no cotidiano, os ACS sofrem inúmeras situações de tensão. Pelo fato de residirem nas áreas onde trabalham, eles vivem o cotidiano da comunidade, com seus aspectos positivos ou negativos, seguramente, com mais intensidade do que os outros membros da equipe de saúde.

Camelo e Angerami (2004 *apud* Ursine, Trelha e Nunes, (2010) evidenciaram que a presença de trabalhadores estressados pode causar ineficiência nas atividades, problemas na comunicação, desorganização do trabalho e diminuição da produtividade nas equipes de saúde da família.

5 METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos propostos neste estudo, e para responder sua questão norteadora, utilizou-se como método de estudo uma abordagem qualitativa de caráter descritivo. - o Discurso do Sujeito.

A entrevista semiestruturada foi realizada com os Agentes Comunitários de Saúde como metodologia auxiliar na obtenção de dados qualitativos, sendo possível analisar e extrair informações valiosas sobre o ambiente, a partir da percepção sobre o estresse no local onde trabalham.

Para Minayo (2001, p: 21), a pesquisa qualitativa busca motivações e aspirações:

“A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela

trabalha com o universo de significado, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.”

Neste estudo foram entrevistados agentes comunitários de saúde residentes em Unaí-Mg. O universo de estudo foi composto pelo número total de ACS's que atuam em um ESF (Estratégia da Saúde da Família) de Unaí-Mg.

A amostra por acessibilidade foi composta por sete agentes comunitários de saúde, que aceitaram participar da pesquisa. Foram excluídos aqueles ACS's que não aceitaram participar do estudo.

A coleta de dados ocorreu no período entre 19 e 20 de setembro de 2013, por meio de questionário estruturado (anexo I) composto por 04 questões abertas, abordando as seguintes variáveis: a situação dos ACS's no ambiente de trabalho; As atividades ocupacionais realizadas no ESF (Estratégia da Saúde da Família); Atividade ocupacional que mais gera estresse; A unidade oferece algum tipo de lazer que reduz o estresse.

Segundo Diniz *et al.* (2011) o emprego da técnica de entrevistas com questionários semiestruturados é uma prática que se utiliza entre as ciências humanas. Para a consecução dos dados objetivos, a análise indutiva de dados estatísticos é um método clássico e dedicado nas ciências humanas.

6 RESULTADOS: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Quando indagadas na primeira pergunta sobre se elas acham que seu trabalho é uma atividade estressante e quais motivos fazem com que esse estresse ocorra, tivemos seis entrevistadas que responderam que é

devido a diversos motivos e uma delas relatou que nem sempre o ambiente de trabalho é estressante, como se verifica com as falas reproduzidas abaixo:

R1: "Sim. Quando, aparecem alguns pacientes ignorantes e impacientes"

R2: "Sim, quando atendemos um paciente que nos trata com falta de educação"

R3: "Sim. Quanto fazem muito barulho ao aguardar o medico, quando os pacientes chegam nervosos de casa e desconta em nós, e muita conversar na recepção"

R4: "Sim. Porque lidar com pessoas impacientes e cheia de problemas gera estresses, além disso, há também o desgaste por desempenhar funções que não são de minha competência"

R5: " Sim. Pois lidar com problemas de saúde as vezes o ambiente de trabalho fica tenso, já que as vezes certos problemas não cabe a nos da UBS resolver, ou seja dependemos de outros setores da saúde publica"

R6: "Sim, Lidamos com vidas: problemas físicos, psicológicos dos pacientes, as vezes nos afetam e muito!"

R7: "As vezes. Porque não e fácil lidar com ser humano"

Percebeu-se pelas respostas das entrevistadas, que o maior fator gerador de estresse em seu ambiente de trabalho é o lidar com seres humanos, pois como foi relatado, os pacientes chegam muitas vezes estressados, sem paciência e acabam tratando as profissionais com falta de educação. Além de tais problemas, a falta de recursos e a dependência de outros órgãos geram também estresse nessas profissionais.

Para Martins (2011) os principais fatores estressores são apontados como características do trabalho em saúde e a classe dos estressores no qual estão diretamente ligados ao relacionamento interpessoal no trabalho. Os profissionais de saúde tende a ficar expostos a estressores adstritos ao relacionamento interpessoal no trabalho, de preferência por terem que lidar com demandas expurgantes dos pacientes que atendem. Sendo que, a exposição crônica aos fatores estressores dessa

natureza podem desenvolver intensas exaustões emocionais, como exemplos, a redução da satisfação no ambiente de trabalho e a dificuldades para lidar com os pacientes de forma humanizada, podendo levar assim a um quadro clínico chamado esgotamento profissional.

Na segunda pergunta, quando indagadas sobre as atividades ocupacionais realizadas por tais profissionais na ESF, todas as setes responderam as mesmas atividades, como descrita nas falas:

R1:"Visitas domiciliar, visita acompanhado o médico, recepção, reunião dos diabéticos e dos hipertensos, bolsa família, alongamento com os idosos."

R2:"Fazemos visitas domiciliares, ajudamos na recepção, arquivos, farmácia, dentre outros."

R3:Visita domiciliar, visita acompanhado o médico, recepção, pesagem do bolsa família, reunião com HÁ/DIA, alongamento com os idosos, HÁ/DIA, requisição citopatológico auxílio na vacina."

R4:" Atendimento na recepção e triagem, visitas domiciliares, auxílio na vacina e curativo."

R5:"São visitas domiciliares mensais e atendimento de recepção, organização de reunião de HÁ/DIA mensal, auxílio em sala de vacina e sala de curativo."

R6:" Entre muitas atividade, a visita domiciliar; onde colhemos informações e orientamos o paciente sobre a estratégia da saúde da família!

R7:" Visita domiciliar, recepção, reunião de DIA/HA, pesagem bolsa família auxilia no curativo, preencher cartão espelho, e etc..."

De acordo com Santos e David (2011) o trabalho em saúde da família representa uma proposta de melhoria da assistência à saúde da população, com esse fato gera uma sobrecarga á saúde da equipe. Durante as atividades ocupacionais realizadas pelos os ACS's, essas profissionais podem se deparar com situações conflituosas ou de difícil solução, acarretando aos profissionais da saúde alterações psicofisiológicas e desgaste emocional, uma vez que essas alterações são capazes de causar

reações no organismo com componentes físicos e/ou psicológicos podem causar o estresse. (CUSTÓDIO et. al, 2006).

Como citado pelo autor, as atividades desenvolvidas pelos ACS, são na maioria das vezes atividades que exigem muito esforço e atenção desses profissionais e geram uma grande sobrecarga na equipe, o que pode ter como consequência o estresse gerado por tais situações.

Na terceira pergunta, foram perguntadas sobre qual à atividade ocupacional que gera mais estresse na ESF, obteve-se as seguintes falas:

R1: "Pesagem da bolsa família".

R2: "Ficar na recepção".

R3: "Às vezes "na recepção".

R4: "Atender na recepção no acolhimento dos pacientes".

R5: "Recepção".

R6: "Triagem"

R7: "Ficar na recepção".

Como observou-se nas falas das entrevistadas, seis das sete entrevistadas citaram que a recepção dada aos pacientes é a situação que mais gera estresse e conflitos dentro do ambiente de trabalho, o que se pode perceber é que tal atividade envolve o contato direto com os pacientes e como já citado o lidar com pessoas, seria o fator mais estressante nos serviços desenvolvidos pelo ACS.

Simões (2009), diz que além de sobrecarregados com tarefas de sua atribuição do dia-a-dia, o ACS passa a ser o conhecido "tapa buraco" na ausência de outros profissionais nos serviços de saúde, as ações em torno da assistência médica e do controle de riscos, como exemplos, o reforço da conduta médica, controle de medicação e tratamento, marcação de exames e consultas representa a maior parte das atuações dos agentes.O

ACS também pode ser uma vítima do estresse, devido às altas cargas físicas e emocionais que podem acumular durante o desenvolvimento de seu trabalho, pois na maioria das vezes a porta de entrada do paciente ao serviço de saúde se dá através de tais profissionais.

Na quarta pergunta realizada aos entrevistados foi interrogado, se a unidade oferece algum tipo de lazer que reduz o estresse? Se sim qual? Obteve-se as seguintes respostas:

R1: "Sim atividades físicas, (Alongamento)".

R2: "Sim, todas as segundas e quartas feiras participamos dos exercícios que é oferecido para os idosos".

R3: "Sim, alongamento na praça com fisioterapeuta".

R4: "Não".

R5: "Sim, exercícios de alongamento na praça ao lado da UBS duas vezes na semana".

R6: "Sim, Alongamento 2 x por semana na praça, onde a fisioterapeuta reúne , principalmente os idosos, HÁ e DIA. OBS: Trabalhar com idosos é a atividade que a mim pessoalmente me traz maior prazer".

R7: "Sim ginástica na praça".

Diante das falas, percebeu-se que seis das sete entrevistadas disseram que a unidade tem uma atividade que ajuda a reduzir o estresse gerado pelo seu trabalho, porém tais atividades não são especificamente realizadas em prol destes profissionais, pois como relatado à ginástica é realizada para os grupos de riscos da unidade de saúde. Constatou-se então que a unidade não desenvolve nenhuma ação específica em prol da saúde das ACS, porém de qualquer maneira essas atividades tem sido uma aliada na redução do estresse na rotina destes profissionais.

De acordo com Lentine, Sonoda e Biazin (S/D) para o alívio do estresse no ambiente de trabalho pode ser obtido por meio de exercício físico ou de qualquer tipo de meditação, como a ioga, algumas vezes, a

mudança de ambiente ou de modo de vida produz boa resposta terapêutica. Somente com o conhecimento e conscientização dos fatores de risco de adoecimento no trabalho é possível estabelecer medidas corretas para a redução do estresse e prevenção de doenças que nele têm de se originar nos profissionais de saúde.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do estudo sobre o estresse ocupacional em relação aos ACSs atuantes no PSF é caracterizado pelos vários fatores que podem dificultar sua atuação no ambiente de trabalho, como também consequências negativas para saúde física e mental dos mesmos. Esses profissionais lidam diretamente com os problemas de saúde da população. Dessa forma evidencia-se a importância de se olhar com maior cuidado para tais profissionais, pois os mesmos fazem parte de uma gama de profissionais que trabalham sob grande pressão da sociedade e que necessitam de ações que ajudem na diminuição do estresse e melhor qualidade de vida dentro do local de trabalho.

A avaliação do estresse ocupacional dos Agentes Comunitários de Saúde é de grande relevância, visto que o baixo controle e as altas demandas exigidas pelo trabalho podem contribuir para o desenvolvimento do estresse em relação à atividade ocupacional. Desta maneira, a melhoria das condições de trabalho resultará em benefícios tanto para a equipe de Saúde da Família quanto para a comunidade assistida.

Essas sobrecargas de trabalho, desvios de função e os conflitos gerados no dia a dia dos ACSs, ocasionam doenças como estresse e

depressão, afastamentos do trabalho, baixa produtividade e também a desmotivação dos mesmos.

O “lidar com gente”, tem sido um grande agravante na rotina desses profissionais, e como relatado à unidade não dispõem de nenhuma ação específica que diminua tais consequências. Cabe a esses profissionais e a comunidade encontrar meios que possibilite uma melhor relação entre ambos e que amenize esses conflitos gerados no decorrer do trabalho das ACS.

Tratando-se do enfermeiro, cabe a este, desenvolver ações diretamente ligadas aos ACS e criar meios específicos que ajudem na rotina desses trabalhadores, como também o ato de supervisionar toda e qualquer ação que ocorra dentro da ESF, como preconizado pelo Ministério da Saúde. O enfermeiro deve ser elemento fundamental no favorecimento de ambientes saudáveis dentro da ESF, tanto para a população assistida, quanto para os profissionais integrantes da equipe.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMELO, Silvia H. Henriques; ANGERAMI, Emília Luigia Saporiti. Sintomas De Estresse Nos Trabalhadores Atuantes Em Cinco Núcleos De Saúde Da Família. **Rev. Latino Americana de Enfermagem**.2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v12n1/v12n1a03.pdf>>. Acesso em: 16 de set. de 2013.

CHEAVEGATTI, Denise. **Trabalho e adoecimento na perspectiva de agentes comunitários de saúde da coordenadoria de saúde centro-oeste de do município de São Paulo**. Dissertação (Graduação em enfermagem). São Paulo 2008.

CUSTÓDIO, Lidiane Cristina; *et al.* Avaliação do estresse ocupacional em Agentes Comunitários de Saúde da região metropolitana de Belo Horizonte

– MG. **Rev. Bras. Med. Fam. e Com.** Rio de Janeiro, v.2, n° 7, out/dez 2006. Disponível em:
<https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja_g&bvm=bv.52434380,d.dmg>. Acesso em: 17 de set. de 2013.

DINIZ, M. T. M. *et al.* Utilização de Entrevistas Semi-estruturadas Na Gestão Integrada de Zonas Costeiras: o Discurso dos Sujeito Coletivo Como Técnica Auxiliar. **Rev. Scientia Plena.** 2011. Disponível em:
<<http://www.scientiaplenu.org.br/ojs/index.php/sp/article/viewFile/205/79>>. Acesso em: 16 de set. de 2013.

LARA, Maristela Oliveira; BRITO, Maria José Menezese REZENDE, Lilian Cristina. Aspectos culturais das práticas dos Agentes Comunitários de Saúde em áreas rurais. **Rev. esc. enferm.** USP. 2012. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S008062342012000300020> Acesso em: 16 de set. de 2013.

LENTINE, Edvilson Cristiano; SONODA , Tereza kiomi; BIAZIN, DamaresTomasin. **Estresse de profissionais de saúde das Unidades básicas do município de Londrina.** S/D.TERRA E CULTURA, ANO XIX, Nº 37,S/A. Acesso em: 20 de set. 2013.

MARTINS, Leonardo Fernandes. **Estresse ocupacional e esgotamento profissional entre profissionais da atenção primária a saúde.** Dissertação - (Mestrado em Psicologia), Juiz de Fora, 2011.

MINAYO, M.C.S..**Pesquisa Social:** teoria, método e criatividade. 19 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NUNES, Mônica de Oliveira *et al.* **O agente comunitário de saúde: construção da identidade desse personagem híbrido e polifônico.** Cad. Saúde Pública, vol.18, n.6, 2002. Disponível em:
<http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102311X2002000600018&lng=pt&nrm=iso>

PERES, Cássia Regina Fernandes Biffe; CALDAS JUNIOR, Antonio Luiz; SILVA, Roseli Ferreira da e MARIN, Maria José Sanches. O agente comunitário de saúde frente ao processo de trabalho em equipe: facilidades

e dificuldades. **Rev. Esc. Enferm.** USP, 2011. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0080-62342011000400016&script=sci_arttext>

SANTOS, Ítalo Emanuel Rolemberg Dos. **Estresse Ocupacional Em Agentes Comunitários De Saúde Da Cidade De Aracaju-sergipe.** Aracaju, Outubro, 2011. Dissertação (Mestrado em Saúde e Ambiente).

SILVA, Andréa Tenório Correia; MENEZES, Paulo Rossi. Esgotamento profissional e transtornos mentais comuns em agentes comunitários de saúde. **Rev. Saúde Pública.** 2008. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S003489102008000500019&script=sci_arttext> Acesso em: 17 de set de 2013.

SILVA, Juliana Fernandes da Costa. **O estresse ocupacional e suas principais causas e consequências.** Rio de Janeiro, 2010. Disponível em:<http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/k213171.pdf>. Acesso em: 16 de set. de 2013.

SIMÕES, Aline Rios. O agente comunitário de saúde na equipe de saúde da família: fatores de sobrecarga de trabalho e estresse. **Rev. Saúde Pública.** Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, v.2, n.1, jan./jul. 2009. Disponível:
<https://saude.sc.gov.br/sistemas/revista/index.php/inicio/article/viewFile/3761>. Acesso em: 20 de set. 2013.

SOUZA, Alfeu Duarte de; CAMPOS, Círbia Silva et al. **Estresse E O Trabalho.** Campo Grande-M.S, 2002. Disponível em .<<http://www.bvsde.paho.org/bvsacd/cd26/fulltexts/0708.pdf>>. Acesso em: 17 de set de 2013.

THOMÉ, Angélica Cristina Félix; GAZOLLA, Heliana Farias. **Fatores Estressantes Relacionados Ao Trabalho Do Agente Comunitário De Saúde.** Palmital, 2012. Disponível em:
<<http://www.etecpalmital.com.br/tcc/agentecomunitariodesaude/2012/FATORES%20ESTRESSANTES%20RELACIONADOS%20AO%20TRABALHO%20DO%20AGENTE%20COMUNITARIO%20DE%20SAUDE.pdf>>. Acesso em: 17 de set de 2013.

TOMAZ, José Batista Cisne. **O agente comunitário de saúde não deve ser um “super-herói”**. Comunic. Saúde, Educação, v6, n10, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v6n10/08.pdf>> Acesso em: 17 de set de 2013.

URSINE, Bárbara Lyrio; TRELHA, Celita Salmaso e NUNES, Elisabete de Fátima Polo Almeida. **O Agente Comunitário de Saúde na Estratégia de Saúde da Família: uma investigação das condições de trabalho e da qualidade de vida**. **Rev. bras. saúde ocupacional**. Vol.35, n.122, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S030376572010000200015&script=sci_arttext>

VASCONCELLOS, Natália de Paula Carneiro; COSTA, Ricardo. **Avaliação Da Qualidade De Vida Dos Agentes Comunitários De Saúde De Lagoa Santa - MG**. **Rev. APS**.v. 11, n. 1, p. 17-28, Jan./Mar. 2008. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/nates/files/2009/12/017-028.pdf>>. Acesso em: 17 de set. de 2013.

A EDUCAÇÃO FÍSICA E SUAS CONTRIBUIÇÕES NO ENSINO FUNDAMENTAL: ANOS INICIAIS

Fernanda Fernandes Trigueiro

Acadêmica curso de Educação Física

Graziela Cristina Simões

Mestra e coordenadora do curso de Educação Física

Renata Aparecida Dantas

Professora Mestra do curso de Educação Física

Diego Ramiro

Professor Especialista do curso de Educação Física

RESUMO

O presente estudo bibliográfico versa as contribuições da prática da Educação Física nos anos iniciais do ensino fundamental e de que forma ela pode ajudar na formação integral da criança. Assim, busca-se apresentar algumas maneiras para que as aulas possam colaborar para o processo de ensino de forma que não se perca de vista os aspectos motores, sociais, afetivos e psicológicos dos alunos a partir dos conteúdos trabalhados. A Educação Física deve introduzir o aluno na cultura corporal de movimento, formando um cidadão consciente da importância de uma vida ativa, capacitando-o para usufruir de suas práxis como os jogos, esportes, danças, lutas, e ginásticas, em benefício de exercer a cidadania plena e melhoria de sua qualidade de vida. Cabe à disciplina tratar das representações e práticas sociais que constituem a cultura corporal do movimento, estruturada em diversos contextos históricos e de algum modo vinculadas ao campo do lazer e à promoção da saúde.

Palavras chave: Educação física escolar. ensino fundamental. formação integral.

ABSTRACT

This bibliographical study deals contributions of the practice of physical education in the early years of elementary school and how it can help in development of children. Thus, we seek to present some ways for classes to collaborate for the teaching process so as not to lose sight of the motor aspects, social, emotional and psychological students from the contents worked. Physical Education should introduce the student to the culture of body movement, forming an awareness of the importance of an active citizen life, enabling him to enjoy his praxis as games, sports, dancing,

wrestling, and gymnastics, the benefit of exercise full citizenship and improving their quality of life. It is the discipline dealing with representations and social practices that constitute the physical culture movement, structured in different historical contexts and in some way related to the field of leisure and health promotion.

Key words: School physical education. elementary school. comprehensive training

1 INTRODUÇÃO

A Educação Física com o passar do tempo sofreu mudanças significativas perante o conceito de conteúdo escolar, muitos professores a discriminavam como disciplina de lazer e do brincar, mas ainda hoje, ela passa por um processo de transformação e se torna importante como as demais disciplinas escolares. Apesar das várias mudanças, a Educação Física ainda necessita de condições necessárias para que o ensino ocorra de forma eficiente, ocupando seu lugar de destaque dentro da escola, buscando o desenvolvimento integral do educando, interligando o corpo e a mente.

A Educação Física trata, pedagogicamente, do conhecimento de uma área denominada de cultura corporal. Ela enquanto componente curricular deve orientar e interferir na formação de sujeitos críticos, pelas suas possibilidades de desenvolver a dimensão psicomotora, com os domínios cognitivos e sociais, sendo assim de suma importância. (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Neste sentido a escola deverá ser um espaço para o desenvolvimento integral do aluno, onde serão promovidas as atividades

físicas, a educação para a saúde, além de ser uma ferramenta importante de oportunidades de aproximação para se praticar uma atividade física.

Atualmente a Educação Física deve promover uma aprendizagem significativa para os alunos, mas, para que isso aconteça e a Educação Física seja valorizada na escola, é preciso que o professor tenha consciência da sua importância dentro da mesma e na vida dos alunos.

Uma situação problemática é que, ao contrário das demais disciplinas, a Educação Física escolar, não possui uma sequência de conteúdos que acompanhe o desenvolvimento da atividade curricular do aluno nos anos iniciais e nos anos finais, fazendo com que os mesmos conteúdos, procedimentos de ensino e objetivos sejam vivenciados e repetidos por alunos de diferentes faixas etárias. (MOREIRA, 1995).

A Educação Física deve ser vista como um conjunto de atividades prazerosas, uma disciplina importante, com valores a serem trabalhados, principalmente nas séries iniciais. Assim, o objetivo do presente estudo é mostrar as contribuições da prática da Educação Física no ensino fundamental nos anos iniciais, o qual será desenvolvido através de uma pesquisa bibliográfica, a partir do material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.

2 A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Na pré-história o homem dependia dos seus movimentos para sobreviver, com os atos físicos que utilizavam para suprir suas necessidades de sobrevivência. Ao considerar a cultura primitiva em qualquer das suas dimensões (social, econômica ou política), sabe-se que a

atividade física foi fundamental para os povos que viviam em cavernas naquela época. Durante a maior parte de sua existência, o homem necessitava de sua força, velocidade, resistência de movimentos corporais diversificados e exercitações intensas para sobreviver. As constantes mudanças em busca de habitação faziam com que eles realizassem longas caminhadas, com a necessidade em boa parte delas de lutar, correr, saltar, lançar e nadar, além disso, foram descobrindo o canto, a dança, os rituais de adoração e, sobretudo, o uso da linguagem, que se compõe o principal instrumento educativo, de comunicação e de transmissão da cultura. (OLIVEIRA, 1983; AGUIAR e FROTA, 2008).

É importante ressaltar a contribuição da civilização grega, nesse período, o aspecto “atividade física” compunha uma característica essencial na vida cultural da Grécia em todos os seus momentos. Ela foi idealizada para aperfeiçoar o atleta herói, conduzindo ao bom desempenho atlético da aristocracia guerreira. De um modo geral, pode-se definir a Educação Física grega como um conjugado de atividades com o intuito de desenvolver os valores morais e perfeição física, buscando a formação de um indivíduo saudável, belo, forte e virtuoso. (AGUIAR e FROTA, 2008).

De acordo com os autores supracitados, ao contrário dos gregos, os romanos realizavam suas manifestações culturais de modo eminentemente prático, ou seja, era destinada a formar um homem potencialmente físico, cheio de energia e vigor. Apresentava como principal finalidade a preparação para a aquisição de novas terras contemplando o ideal expansionista que os caracterizava. Em Roma a Educação Física estava voltada, também, para os aspectos da higiene e da saúde corporal.

Aproximando à idade média e renascimento, a Educação Física da época medieval, prevaleciam os torneios e as lutas entre cavaleiros, que apesar de serem realizados de forma única eram muito intensos e violentos, devido principalmente ao armamento utilizado pelos cavaleiros como as espadas e lanças. Então na renascença, recupera-se a concepção dos gregos de uma educação voltada para o homem de forma integral que prevalecia “o físico, o intelectual e a moral”, retomando dessa forma o valor da atividade física. No século IV, o imperador romano convertido ao cristianismo mandou demolir o templo de Zeus que era o Deus dos jogos olímpicos e acabou com a manifestação em honra de um Deus pagão e honra a sua supremacia das antigas crenças das divindades olímpicas pelo cristianismo. (MELO, 1993).

Depois de ter sido quase extinta na idade média, inicia-se um movimento na Itália, que é denominado como berço da Educação Física moderna, onde se criaram escolas de Educação Física e com esse afervoramento, também foram editados livros da área. Como, o homem sempre teve grande interesse no seu próprio corpo, o período da renascença fez explodir novamente a cultura física, as artes, a música, a ciência e a literatura. (ARANTES, 2008).

No Brasil teve na sua história como principal influência a corrente francesa de ginástica, a partir do qual chegaram os primeiros estímulos que vieram a contribuir para os alicerces da Educação Física. A ginástica foi utilizada por militares, que dominaram o cenário da Educação Física francesa ao longo do século XIX. Em 1819 foi fundado o primeiro instituto de ginástica para o exército e para as escolas civis. O que realçava a ginástica francesa era o seu marcante espírito militar e uma preocupação

básica com o desenvolvimento da força muscular, não sendo, pois adequada a ambientes escolares. (OLIVEIRA, 1983).

O grande avanço se deu através da reforma de Couto Ferraz, realizada em 1851, com a Lei nº 630 que oficializou a introdução da Educação Física na escola. Trinta anos depois, em 1882, Rui Barbosa emitiu parecer sobre o projeto de “reforma do ensino primário, secundário e superior”, sugerindo a ginástica como atividade de extrema importância para a formação integral do jovem, tendo em vista que os países mais desenvolvidos politicamente já haviam aderido a essa concepção. Rui Barbosa defendia a Educação Física como disciplina de formação intelectual, moral e espiritual da juventude. (MATTA, 2001).

No ano de 1882, Rui Barbosa da um parecer sobre o Projeto 224, reforma Leôncio de Carvalho, Decreto nº. 7.247, de 19 de abril de 1879, da instrução pública, no qual defendia a inclusão da ginástica nas escolas e o nivelamento dos professores de ginástica aos das outras disciplinas. Nesse parecer, então se destaca e explícita sua ideia central sobre a “importância de se ter um corpo saudável para sustentar a atividade intelectual”. No começo deste século, a Educação Física, ainda sob o nome de ginástica, foi introduzida nos currículos dos estados da Bahia, Ceará, Distrito Federal, Minas Gerais, Pernambuco e São Paulo. Nesse mesmo período a educação brasileira sofria uma forte influência do movimento escola-novista, que comprovou o valor da Educação Física no desenvolvimento integral do ser humano. (BRASIL, 1997).

Conforme Darido e Rangel (2005), durante o período do Brasil República, de 1890 a 1946, afirma que influenciado principalmente pelas tendências políticas e pensamentos filosóficos da época, a Educação Física

seguiu dois modelos, **Higienista (1890-1930)**: que visava à saúde e os hábitos de higiene, propondo o desenvolvimento físico e moral do jovem, e **Militarista (1930-1946)**: cujos objetivos eram nitidamente voltados para a seleção de jovens aptos para a guerra, excluindo indivíduos que não se encaixavam no perfil físico de combate.

Por volta dos anos 1950-1960, passa a se refletir uma Educação Física apoiada nos pressupostos do liberalismo, busca integrar a rede pública de ensino como uma disciplina “educativa por excelência”, incorporando a tendência pedagogicista. O Brasil tentou modelar e seguir a organização americana nos desportos e assim tentando difundir-las, inaugurando novas práticas e até mesmo novas posturas para os profissionais da área. A tendência pedagogicista no cenário brasileiro foi orientada no sentido de formar o cidadão. (AGUIAR e FROTA, 2008).

Em 1961 com o Decreto de Lei nº 4.024/61 da primeira LDB oficial do Brasil, foi quando a Educação Física adquiriu sua notoriedade na escola. As estruturas da educação escolar naquela época por serem diferentes, receberam a denominação de primário (quatro anos), (o 5º ano) e o ginásio também tinham duração de quatro anos. Neste sistema, as aulas de Educação Física versavam em ensinar a ginástica formativa, fundamentos de jogos (modalidades esportivas coletivas), valendo-se do Método “da desportiva generalizada”; em que não se previa processo de inclusão daqueles que não se adequassem a normalidade. (ARANTES, 2008 apud MARTINS e SILVA, 2012).

Com o Decreto nº. 69.450, de 1971, trazia então a obrigatoriedade da Educação Física em todos os níveis de escolarização, e passava a ser considerada como “a atividade que por seus meios, processos e técnicas,

desenvolvesse e aprimorasse forças físicas, morais, cívicas, psíquicas e sociais do educando”. O Decreto deu destaque à aptidão física, tanto na organização das atividades como no seu controle e avaliação, e a iniciação esportiva, a partir da 5º série, se tornou um dos eixos fundamentais de ensino; buscava-se a descoberta de novos talentos que pudessem participar de competições internacionais, representando a pátria. (BRASIL, 1998, p. 21).

A nova LDB de 1996 é um marco para uma nova era da Educação Física, estabelecendo-a como um componente curricular para a educação básica, que, por si só, não assegura a composição de uma Educação Física que seja para todos os alunos e se aconteça com todos os alunos. Para sua consolidação como um componente curricular, foram criados decretos e leis e, para que estes possam ser cumpridos, se faz necessário o profissional licenciado em Educação Física na sala de aula, pois com o empenho destes educadores e das novas concepções de ensino, poderá fazer com que surja uma Educação Física que luta pelo seu espaço e consolidação na escola brasileira. (MARTINS e SILVA, 2012).

Assim, a Educação Física deve ser exercida em toda a educação básica segundo a Lei, mas as mudanças esperadas ainda continuaram genéricas, não ficou garantida a presença das aulas de Educação Física em todas as séries da educação básica, e muito menos que quem ministrasse essas aulas, fosse somente profissionais com formação específica em Educação Física, assim abriu-se brecha para que outros profissionais pudessem lecionar as aulas de Educação Física. (BRASIL, 2003).

Desta forma, a finalidade principal da Educação Física seria a preparação do corpo para o trabalho, apesar dela ser obrigatória, servia

apenas como um mero componente extracurricular sem nenhum comprometimento com a formação do alunado, o que a fez ser identificada, por muito tempo nas escolas brasileiras, como uma disciplina simplesmente acrítica e de práticas corporais. (MARTINS e SILVA, 2012).

3 RESSIGNIFICANDO A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

A Educação Física escolar ganhou força com a nova LDB nº 9.394/96. Através dela, a Educação Física passou a ser componente curricular obrigatório na escola, e assim fazendo parte marcante em toda educação básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, com isso, a Educação Física passa a buscar a sua legitimidade como disciplina escolar. (BRASIL, 1996).

Segundo Neira e Correia (2010), nos últimos anos a Educação Física escolar passou por grandes transformações, previamente era definida como uma disciplina que tratava apenas do ensino das técnicas esportivas, hoje, ela é considerada como componente curricular responsável pelo foco pedagógico dos conteúdos culturais na escola. Ela desencadeia de uma área que lidava com a aptidão física de alto rendimento, e passa a ser redefinida como uma área que aborda os conhecimentos corporais e culturais do indivíduo.

Dessa forma, surge a necessidade de abrir novos espaços para a Educação Física na escola, não somente espaços físicos como quadras e piscinas, mas espaço institucional, onde os alunos percebam, incorpore e utilize os conhecimentos pedagógicos aprendidos nas aulas de Educação Física, aplicando nas suas relações sociais. (HALLAL, 2012).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) definem a Educação Física como “cultura do movimento corporal”, que está incluída no quadro dos objetivos gerais de todo o ensino fundamental. A multidisciplinariedade entra, então, como fator essencial no ensino da cultura do movimento corporal, por isso, a Educação Física deve tratar não só das suas áreas, mas também de aspectos ensinados por outras áreas, como o funcionamento do organismo, que está embasado na área de ciências e biologia, e o contexto cultural, social, histórico e geográfico das modalidades esportivas, das danças, das lutas, que encontramos nas áreas das ciências sociais. (BRASIL, 1997).

Os conteúdos para serem trabalhados nas aulas de Educação Física são diversos, como é o caso do esporte, das lutas, dos jogos, da dança e de outros que fazem parte da vida dos alunos e poderão ser desenvolvidos na escola. Se utilizar o conteúdo esporte como exemplo, seria não ensinar somente os fundamentos que compõem as diversas modalidades esportivas; só isso não evidencia uma aprendizagem profunda desse conhecimento. Torna-se necessário o aluno descobrir aspectos relativos à sua inserção social, sua história, seus elementos constitutivos, o “adversário” como parceiro de jogo, a mercantilização, o *fair play*, o suborno, o *dopping*, a ética, entre outros elementos que podem ser discutidos numa aula de Educação Física. (BRACHT, 2011).

Segundo Palafox (2010), para ministrar uma aula de Educação Física na escola, deve-se refletir acerca de quais objetivos se quer alcançar, então a Educação Física deverá ter como finalidade e a necessidade de ensinar e contribuir com a formação do caráter do aluno.

Quando se tem consciência de que o objetivo principal da Educação Física escolar é contribuir para formação geral dos estudantes, através do desenvolvimento das capacidades motoras, afetivas, cognitivas e sociais, visando à aquisição do hábito da prática regular de atividades físicas para uma vida saudável, fica mais fácil direcionar os caminhos a serem trilhados para se alcançar os reais objetivos. (HALLAL, 2012).

Nesse contexto, um dos admiráveis desafios da Educação Física escolar é criar condições de desenvolvimento e autoconhecimento dos alunos nos domínios, sociais, cognitivos, afetivos e motores, edificando assim uma vida saudável, ativa e produtiva, integrando de forma harmônica e adequada a mente, corpo e espírito por meio das experiências diferenciadas de atividade física na escola e fora dela. (ALVES, 2003).

4 A DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA

Segundo Decreto n.69.450, de 1 de novembro de 1971:

Art. 1º A educação física, atividade que por seus meios, processos e técnicas, desperta, desenvolve e aprimoram forças físicas, morais, cívicas, psíquicas e sociais do educando, constitui um dos fatores básicos para a conquista das finalidades da educação nacional.

Art. 2º A educação física, desportiva e recreativa integrará, como atividade escolar regular, o currículo dos cursos de todos os graus de qualquer sistema de ensino. (BRASIL, 197, s/p).

No mesmo Decreto nº 69.450, de 1 de novembro de 1971, em Art. 6º relatava que em qualquer nível de todos os sistemas de ensino era facultativa a participação nas atividades físicas programadas:

- a) aos alunos do curso noturno que comprovarem, mediante carteira profissional ou funcional, devidamente assinada, exercer emprego remunerado em jornada igual ou superior a seis horas;
- b) aos alunos maiores de trinta anos de idade;
- c) aos alunos que estiverem prestando serviço militar na tropa;
- d) aos alunos amparados pelo Decreto-lei nº 1.044, de 21 de outubro de 1969, mediante laudo do médico assistente do estabelecimento. (BRASIL, 1971, s/p).

As aulas de Educação Física nas séries iniciais do ensino fundamental tem uma grande relevância para o desenvolvimento integral da criança, seja no desenvolvimento motor, psíquico, seja na construção de conhecimento, ou na formação do cidadão como um todo, a partir do protagonismo do mesmo, articulando cultura, corpo e movimento. A prática do movimento nas séries iniciais é uma passagem para que a criança possa compreender melhor suas habilidades e consiga adaptá-las a outros exercícios dentro e fora do ambiente escolar. (DARIDO, 2003).

De acordo com Souza Júnior (1999), é necessário organizar didaticamente os conhecimentos pedagógicos para as aulas de Educação Física, objetivando sistematizar os seus conteúdos para possibilitar uma aprendizagem mais ampla e plural, pois o aprendizado não pode ficar restrito em apenas uma única aula ou específico a apenas um conteúdo, uma vez que a aprendizagem é um processo contínuo e gradativo.

Souza Júnior (1999, p. 19) esclarece que “críticas diversas são levantadas diante da organização do trabalho pedagógico na escola”, elas pautam-se principalmente nos determinantes sociopolíticos na elaboração do projeto pedagógico e nos aspectos que envolvem sua operacionalização. Com isso se a Educação Física é confundida como uma mera ‘atividade’,

relegada a algo sem importância no conjunto das disciplinas curriculares, restando-lhe o papel de mera executora de tarefas, mas isso deve ser visto como um equívoco frente à própria função social da escola, porque o papel da escola é fornecer aos alunos um saber sistematizado.

Nas aulas de Educação Física, pode-se ressaltar e contextualizar as temáticas relativas à saúde pessoal e as relações de poder que envolvem a mídia e meios de comunicação que tratam do corpo como produto de consumo. Muitas crianças e jovens são bombardeados com propagandas de bebidas alcoólicas, textos e filmes com situações às vezes debuxante pela mídia. (CORTELLA, 2009).

Assim, os professores de Educação Física desenvolvem alguns meios para alcançar seus objetivos, situando claramente seus conteúdos de ensino e sua organização nos diferentes ciclos de escolarização, diferente da linearidade de conteúdo que se repete de forma hegemônica em todos os níveis escolares, bem como esclarecer a ideia, muitas vezes cristalizada na escola, de que a Educação Física é um apêndice curricular, que se caracteriza principalmente pela organização de atividades complementares, e não pela função idealista de tratar pedagogicamente o acervo da cultura de movimento como o conhecimento pedagógico de que os alunos devem se apropriar e desfrutar no seu convívio social. (BETTI, 2011).

A disciplina Educação Física tem o benefício de trabalhar inteiramente sobre a plenitude do desenvolvimento humano, as suas atuações não se limitam às práticas mecânicas e esportivizadas. É preciso entender que existem muitas possibilidades para atingir aos objetivos e necessidades da disciplina, além de analisar a importância da Educação

Física voltada para a saúde, seguindo moldes da visão higienista do século passado. (DARIDO, 2003).

Conforme Betti (2009) fica bem explícito na literatura especializada de que, o jogo, o esporte, a ginástica, as lutas e as danças são os principais conteúdos da Educação Física na escola. Como todos são manifestações da cultura corporal de movimento, definidos por diversos valores e sentidos ligados diretos ou indiretamente à saúde, ao lazer, à espetacularização e à moralidade. Assim estão presentes em diversas dimensões sociais, econômicas e educacionais, então a Educação Física como disciplina escolar seleciona e trata pedagogicamente cada possibilidade destas manifestações, com certas intencionalidades educacionais implícitas ou explicitamente, que mudam conforme os contextos históricos culturais.

5 AS PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA

A Educação Física na escola tem um papel fundamental para o aluno na busca da concepção do que está acontecendo em sua volta e consigo mesmo, pois o processo de aprendizagem deve ocorrer de forma em que o aluno compreenda sua realidade e seja capaz de refleti-la, assim o educando se desenvolverá em sua totalidade, sem separar corpo e mente. As práticas dos exercícios físicos nas séries iniciais do ensino fundamental é uma porta para que a criança abranja melhor suas habilidades e consiga adaptá-las a outras atividades dentro e fora do ambiente escolar, levando assim como forma de aquisição para sua vida. (SANTANA, SANTANA e OLIVEIRA, 2012).

É nas primeiras séries que o professor deve ter um cuidado maior com o seu aluno, pois são vários os fatores que contribuem para o desenvolvimento integral da criança, fatores estes que podemos citar como: ambientais, neurológicos, afetivos, cognitivos, nutricionais, todos podem interferir no aprendizado de maneira positiva ou negativa, através das atividades lúdicas, jogos e brincadeiras desenvolvidas. O professor com esta faixa etária deve trabalhar com as crianças, vivências de sua cultura e sua realidade. Para que o mesmo consiga alcançar seus objetivos é indispensável utilizar muita criatividade e dinamismo. Sendo assim, é necessária maior atenção para os conteúdos da Educação Física que são passados na escola, pois desta forma eles podem contribuir com o desenvolvimento total do aluno. (FELTRIN, 2010).

Para que o desenvolvimento das crianças seja dado como ideal, deve-se propor desafios cada vez mais difíceis, porém o suficiente para que possam ser superados por suas capacidades, fazendo que todos se sintam motivados a transpor novos desafios. Quando se trata de crianças é necessário compreendê-las, pois somente assim pode-se detectar e suprir suas necessidades no aspecto social, motor, cognitivo, afetivo entre outros. (FREIRE, 1997).

O quadro 1 mostra algumas das contribuições que Educação Física traz diretamente para a formação do indivíduo e logo apresenta os conteúdos e objetivos que se espera dos alunos do 1º e 2º ciclos, enfatizando que pode-se fazer uma ligação direta entre eles, então os Parâmetros Curriculares Nacionais do 1º ao 5º ano apresentam os conteúdos em três blocos, assim propõe os objetivos que se devem alcançar

e o que as crianças devem ser capazes de executarem no final quando vivenciá-los.

Quadro 1 – Blocos de conteúdos a serem desenvolvidos juntamente com os objetivos gerais propostos para se trabalhar na Educação Física no Ensino Fundamental

Esportes, jogos, lutas e ginásticas	Atividades rítmicas e expressivas
Conhecimentos sobre o corpo	
<p>Participar de atividades corporais, estabelecendo relações equilibradas e construtivas com os outros, reconhecendo e respeitando características físicas e de desempenho de si próprio e dos outros, sem discriminar por características pessoais, físicas, sexuais ou sociais;</p> <p>Adotar atitudes de respeito mútuo, dignidade e solidariedade em situações lúdicas e esportivas, repudiando qualquer espécie de violência;</p> <p>Conhecer, valorizar, respeitar e desfrutar da pluralidade de manifestações de cultura corporal do Brasil e do mundo, percebendo-as como recurso valioso para a integração entre pessoas e entre diferentes grupos sociais;</p> <p>Reconhecer-se como elemento integrante do ambiente, adotando hábitos saudáveis de higiene, alimentação e atividades corporais, relacionando-os com os efeitos sobre a própria saúde e de recuperação, manutenção e melhoria da saúde coletiva;</p> <p>Solucionar problemas de ordem corporal em diferentes contextos, regulando e dosando o esforço em um nível compatível com as possibilidades, considerando que o aperfeiçoamento e o desenvolvimento das competências corporais decorrem de perseverança e regularidade e devem ocorrer de modo saudável e equilibrado;</p> <p>Reconhecer condições de trabalho que comprometam os processos de crescimento e desenvolvimento, não as aceitando para si nem para os outros, reivindicando condições de vida dignas;</p> <p>Conhecer a diversidade de padrões de saúde, beleza e estética corporal que existem nos diferentes grupos sociais, compreendendo sua inserção dentro da cultura em que são produzidos, analisando criticamente os padrões divulgados pela mídia e evitando o consumismo e o preconceito;</p> <p>Conhecer, organizar e interferir no espaço de forma autônoma, bem como reivindicar locais adequados para promover atividades corporais de lazer, reconhecendo-as como uma necessidade básica do ser humano e um direito do cidadão.</p>	

Fonte: BRASIL, 1997, p. 28 e 35.

Esta organização tem a função de evidenciar quais são os objetos de ensino e aprendizagem da Educação Física, que englobam os respectivos conteúdos que são indicados para se trabalhar na escola e que servirão

como subsídios para os professores, que deverão distribuir os conteúdos a serem repassados de maneira diversificada e adequada às possibilidades e necessidades de cada contexto. Os blocos se articulam entre si, proporcionando ao professor optar e adequá-los dentro dos objetivos propostos para as suas aulas.

Ressalta-se que a Educação Física escolar deve colaborar na melhoria das habilidades sociais, utilizando as aulas para estimular por meio de atividades lúdicas e dos jogos para adquirir um bom relacionamento interpessoal, incluindo a comunicação, a cooperação, capacidade de seguir regras, solução de problemas, entre outros, contribuindo de tal forma para a competência social da criança. (LIMA, 2008).

Segundo Betti (2011), a Educação Física deve ir além de executar apenas o gesto motor, ou seja, não basta dar várias voltas ao redor da quadra, é necessário saber o “por que” está correndo, como correr, em que velocidade correr, quais os benefícios você quer alcançar advindos através da corrida, que frequência e duração são recomendáveis, entre outros aspectos.

Então a escola assume um papel cujo seu maior compromisso é de orientar, qualificar e educar, ou seja, preparar para a vida social e profissional. Esse valor torna a Educação Física como uma disciplina ligada à esfera do conhecimento, portanto, ela deve ser vista pelos atores do ensino como uma disciplina prioritária nos objetivos da instituição escolar. (SANTANA, SANTANA e OLIVEIRA, 2012).

A Educação Física deve ser encarada como um espaço-tempo prazeroso e, por essa razão, não deverá ter caráter de forma ambígua para a

comunidade escolar. Para os alunos as aulas de Educação Física deverão ser vistas como um momento de descontração, sendo assim, não deverá ser compulsória. No entanto, as normas educacionais determinam que a disciplina seja obrigatória como as demais. Isso às vezes produz contradições no cotidiano da escola, que tenta combinar o caráter obrigatório da disciplina com a dimensão do lazer e da recreação, mas nunca deixando de lado os seus objetivos. (BARTHOLO, SOARES e SALGADO, 2011).

5.1 NO DESENVOLVIMENTO MOTOR DA CRIANÇA

Desde o seu nascimento, a criança aprende diversas funções motoras, as quais farão com que ao se tornar uma pessoa adulta o seu organismo alcance a maturidade. Através do próprio movimento, a criança desenvolve seus processos motores. Os movimentos surgem muitas vezes porque a criança tende a imitar os adultos que as rodeiam ou servem de exemplo a elas com movimentos básicos do dia a dia, e também se espelham em outras crianças para executar determinados movimentos. (DIEM, 1980 apud BALBÉ, DIAS e SOUZA, 2009).

Segundo Gallahue e Ozmun (2002), o desenvolvimento motor sofre grande influência, do meio social e biológico, podendo sofrer alterações no processo ou no ciclo de vida do indivíduo. A escola é um dos locais de oferta de espaço adequado para o desenvolvimento motor da criança, visto que o brincar significa o meio mais importante para as aprendizagens das crianças, então os autores citados ressaltam alguns elementos básicos dos

aspectos psicomotores que podem ser trabalhados no ambiente escolar como:

Motricidade fina: É “uma atividade de movimento espacialmente pequena, que requer um emprego de força mínima, mas grande precisão ou velocidade ou ambos, sendo executada principalmente pelas mãos e dedos, às vezes também pelos pés.” (MEINEL, 1984, p. 154).

Na motricidade fina as habilidades requerem a capacidade de controlar os pequenos músculos do corpo, a fim de atingir a execução perfeita da habilidade, envolve a coordenação óculo-manual que requer um alto grau de precisão no movimento para o desempenho da habilidade específica, num grande nível de realização. Pode-se citar exemplo da necessidade desta habilidade que seria na realização de tarefas como escrever, pintar, desenhar, tocar piano, trabalhar em relógios entre outras atividades que podem ser desenvolvidas. (CANFIELD, 1981).

Motricidade global: Tem como característica a “realização e a automação dos movimentos globais complexos, que se desenrolam num certo período de tempo e que exigem a atividade conjunta de vários grupos musculares em ação simultânea”, com vistas à execução de movimentos naturais relativamente complexos. (BATISTELLA, 2001 apud BALBÉ, DIAS e SOUZA, 2009, p. 3).

Equilíbrio: Ele é a base essencial de toda ação diferenciada dos membros superiores. Quanto mais imperfeito é o movimento mais energia vai consumir, tal gasto energético poderia ser canalizado para outros trabalhos neuromusculares durante o movimento. Esta batalha constante, ainda que irrefletida contra o desequilíbrio, sempre resulta numa fadiga corporal,

mental e espiritual, aumentando o nível de stress, ansiedade, e angústia da pessoa. (MAGILL, 2000).

Pode-se definir então que o equilíbrio, olhando de uma forma biologicamente ativa é quando se tem a possibilidade de manter posturas, posições e atitudes, do corpo sobre a existência do controle do movimento em um determinado espaço. (RONCHI, 2010).

Esquema corporal: É onde se organiza uma imagem do corpo como a peça central da personalidade em um contexto de afinidades mútuas do organismo e do meio. (ROSA NETO, 1996). No esquema corporal o indivíduo deve perceber os seres e as coisas que a cercam, em função de sua pessoa. Sua personalidade se desenvolverá a partir da sua progressiva tomada de consciência do seu corpo, de seu ser, de suas possibilidades de agir e modificar o mundo à sua volta. Ele se sentirá bem na medida em que seu corpo irá lhe obedecer, após conhecê-lo, em que o utilizará não só para movimentar-se, mas também para agir. (PEREIRA, 2002).

Organização espacial: Ter noção espacial, pode-se dizer que é uma habilidade dupla que o ser humano adquire, pois ao mesmo tempo pode ser concreta e abstrata, finita e infinita. A organização espacial sempre dependerá respectivamente do seu próprio corpo sobre as questões anatômicas, biomecânicas ou fisiológicas, assim promovendo uma interação com o meio para se adaptar. No dia a dia as pessoas utilizam-se constantemente os dados sensoriais e perceptivos relativos ao espaço que nos cercam para se situarem. Dado esse que contém as informações sobre as relações entre os objetos que ocupam determinados espaços, porém, é a atividade perceptiva fundamentada sobre a experiência do aprendizado que lhe dará um sentido. (ROSA NETO, 1996).

Organização temporal: Pode ser identificado pela capacidade de avaliar o tempo dentro de uma ação, organizar-se a partir do próprio compasso, é avaliar o movimento do tempo, é situar o presente do acontecimento com relação a um antes e a um depois do ocorrido, é conseguir separar o rápido do lento, é saber situar-se a uma determinada distância de um ponto pré-definido. (FREIRE, 1999).

O espaço e o tempo são concebidos como indissociáveis. O corpo coordena-se e movimenta-se dentro de um espaço determinado em função de um tempo. É através do espaço com as relações espaciais que as pessoas se situam no meio em que vivem, em que estabelecem relações entre os fatos que acontecem, observam, comparam, combinam as semelhanças e diferenças entre elas. Sem estas estruturações, elas perdem ou distorcem muitas dessas relações de comportamento, sofrem por receberem informações inadequadas. A organização espacial não nasce com o ser humano. Ela é operacionalizada através de uma construção mental que o indivíduo opera através dos seus movimentos em relação aos objetos que estão em sua volta. (OLIVEIRA, 2002).

Lateralidade: A principal característica de definição da lateralidade pode ser considerada pela percepção integrada dos lados do corpo. A lateralidade se identifica pela preponderância que concede a um dos dois hemisférios que se inicia um ato motor pela sua organização, que repercutirá na aprendizagem e a solidificação das práxis. Com esta atitude acionada, dar suporte a ação da intencionalidade, que a criança irá enfrentar no seu desenvolvimento fundamental durante a atividade exigida pelo gesto motor. Assim a criança terá uma ação educativa fundamental para colocar e se adequar nas melhores condições para aderir sua

lateralidade definida, respeitando os fatores genéticos e ambientais, concedendo uma definição de suas atividades motoras. (ROSA NETO, 1996).

Conforme Eckert (1993 apud RONCHI, 2010), a obtenção desses padrões fundamentais de movimento é de grande importância para o domínio das habilidades motoras (andar, correr, saltar, quadrupedar, rolar, escalar, entre outras). A Educação Física possui papel importantíssimo no momento em que pode oferecer um ambiente adequado para a criança desenvolver suas habilidades, proporcionando oportunidades, vivências, que resultarão em um grande auxílio na promoção do desenvolvimento humano, em especial ao desenvolvimento motor, e assim garantir a aprendizagem de habilidades específicas através dos jogos, esportes, lutas, ginásticas e danças.

5.2 NA QUALIDADE DE VIDA E NA SAÚDE

A Educação Física tem apresentado em sua bagagem padrões compromissados com a formação dos alunos especialmente sob o viés de promoção da saúde na escola. Desta maneira, essa disciplina deve assumir grandes desafios no mundo moderno, ao criar condições diferenciadas que visam o desenvolvimento humano. (DARIDO, 2004).

Segundo Alves (2007), a escola sendo um local onde a criança passa uma boa parte do seu tempo, assim juntamente com o professor de Educação Física, deve ter em seu papel além de orientar comportamentos e valores sociais por meio da cultura corporal de movimento, incentivar e ressaltar sobre a importância da prática da atividade física na escola, e fora

dela. Essa prática deve ser encarada como uma necessidade para a manutenção da saúde, do bom funcionamento do corpo humano, com o intuito de alcançar uma qualidade de vida melhor.

A atividade física quando é feita regularmente torna-se um fator determinante na prevenção de doenças crônicas não transmissíveis, onde suas práticas corporais são objetos diretos da Educação Física para que o aluno tenha uma consciência corporal e construa hábitos saudáveis que serão utilizados para toda a vida. Para isso, cabe ao professor de Educação Física, estabelecer em harmonia com os alunos uma consciência crítica que vai além das práticas corporais, com a tarefa de contribuir para a transformação da realidade de muitas crianças, fazendo assim com que elas tenham esse hábito de praticar atividade física diariamente. (CARMO et al, 2013).

Nahas (2003) já alertava que, a prática regular da atividade física poderia diminuir alguns riscos sobre a saúde como a aterosclerose, angina, infarto do miocárdio, doença vascular cerebral, dando também contribuição no controle da obesidade, do diabetes, da hipertensão arterial, da osteoporose, das dislipidemias e diminui o risco das afecções osteomusculares e ainda alguns tipos de câncer (do colo e de mama). Além disso, pode auxiliar no controle da ansiedade, da depressão, doença pulmonar obstrutiva crônica, da asma, na composição corporal, melhora da flexibilidade, aumento da força muscular, e ajuda na melhoria do bem-estar e socialização das pessoas. Hallal (2012) afirma que a diminuição da prática da atividade física pode favorecer para o surgimento de disfunções crônico-degenerativas não somente em adultos, mas também em jovens e crianças em fase escolar.

Desta forma fica evidente que se devem criar estratégias para promover e incentivar crianças e jovens que tenham o hábito regular da prática da atividade física. Também devem existir políticas públicas educacionais, juntamente com as políticas públicas de saúde que devem se mobilizar em prol e na busca de oportunizar aos estudantes um estilo de vida fisicamente ativo desde cedo. Desta forma, instigando e reeducando assim as crianças e os jovens para uma vida ativa, a partir da escola por meio das aulas de Educação Física. (CARMO et al, 2013).

5.3 NA FORMAÇÃO DO ADOLESCENTE

Ainda no século XXI surgem grandes dúvidas sobre a responsabilidade da formação do ser humano, quem são os grandes responsáveis por essa incumbência, alguns pesquisadores defendem que esta função é da família outros defendem que a comunidade onde a pessoa vive é a que o “desenvolve” onde os mais idosos transmitem princípios e conhecimentos aos mais jovens. E assim as instituições religiosas, sociais, políticas e educacionais tinham a responsabilidade de dar continuidade a essa formação. (BATISTA, 2001).

Já Fiorio e Bellani (2012) complementam dizendo que, o ato de se formar o ser humano se dá em dois níveis distintos e complementares: um de dentro para fora, e outro de fora para dentro. No primeiro, educar significa ativar os meios e desenvolver as habilidades de cada educando para que eles sejam capazes de assumirem o pleno uso de suas potencialidades físicas, intelectuais e motoras, para conduzir a

continuidade de sua própria formação, já no segundo, ele precisa ser educado por uma ação que é concedida externamente.

Então a formação humana dependerá das interferências sofridas pelo sujeito e também dos objetivos a que estas se propõem. Ao transmitir conhecimentos através de conceitos estabelecemos uma ação externa e promovendo situações onde o aluno irá construir o próprio conhecimento, assim ele estará sendo conduzido ao seu processo de formação, no qual chamamos educação. Ou seja, o sujeito aprende pelo que recebe e pelo que ele próprio constrói graças às oportunidades que lhe são oferecidas. (COQUEMALA, 2008).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se diante de toda essa trajetória, definir que o ensino da Educação Física é de suma importância para o desenvolvimento integral do educando, e que o mesmo sofreu diversas alterações ao longo da história.

O trabalho desta disciplina com as crianças deve prever a formação de base indispensável em seu desenvolvimento cognitivo, afetivo e motor dando oportunidade para que, por meio das danças, dos esportes, jogos, da ginástica, das lutas e de atividades lúdicas, conscientizem-se sobre seu corpo.

A Educação Física necessita ainda de uma mobilização social e cultural para o reconhecimento do mesmo grau de relevância das demais disciplinas e que nos anos iniciais as aulas devem ser instruídas por pessoas licenciadas, habilitadas para tal função. O professor-educador é aquele que proporciona aos alunos a possibilidade de se tornarem

protagonistas em situações que favoreçam serem atores principais no processo da aprendizagem.

Ser professor de Educação Física é ser aquele que deve em todo momento estar buscando uma formação continuada, adquirindo novos conhecimentos e se adaptando ao processo de ensino, tendo o conhecimento dos alunos em primeiro lugar, respeitando suas diferenças individuais e vivências.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, O. R. B.; FROTA, R. O. **Educação física em questão: resgate histórico e evolução conceitual**. UFPI. 2008.

ALVES, J. G. B. Atividade física em crianças: promovendo a saúde do adulto. **Revista Brasileira Saúde Materno Infantil**, v. 3, p. 5-6, 2003.

ALVES, U. S. **Não ao sedentarismo, sim à saúde**: contribuições da educação física escolar e dos esportes. *O Mundo da Saúde*, v. 3, p. 464-469, 2007.

ARANTES, A. C. A história da educação física escolar no Brasil. **EFDeportes.com, Revista Digital**. Buenos Aires, ano 13, n. 124, set. 2008. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd124/a-historia-da-educacao-fisica-escolar-no-brasil.htm>>. Acesso em: 06 nov. 2013.

BALBÉ, G. P.; DIAS, R. G.; SOUZA, L. S. Educação física e suas contribuições para o desenvolvimento motor na educação infantil. **Revista Digital - Buenos Aires**, ano 13, n. 129, fev. 2009. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd129/educacao-fisica-e-desenvolvimento-motor-na-educacao-infantil.htm>>. Acesso em: 02 abr. 2014.

BATISTA, S. H. S. S. Formação. In: FAZENDA, Ivani (ORG) **Dicionário em construção: interdisciplinaridade**. São Paulo: Cortez, 2001.

BARTHOLO, T. L.; SOARES, A. J. G.; SALGADO, S. S. **Educação física: dilemas da disciplina no espaço escolar**. Currículo sem Fronteiras, v. 11, n. 2, p. 204-220, jul./dez. 2011.

BETTI, M. **Educação física escolar: ensino e pesquisa-ação**. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2009. 344 p.

_____. **Educação física escolar: dilemas e práticas**. A pedagogização dos conteúdos da educação física: tradição e renovação. TV Escola, set. 2011. 40 p.

BRACHT, V. Dilemas no cotidiano da educação física escolar: entre o desinvestimento e a inovação pedagógica. **Revista: Salto para o futuro**, v. 21, n. 11, p. 14-20, set. 2011. Disponível em: <[http://cev.org.br/arquivo/biblioteca/dilemas-cotidiano-educacao-fisica-escolar-entre-o-desinvestimento-e-inovacao pedagogica.pdf](http://cev.org.br/arquivo/biblioteca/dilemas-cotidiano-educacao-fisica-escolar-entre-o-desinvestimento-e-inovacao-pedagogica.pdf)>. Acesso em: 15 fev. 2014.

BRASIL. Decreto nº 69.450, de 1 de novembro de 1971. **Regulamenta o artigo 22 da Lei número 4.024, de 20 de dezembro de 1961, e alínea c do artigo 40 da lei 5.540, de 28 de novembro de 1968 e dá outras providências**. Poder executivo, Brasília. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D69450.htm>. Acesso em: 26 fev. 2014.

_____. Decreto nº 10.793, de 1 de dezembro de 2003. **Altera a redação do art. 26, § 3º, e do art. 92 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que "estabelece as diretrizes e bases da educação nacional", e dá outras providências**. Poder Executivo. Brasília, 2003.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº. 9394/96. Brasília, DF: Senado Federal. 1996.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: educação física**. Brasília: MEC/SEF, 1997. 96 p.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: educação física**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998. 114 p.

CANFIELD, J. T. **Aprendizagem motora**. Santa Maria: Universitária, 1981.

CARMO, N. G. C.; NETO, J. B. S.; FRANÇA, J. C.; VICTORINO, R.; PEREIRA, C. C. D. A importância da educação física escolar sobre aspectos de saúde: sedentarismo. **Revista Educare CEUNSP**, v. 1, n. 1, 2013.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo: Cortez, 1992. 84 p.

COQUEMALA, A. P. Q. **Contribuições da educação física na formação humana: práticas pedagógicas no ensino fundamental**. 2008. 203 f. Dissertação - (Mestrado em Educação) - Universidade Tuiuti. Curitiba/PR, 2008.

CORTELLA, M. S. **A Escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009. 166 p.

DARIDO, S. C. A educação física na escola e o processo de formação dos não participantes de atividade física. **Revista Brasileira de Educação Física e Esportes**, v. 18, n. 1, p. 61-80, 2004.

DARIDO, S. C. **Educação física na escola: questões e reflexões**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003. 90 p.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica**. 1. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. 312 p.

FELTRIN, G. B. **A importância da educação física no 1º e 2º ano do ensino fundamental**. 8º Simpósio de Ensino de Graduação da UNIMEP. São Paulo, 2010.

FIORIO, K.; BELLANI, V. L. **Educação física nos anos iniciais do ensino fundamental: um olhar sobre a formação profissional em um território contestado**. IX ANPED SUL. Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, 2012.

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro**. São Paulo: Vozes, 1997.

_____. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física**. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1999.

GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. São Paulo: Phorte, 2002.

HALLAL, P. C. A educação física escolar na cidade de Pelotas - RS: contexto das aulas e conteúdos. **Revista Educação Física/UEM**, v. 23, n. 1, p. 69-78, 2012. Disponível em: <<http://educareceunsp.net/revista/artigos/volInoI/>>. Acesso em: 15 fev. 2014.

LIMA, J. O. **As habilidades sociais na educação física escolar**. 2008. 24 f. Monografia (Trabalho de Conclusão do Curso de Educação Física) - Universidade Federal de Rondônia – UNIR, 2008.

MAGILL, R. A. **Aprendizagem motora: conceitos e aplicações**. São Paulo: Edgard Blücher Ltda, 2000.

MARTINS, T. A.; SILVA, G. M. As LDB`s no Brasil: implicações na prática de ensino da educação física na educação básica. **EFDeportes.com, Revista Digital**. Buenos Aires, ano 13, n. 172, set. 2012. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd172/as-ldbs-no-brasil-educacao-fisica.htm>>. Acesso em: 06 nov. 2013.

MATTA, D. F. A educação física no Brasil: com uma visão transformadora na educação básica, transpirando menos e pensando mais. **Revista Lato&Sensu**. Belém,PA, v. 2, n. 3, p. 30-33, jul. 2001.

MEINEL, K. **Motricidade: teoria da motricidade esportiva sob o aspecto pedagógico**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1984.

MELO, V. A. **História da educação física do esporte no Brasil**. São Paulo: Ibrasa, 1993.

MOREIRA, W. W. **Educação física: uma abordagem fenomenológica**. 3. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 1995. 197 p.

NAHAS, M. V. **Atividade física, saúde e qualidade de vida: conceito e sugestões para um estilo de vida ativo.** Londrina: Midiograf, 2003. 318 p.

NEIRA, M. F., D.C. CORREIA, W. R. **Educação Física Escolar: docência e cotidiano.** Curitiba, PR: Editora CRV, 2010. 187 p.

OLIVEIRA, V. M. **O que é educação física.** São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. **Psicomotricidade: educação e reeducação num enfoque psicopedagógico.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

PALAFIX, G. H. M. **Repensando a educação física para uma nova prática escolar.** Núcleo de estudos em metodologia e planejamento do ensino da cultura corporal (NEPECC) - UFU, 2010. Disponível em: <http://www.nepecc.faei.ufu.br/PDF/3311_tx1.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2014.

PEREIRA, C. O. **Estudo dos parâmetros em crianças de 02 e 06 anos de idade na cidade de Cruz Alta.** 2002. 110 f. Dissertação - (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) - Centro de Ciências da Saúde e do Esporte da Universidade – CEFID/UEDESC. Santa Catarina, 2002.

RONCHI, F. M. **A influência da educação física escolar para o desenvolvimento motor nas séries iniciais do ensino fundamental.** 2010. 41 f. Monografia - (Graduação em Educação Física) - Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC. Criciúma, 2010.

ROSA NETO, F. **Manual de avaliação motora.** Porto Alegre: Artmed, 1996.

SANTANA, M. S.; SANTANA, A. S.; OLIVEIRA, R. C. S. **A importância da educação física nos anos iniciais do ensino fundamental: uma breve apreciação.** VI Colóquio Internacional: Educação e Contemporaneidade. São Cristóvão - SE, set. 2012.

SOUZA JÚNIOR, M. **O saber e o fazer pedagógicos: a educação física como componente curricular? Isso é história!** Recife: EDUPE, 1999.

A CONTRIBUIÇÃO DO SENAR/MG NA CAPACITAÇÃO DE PRODUTORES E TRABALHADORES RURAIS NAS PROPRIEDADES DE UNAÍ E REGIÃO

Vanessa Aparecida Silva de Almeida

Graduada em Administração

Cláudia Aparecida Machado

Mestra em Marketing, Professora e Coordenadora do Núcleo de Atendimento ao Acadêmico da FACTU

Lidiane Campos dos Santos

Mestra em Administração, Coordenadora e Professora do Curso de Administração e Núcleo de Prática em Gestão da FACTU.

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo analisar a contribuição dos cursos profissionalizantes desenvolvidos pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR/MG) na capacitação e qualificação dos trabalhadores e produtores rurais de Unaí e região, de acordo com percepção dos alunos egressos. Entretanto a capacitação e o treinamento podem ser vistos como uma ferramenta de vantagem competitiva para a organização, pois além de incentivar os colaboradores, proporciona uma melhor qualidade de vida, podendo atingir um nível elevado da satisfação. Para tanto, foi realizado um estudo de caso, com uma pesquisa explicativa de caráter descritivo. Os dados foram coletados através de entrevista padronizada, usando uma abordagem qualitativa. Na análise dos resultados pode se dizer que o objetivo foi respondido, pois diante do resultado, foi detectado a percepção dos egressos quanto a importância dos cursos realizados pelo SENAR/MG para sua inserção ou permanência no mercado e até mesmo na qualidade de vida tanto profissionalmente quanto pessoalmente.

Palavras-chave: Capacitação. Produtores rurais. Trabalhadores rurais. SENAR.

1 INTRODUÇÃO

As profundas transformações socioeconômicas, políticas, culturais e tecnológicas ocorrentes no cenário mundial, têm provocado grandes desafios e importantes alterações no setor rural, tornando a produção

agropecuária um negócio complexo e exigente em termos de habilidades gerenciais que conduzem a um melhor desempenho. Nesse sentido, o agronegócio destaca sua importância e suas especificidades frente a outras áreas de conhecimento, reforçando a necessidade de capacitar os produtores e trabalhadores rurais, uma vez que o campo como espaço de produção, deve cercar-se de pessoas com conhecimento teórico e experiência prática.

Sabe que o capital humano e a demanda de mão de obra qualificada são vistos como fatores de destaque. Vale ressaltar que o treinamento tem por objetivo a capacitação dos recursos humanos, tornando-se uma ferramenta essencial para designar ao trabalhador e produtor rural a possibilidade de desenvolver e aprimorar suas habilidades profissionais para um melhor desempenho das tarefas diárias. Ainda é importante destacar que recursos humanos capacitados, é sinônimo de vantagem competitiva e alavancagem organizacional.

A capacitação e o treinamento podem ser vistos como uma ferramenta de vantagem competitiva para a organização, de investimento, pois além de incentivar os colaboradores, proporciona uma melhor qualidade aos produtos e serviços, atingindo um nível elevado da satisfação dos clientes. O que faz da capacitação uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento e crescimento sustentável das propriedades rurais. Diante disso o presente artigo se propõe a analisar a contribuição que os cursos profissionalizantes desenvolvidos pelo SENAR/MG têm promovido aos trabalhadores e produtores rurais de Unaf e região.

Almejando alcançar o objetivo proposto, utilizou-se como

metodologia o estudo de caso, sendo realizada uma pesquisa com os participantes dos cursos oferecidos pelo SENAR/MG na cidade de Unaí-MG e região. A pesquisa foi de caráter descritivo e explicativo com abordagem qualitativa, os dados foram coletados por meio de um questionário aplicado a uma amostra de 25 (vinte e cinco) egressos dos cursos do SENAR/MG.

2 CAPACITAÇÃO

Capacitação infere na oportunidade para o desenvolvimento dos colaboradores e da organização.

Segundo Gil (2010) a capacitação é como um processo contínuo de autoavaliação dos recursos humanos disponíveis existentes, ou seja, investir no desenvolvimento do homem, estabelecendo uma rede de aprendizagem autosustentável, essa é a visão multifuncional e integrada das modernas corporações, lidando com facilidade e dinamismo frente às turbulências e transformações.

De acordo com Hitt,Ireland e Hoskisson (2008, p.76) as capacitações somente existem quando:

os recursos são integrados deliberadamente para se executar uma tarefa ou um conjunto de tarefas específicas, as quais variam desde a seleção de recursos humanos até o marketing de produtos e atividades de pesquisa e desenvolvimento.

A capacitação tem como propósito desenvolver e aperfeiçoar o homem para seu crescimento profissional, proporcionando um resultado mais eficiente e produtivo para a organização em que atuar.

2. 1 CAPACITAÇÃO VERSUS CAPITAL HUMANO

O processo que resulta na formação do profissional, aonde uns aprendem com os outros e a capacitação passa a ser trabalhada como o capital humano.

Formação profissional, uns absorvem os métodos dos outros. (CHIAVENATO, 2002).

De acordo com Araújo Filho (2003), a organização deve promover condições de capacitar, potencializar e fortalecer o talento oculto dos colaboradores, para que possam produzir resultados favoráveis, lucrativos e positivos.

O fator humano é decisivo para incentivar ganhos de produção e bens de serviço, onde treinamento e a capacitação profissional são presenças constantes neste processo. (CARVALHO; NASCIMENTO, 1993).

Volpe (2009) reforça que o capital humano das organizações passou a ser visto como algo vital de sucesso para uma organização, pois destaca o diferencial competitivo das organizações bem sucedidas, já que em um mundo instável e competitivo, com uma economia globalizada, precisam estar constantemente preparadas para os desafios na inovação e concorrência.

Feijó e Silva (2008) ainda abordam a preocupação das organizações quanto à capacitação dos empregados de modo a habilitar e sintonizar a organização com os novos tempos e com a construção de

novos paradigmas. Para os autores, investir na educação é investir na qualificação, formação, desenvolvimento profissional, produtividade do trabalhador e, dessa forma, promover o crescimento econômico, que está estreitamente vinculado à oferta e demanda de capital humano.

A educação influencia de várias formas a qualidade de vida das pessoas. Afeta positivamente o nível de produtividade e renda do trabalho, além disso, torna-o indivíduo capaz de participar de forma mais ativa na vida social e política do país. (NEY; HOFFMANN, 2009).

Silva (2008) afirma que o investimento de capital inclui a educação formal, a pesquisa, a tecnologia e os gastos de saúde, os quais conduzem a uma melhoria de qualidade e a produtividade do sistema econômico.

2.2 CAPACITAÇÃO E CAPITAL HUMANO NO SETOR RURAL

No novo contexto de desenvolvimento rural, os insumos básicos serão cada vez mais valorizados com o conhecimento e a informação.

Para Favareto *et al.* (2004), é crescente o entendimento do desenvolvimento rural brasileiro que deve estar ligado às ações de desconcentração da base produtiva do país através da ampliação do acesso aos mercados, do fortalecimento da capacidade empreendedora, bem como da dinamização da vida social, política e cultural das áreas rurais que têm como fator estratégico o investimento na expansão e fortalecimento da agricultura.

A oferta de educação formal no Brasil até o final da década de 1990 era ainda incipiente, mas os primeiros anos do século XXI

apresentaram uma perspectiva de mudança no quadro. A formação de pesquisadores do agronegócio em níveis de mestrado e principalmente doutorado, e a percepção das instituições de ensino superior sobre essa carência promoveram uma rápida e consistente reversão do quadro. (BEGNIS, ESTIVALETE E SILVA, 2007).

Borrás e Batalha (1998) explicam que, para o profissional atuar no setor rural, deve reunir conhecimentos técnicos, que são próprios da atividade da produção agropecuária e do processamento de seus produtos, com sólida formação em gestão. O entendimento das interconexões entre os segmentos básicos do agronegócio (produção de insumos e equipamentos, agropecuária, industrialização e comercialização) que forma as cadeias produtivas.

Conhecimento do ambiente externo e interno, identificar as fases da propriedade, antes da porteira (matéria prima, insumos), dentro (produção) e depois da porteira (comercialização, industrialização).

3 IMPORTÂNCIA DA PROFISSIONALIZAÇÃO NO SETOR RURAL

Em decorrência da modernização da agricultura e a exigência em qualidade e variedade dos produtos oriundos da agricultura pelos consumidores, surge a necessidade de analisar as relações sistêmicas entre agricultura e segmentos decorrentes dela – até os consumidores finais.

Stefanelo (2002) destaca que o agronegócio é o maior negócio mundial brasileiro. No mundo, representa a geração de US\$ 6,5 trilhões/ano e, no Brasil, em torno de R\$ 350 bilhões, ou 26% do PIB (29%, segundo a

Confederação Nacional da Agricultura – CNA). Para Rigo *et al.* (2007) a maioria das pequenas cidades brasileiras tem sua economia baseada no agronegócio, podendo considerar o setor de grande relevância para a geração de emprego e renda, além de destacar a relevância da mão de obra para a competitividade do agronegócio.

Martin Carnoy (1992 *apud* FAVARETO *et al* 2004) acrescenta que o desenvolvimento é reflexo direto da capacidade de mudar, em que a educação desempenha um papel central.

Culturalmente a educação formal não era prioritária para o exercício na profissão no setor rural considerando-se que os conhecimentos adquiridos no seio da família e comunidade eram suficientes. Entretanto, os autores alertam que esse nível de instrução é insuficiente quando se pensa em uma agricultura sólida e capaz de aproveitar as oportunidades que as novas atividades e ocupações rurais proporcionam. (FAVARETO *et al.*, 2004)

Nesse sentido Mello *et.al.* (2003) salientam que, para a maioria dos agricultores, o futuro depende de sua capacidade de desenvolver novas formas de aprendizagem na produção, transformação e comercialização de domínio de novas tecnologias. Inegavelmente os conhecimentos tradicionais são valiosos, porém, novos conhecimentos são condições fundamentais tanto para a permanência nos mercados tradicionais e muito mais ainda no caso de novas formas de inserção econômica, como é o caso da produção orgânica da agroindustrialização familiar, da produção com qualidade artesanal, agroturismo, dentre outras atividades rurais não agrícolas.

Silva (2008) ressalta a importância da preparação técnica da mão

de obra especializada capaz de atentar às novas alternativas para solucionar variados problemas no agronegócio, como: os problemas da agricultura familiar, sanidade de bovinos, manejo de pastagens, maior competitividade e sustentabilidade dentre outros.

Significância se destaca na busca de novas tecnologias e conhecimento para alavancar o agronegócio.

3.1 SENAR: FERRAMENTA DE FORMAÇÃO E PROMOÇÃO DO CAPITAL HUMANO

De acordo com SENAR (2011), o mesmo foi criado pela Lei nº 8.315, de 23 de dezembro de 1991, nos termos do Artigo 62 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, em que previa sua criação nos moldes do SENAI e SENAC e regulamentado pelo Decreto nº 566, de 10 de junho de 1992. É uma instituição de direito privado e paraestatal, vinculada à Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), sendo administrado por um conselho tripartite, composto por representantes da classe produtora, dos trabalhadores e do governo.

Ainda de acordo com SENAR (2011), a instituição é mantida pela classe patronal rural através da comercialização do produto rural, recolhido através da Guia de Recolhimento ao INSS, um percentual de 2,3 %, sendo 2,1% destinado ao INSS e 0,2% ao SENAR.

Sua missão é contribuir para o desenvolvimento do meio rural através da educação, eventos de Formação Profissional Rural e Promoção social, de modo eficiente e criativo.

A instituição promove a capacitação dos profissionais em

situações reais de trabalho, ou seja, nas fazendas, empresas agropecuárias e Escolas de Ciências Agrárias, pois conta com facilitadores terceirizados (instrutores), que são profissionais capacitados para aplicar a metodologia da Formação Profissional Rural e conduzir os processos educativos.

Seus objetivos são: Oferecer cursos e treinamentos ao homem do campo; Promover o treinamento e aperfeiçoamento de seus funcionários; Capacitar e reciclar instrutores e mobilizadores; Desenvolver e aperfeiçoar metodologias de ensino; Aprimorar os fluxos de comunicação entre clientes internos e externos.

Segundo Silva (2008) a Formação Profissional Rural (FPR) também é uma das vertentes de trabalho do SENAR, sendo assim, as ações de FPR possibilita ao produtor e ao trabalhador rural adquirir conhecimentos, habilidades e condições técnicas para o pleno exercício de uma ocupação.

A parceria do SENAR/MG, na cidade de Unaí-MG, foi estabelecida com a Cooperativa Agropecuária de Unaí Ltda (CAPUL), além de atender a cidade de Unaí, atende também a cidade de Uruana, Natalândia e Arinos.

De acordo com o mobilizador do SENAR/MG através da parceria com a Cooperativa Agropecuária de Unaí Ltda (CAPUL) são realizados aproximadamente 07 cursos por mês, sendo em cada curso no mínimo 10 participantes.

3.2 TREINAMENTO: CONCEITOS E APLICABILIDADES

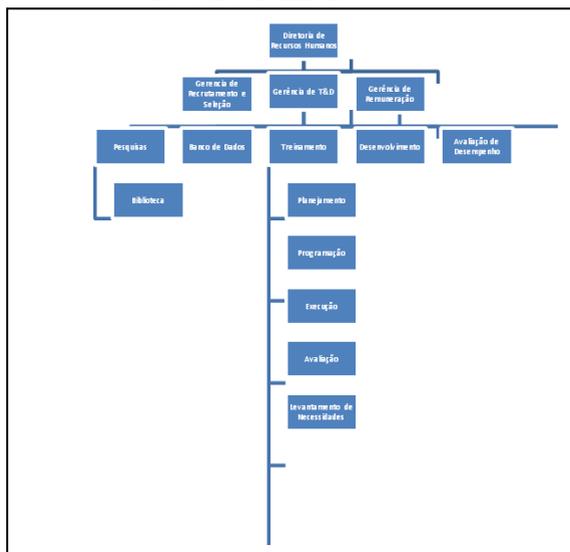
A qualidade dos produtos e serviços é o diferencial que as

organizações procuram para aumentar seu poder competitivo frente à concorrência, uma necessidade de investir em treinamento do capital humano, tendo qualidade como desempenho dos colaboradores.

Oliveira e Vanalle (1999) ressaltam que o setor de treinamento destacou-se dos demais setores de recursos humanos nas organizações a partir de 1880 quando houve crescimento do trabalho especializado, o qual favoreceu a sistematização do treinamento gerando condições favoráveis para atingir o perfil ocupacional desejado, uma vez que garante a diminuição dos erros operacionais.

O treinamento é de responsabilidade gerencial que pode ser auxiliado pela área de Recursos Humanos. Para Marras (2000) a área de treinamento e desenvolvimento é um subsistema da administração de RH e está composta de outros subsistemas, como mostra a figura 1.

Figura 1: Modelagem de Organograma de Treinamento e Desenvolvimento



Fonte: MARRAS (2000, p. 147.)

Constantes mudanças que ocorrem no contexto do trabalho, o treinamento não pode ser estático e imutável, mas sim dinâmico, pois deve acompanhar as mudanças e buscar responde-las de acordo com as necessidades atuais. (FRANCO, 2011). Mas, há várias definições e uma evolução para o termo treinamento, conforme pode ser visto no quadro 1.

Quadro 1. Conceito de treinamento conforme alguns autores

AUTOR	CONCEITO
Carvalho (1989, p. 130)	È a preparação de pessoas ou para carreiras diversas das que elas estão engajadas.
Marras (2000, p. 14)	Processo de assimilação cultural a curto prazo.
Dessler (2003)	Conjunto de métodos usados para transmitir aos funcionários novos e antigos as habilidades necessárias para o desempenho do trabalho.
Chiavenato (2010)	Um meio de desenvolver competências nas pessoas para que se torne mais produtivas, criativas e inovadoras.

Fonte: Elaborado pela autora.

O treinamento galga o acompanhamento das mudanças e tende a atender as expectativas conforme a necessidade de cada situação.

3.3 A IMPORTÂNCIA DO TREINAMENTO E EDUCAÇÃO NO SETOR RURAL

Com a entrada de tecnologia também no setor agrícola percebe-se cada vez mais que as fazendas são vistas como empresas.

Cada pessoa possui uma bagagem de conhecimentos, habilidades e atitudes adquirida ao longo dos anos, mas, há uma necessidade de correção para suprir carências em relação às exigências do cargo oferecido

na organização. (MARRAS, 2000).

Favareto *et al.* (2004) destacam a importância de fortalecer um ambiente educacional disponível no meio rural, compreendido como interações entre o ensino regular oferecido pelas escolas rurais, a formação profissional e as redes de extensão e/ou assistência técnica, e suas relações com o sistema de pesquisas agropecuárias.

Conforme Favareto *et al.* (2004), para inclusão das organizações rurais dos mercados atuais, faz-se necessário uma política de desenvolvimento econômico que seja associada a uma proposta de melhoria na educação formal e não formal.

No meio rural devido as barreiras logísticas, se torna mais difícil a recuperação do atraso escolar e da capacitação profissional dos produtores e trabalhadores rurais.

3.4 OBJETIVOS DO TREINAMENTO

Primordialmente trabalhar as competências humanas favorece melhor resultado da equipe frente a organização.

Para Castro (2006), o objetivo mais importante do treinamento é fornecer ao trabalhador maiores conhecimentos, habilidades e atitudes para que assim possa desempenhar com eficácia suas funções e manter sempre atualizado em relação ao seu campo de atividade e as constantes mudanças do mundo que o cerca.

De acordo com Santos (2011), os objetivos do treinamento se resumem em impulsionar a eficiência, incrementar e aumentar a produtividade, além de elevar os níveis de qualidade, promover a

segurança no trabalho, diminuir refugos e retrabalhos.

Divisão dos objetivos do treinamento em específicos e genéricos. Os específicos podem ser compreendidos como a formação profissional, especialização e reciclagem, genéricos compreendem aumento direto da produtividade, incentivo motivacional, otimização pessoal e organizacional, atendimento de exigências e mudanças. (MARRAS, 2000).

Carvalho e Nascimento (1993) dizem que o treinamento só se completa na medida em que a aquisição de conhecimentos e informações possibilita ao indivíduo mudança de comportamento.

O treinamento induz melhoria dos processos, envolvendo organização versus pessoas.

3.5 CAPACITAÇÃO E TREINAMENTO:

Treinar é a geração de energia Organizacional, consecutivamente assevera o crescimento e desenvolvimento na esfera.

Conforme Dessler (2003) a capacitação e o treinamento provoca mudanças de atitudes, valores e crenças nos indivíduos.

As organizações estão desenvolvendo programas de formação, treinamento e desenvolvimento de pessoas, promovendo em algumas instituições a instalação de centro de treinamentos, educacionais e universidades comparativas. (GIL, 2010).

Conforme o autor mencionado as pessoas são o principal patrimônio da organização, e para que estejam preparadas para os desafios do mercado, necessitam de pessoas ágeis, competentes, empreendedoras e disposta a assumir riscos.

4 METODOLOGIA

A metodologia descreve o caminho e processos utilizados para se alcançar o objetivo almejada.

Para Richardson (1999, p. 22) metodologia “são os procedimentos e regras utilizadas por determinado método. A metodologia descreve o caminho e processos utilizados para se alcançar o objetivo almejado”.

Com relação aos meios de investigação, Yin (2001) ressalta que a estratégia de pesquisa mais adequada é o estudo de caso, quando se busca estudar fenômenos contemporâneos dentro de seu contexto e também quando o pesquisador tem pouco ou nenhum controle sobre os eventos investigados. Sendo assim utilizou-se do estudo de caso, pois permite uma análise mais profunda dos aspectos relacionados ao tema propostos.

No delineamento da pesquisa, ao abordar a questão problema optou-se pela abordagem qualitativa, pois foi estudada a contribuição do SENAR/MG para a formação e promoção dos trabalhadores e produtores rurais de Unai e Região.

“Dados qualitativos são coletados para aprofundar conhecimento acerca de algumas coisas que não podem ser observadas e medidas diretamente”. (COBRA, 2009, p.72).

Quanto ponto de vista dos objetivos o trabalho se classifica como descritivo e explicativo. Descritivo, por buscar descrever as características dos participantes nos cursos de profissionalização rural desenvolvidas pelo SENAR/MG e explicativa por verificar a contribuição do SENAR/MG na

capacitação dos trabalhadores e produtores rurais de Unaí e Região.

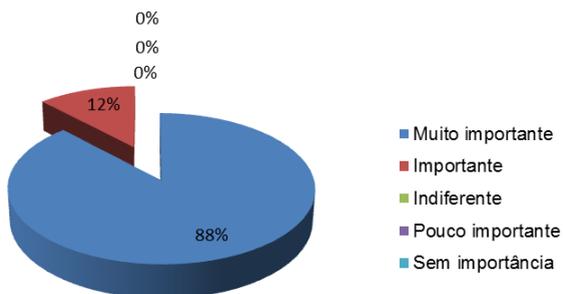
O instrumento de pesquisa utilizado foi a entrevista, aplicada a 25 egressos participantes dos cursos realizados pelo SENAR/MG na sede da Fazenda Buriti e Fazenda Decisão, no município de Unaí-MG.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O processo de análise dos dados comprovou as evidências a que se chegou por meio da pesquisa. Dos entrevistados participantes dos cursos 21 são homens e 04 são mulheres. É notória, a inserção de jovens no setor rural, pois 52% dos entrevistados estão na faixa etária entre 16 a 30 anos. Quanto a escolaridade, 36% possuem o ensino médio completo, 40% estão na atividade de 6 a 10 anos e 100% possuem a atividade rural como sua principal fonte de renda.

Foi abordado sobre a importância das atividades de treinamento e capacitação para a atividade no meio rural.

Gráfico 01: Importância das Atividades de Treinamento e Capacitação para atividade no meio.

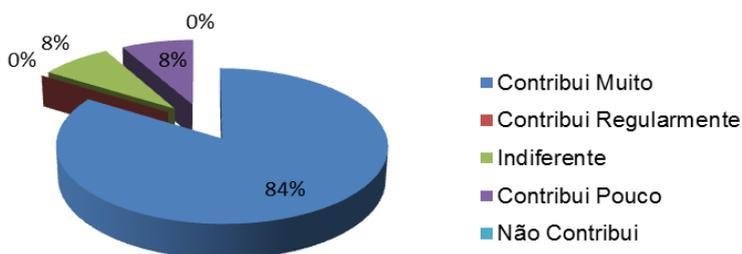


Fonte: Dados da Pesquisa.

Pode ser observado que 88% consideram muito importante e 12% consideram apenas importante. Conforme Silva (2008) os indivíduos dentro das organizações têm aptidão para o crescimento, por mais competentes que sejam essa competência não é estável, não se perpetua e necessita de constantes aprimoramentos.

Foram questionados se os conhecimentos adquiridos através dos cursos realizados pelo SENAR/MG contribuem para inserção e/ou permanência dos entrevistados no setor rural.

Gráfico 02: Contribuição para inserção e/ou permanência no mercado.



Fonte: Dados da pesquisa.

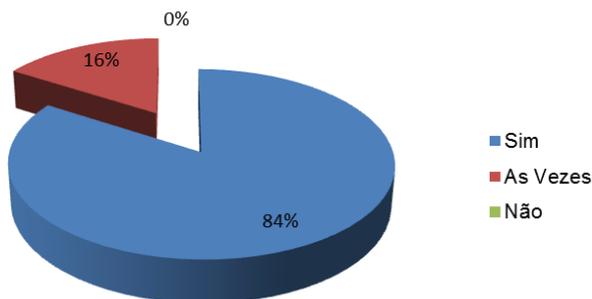
Dos entrevistados 84% disseram contribuir muito, 8% contribuir pouco e 8% indiferente. Os cursos realizados contribuem muito para a inserção e/ou permanência no setor, pois através destes os trabalhadores afirmaram realizar tarefas rotineiras com maior segurança e precisão, passaram a ser mais valorizados e se sentem mais preparados para abrangência no mercado.

Becker e Conrado (1996 *apud* SILVA 2008), ressaltam que a formação profissional tem a função de qualificar o trabalhador para ocupar

emprego de qualidade, ou ainda abrir novos horizontes ocupacionais para o trabalhador.

Os entrevistados foram abordados quanto a contribuição dos cursos realizados pelo SENAR/MG nas atividades rotineiras.

Gráfico 03: Contribuição para a realização de tarefas rotineiras.



Fonte: Dados da pesquisa.

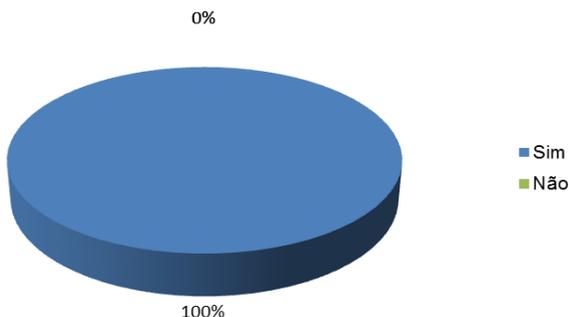
Pode-se observar que 84% afirmaram que os cursos realizados contribuem para a realização de tarefas rotineiras e 16% disseram que às vezes contribui, sendo assim, fica evidente a relevância da capacitação na realização das tarefas rotineiras dos trabalhadores no setor rural. Segundo Kuenzer (2002), a produção do conhecimento humano se concretiza na aplicação dos conhecimentos adquiridos, em suas atividades praticas, ou melhor, compreendido como toda forma de atividade humana, na qual o homem aprende, compreende e transforma, ao mesmo tempo, em que é modificado e transformado por ela.

Foi perguntado se os egressos colocaram em prática os conhecimentos adquiridos através dos cursos realizados pelo SENAR/MG, e em caso positivo, de que maneira?

Todos os entrevistados, ou seja, 100% responderam colocar em prática os conhecimentos adquiridos através dos cursos realizados pelo SENAR/MG. Fica claro a relevância dos cursos, pois todos os entrevistados relataram que colocam em prática os conhecimentos adquiridos na realização dos cursos como segue a fala deles referente a essas praticas:

Diminui o desgaste físico, aprendendo a operar as maquinas do jeito certo diminui a manutenção, a preocupação com meio ambiente como a separação do lixo e o devolução das embalagens de agrotóxicos, prevenção de acidentes porque antes era mais de um para engatar a peça no trator para aplicar o agrotóxico e por isso muitas vezes acontecia acidentes, depois que participei do curso eu faço isso sozinho.

Gráfico 04: conhecimentos adquiridos através dos cursos colocados em prática.



Fonte: Dados da pesquisa.

Para Gil (2010) capacitar pessoas significa proporcionar a formação básica para que modifique antigos hábitos, desenvolva novas atitudes, capacitem e busquem aprimorar seus conhecimentos, tendo em vista tornar se melhores naquilo que desempenham.

Foram perguntados se consideram a capacitação profissional uma ferramenta importante para a melhoria das condições de trabalho e da qualidade de vida.

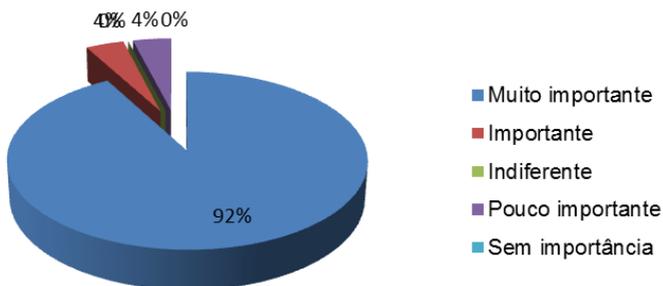
Dos entrevistados, 100% também consideram a capacitação uma ferramenta importante para as condições de trabalho e qualidade de vida e quando indagados sobre o motivo, eles citaram vários, entre eles pode-se destacar os seguintes trechos:

Me sinto melhor tanto na vida profissional como pessoal porque até em casa melhorou, melhora as atividades do dia-a-dia e possibilita uma visão melhor, para a prevenção de acidentes como a intoxicação, ajuda tanto o trabalhador como o patrão, trabalha com mais cuidado e segurança, contribui para a saúde e me sinto mais valorizado e motivado, aprendo novas técnicas e melhoria de trabalho.

Também foram questionados como avaliam os cursos realizados pelo SENAR/MG, para o desenvolvimento do setor rural.

Para 92% dos entrevistados os cursos realizados pelo SENAR/MG são muito importante, 4% importante e 4% pouco importante. Fica claro a percepção dos trabalhadores rurais quanto ao desenvolvimento rural, pois conforme Volpe (2009) através do treinamento, o individuo assimila informações, aprende habilidades, desenvolve atitudes e comportamentos diferentes e desenvolve conceitos abstratos.

Gráfico 06: Avaliação dos entrevistados em relação aos cursos realizados pelo SENAR/MG.



Fonte: Dados da pesquisa.

Por fim, foram perguntados se acreditam que os cursos oferecidos pelo SENAR/MG promovem benefícios para o setor rural.

Todos os entrevistados por mais uma vez, isto é 100% responderam que acreditam que os cursos oferecidos pelo SENAR/MG promovem benefícios para o setor rural, sendo demonstrado a necessidade das empresas investirem na capacitação e treinamento dos profissionais, e pode-se observar que através de benefícios oriundos do treinamento as organizações têm alcançado os resultados esperados.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de modernização da agricultura trouxe desenvolvimento para o meio rural, tornando possível uma grande produção na propriedade, portanto, as organizações rurais se deparam com a necessidade de investir nas pessoas. Sendo assim, a capacitação e o treinamento se tornam ferramentas primordiais para o desenvolvimento

rural, uma vez que, o capital humano tem sido o diferencial competitivo, deixando de lado até mesmo o capital financeiro.

Ao analisar as ações de profissionalização rural desenvolvidas pelo SENAR/MG, pode-se perceber que os participantes dos cursos colocam em prática os conhecimentos adquiridos através dos cursos, assim, buscam melhores formas de trabalho para a realização das tarefas rotineiras, evitando desgaste físico e mental proporcionando qualidade de vida.

Também foi percebida a importância dos cursos oferecidos pelo SENAR/MG para a inserção e/ou permanência no setor rural, pois todos disseram contribuir muito na realização das tarefas rotineiras, sendo realizadas com maior segurança.

Ao apurar os benefícios que a capacitação promovida pelo SENAR/MG tem proporcionado para o desenvolvimento das organizações rurais, pode-se identificar um grande número de benefícios, voltados para o setor rural, pois através dos relatos dos entrevistados, foi percebida a importância da capacitação e treinamento para os trabalhadores, uma vez que eles se sentem mais seguros nas realizações das tarefas e aumentam a produtividade, fatores que acabam proporcionando uma maior rentabilidade ao produtor.

Diante desse estudo, foi constatada a relevância da capacitação e treinamento na formação e promoção dos trabalhadores rurais, pois os cursos oferecidos pelo SENAR/MG, beneficiam o setor rural como um todo, pois através dos conhecimentos adquiridos os participantes se qualificam, tendo assim uma oportunidade para abranger e permanecer no mercado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEGNIS, Heron S. M; ESTIVALETE, Vania de Fátima B; SILVA, Tania Nunes. **Formação e qualificação de capital humano para o desenvolvimento do agronegócio Brasil**. 2007. Disponível em: <http://erevista.unioeste.br/index.php/gepec/article/download/1095/921> Acesso em 20 set 2014.

BORRÁS, M. A. A. e BATALHA, M. O. Recursos humanos como fator estratégico para o agribusiness brasileiro. **Revista Preços Agrícolas**, n. 146, dezembro, p. 8-14, 1998.

CARVALHO, Antônio Vieira de. **Recursos humanos: desafios e estratégia**. São Paulo: Pioneira, 1989.

CARVALHO, Antonio Vieira; NASCIMENTO, Luiz Paulo. **Administração de recursos humanos**. São Paulo: Pioneira, 1993.

CHIAVENATO, Idalberto **Gerenciando pessoas: como transformar os gerentes em gestores de pessoas**. 4. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

_____. **Gestão de pessoas: no novo papel dos recursos humanos nas organizações**. 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

DESSLER, Gary. **Administração de recursos humanos**. 2. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2003.

FAVARETO, Arilson et. al. **Projeto Semear - Educação e profissionalização dos agricultores familiares visando o desenvolvimento sustentável**, 2004. Disponível em: http://www.fase.org.br/v2/admin/anexos/acervo/10_Sistemat_Projeto_Semear.pdf Acesso: em 10 set 2014.

FEIJÓ, José Eduardo de Oliveira; SILVA, Maria Cecília. **Capital humano, a vantagem competitiva da Petrobras**. 2008, Disponível em: http://www.aedb.br/seget/artigos07/1355_Capital%20Humano%20com%20vantagem%20competitiva%20versao%2014-08.pdf Acesso em 08 set 2014.

GIL, Antonio Carlos: **Gestão de pessoas: enfoque nos papéis profissionais**. 1. ed. São Paulo: Atlas 2010.

HITT, A.; IRELAND, Duane R; HOKISSON, Robert. **Administração estratégica: competitividade e globalização**. 2. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

MARRAS, Jean Pierre. **Administração de recursos humanos: do operacional ao estratégico**. 3. ed. São Paulo: Futura, 2000.

MELLO, Márcio Antonio de; *et al* **Educação formal e os desafios para a formação de uma nova geração de agricultores** (2003). Disponível em: http://www.mda.gov.br/dotlrn/clubs/redestematicasdeater/formaodeagentesdeater/contents/photoflow-view/content-view?object_id=886495. Acesso em 10 set 2014.

NEY, Marlon Gomes; HOFFMANN, Rodolfo. **Educação, concentração fundiária e desigualdade de rendimentos no meio rural brasileiro**. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/resr/v47n1/v47n1a06.pdf>. Acesso em 02 set 2014.

OLIVEIRA, Neófito Maria; VANALLE, Rosângela Maria, **Treinamento como dimensão competitiva das organizações** (1999). Disponível em: <http://www.unimep.br/phpg/editora/revistaspdf/rct14art09.pdf>. Acesso em 01 set. 2014.

STEFANELO, Eugênio L. Agronegócio brasileiro: propostas e tendências. **Revista FAE Business**. n 3, set. 2002.

SANTOS, JULIO CESAR S. **Treinamento e desenvolvimento**. 3-, 2011 - 13: 1 http://www.rhportal.com.br/artigos/wmview.php?idc_cad=g5kiev73l acesso 22 abr. 2014.

SILVA, Claudio. **A Contribuição dos cursos de formação profissional do SENAR na qualificação dos trabalhadores rurais – um estudo no município de Brasilândia-MS**. 2008. Disponível em: http://www.cbc.ufms.br/tesesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=249 Acesso em 10 ago 2014.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo. Atlas, 1999.

SENAR/MG. Disponível em: <http://www.senarminas.org.br>
VOLPE Renata Araújo. **A importância do treinamento para o desenvolvimento do trabalho**. 2009. Disponível em:
<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0136.pdf>. Acesso em 20 set 2014.

IDIOTIA AMAURÓTICA INFANTIL

Ana Paula de Assis Veloso

Acadêmica do curso de Enfermagem

Aniely Marques Faria

Acadêmica do curso de Enfermagem

Nayanni Martins Borges

Acadêmica do curso de Enfermagem

Nayara Alves

Acadêmica do curso de Enfermagem

Thaís Barbosa

Acadêmica do curso de Enfermagem

José Antonio Paniágua

Mestre e Professor do curso de Enfermagem da FACTU

RESUMO

A idiotia amaurótica infantil, também conhecida por doença de Tay-Sachs (DTS) foi descrita por um oftalmologista inglês, 1881, chamado Warren Tay e por Bernad Sachs, um neurologista americano, 1887, o que justifica o nome dessa idiotia. Manifestada somente em indivíduos homozigotos autossômico. Dada a importância quanto à idiotia amaurótica, surge se então à necessidade da abordagem da seguinte temática, onde o presente trabalho objetiva conhecer a idiotia amaurótica infantil, tendo como objetivo específico, esclarecer os sinais da doença de Tay-Sachs, identificar os fatores genéticos envolvidos na manifestação dessa anomalia e conhecer a população atingida por esta idiotia. A realização deste estudo tem como preceitos metodológicos a pesquisa bibliográfica, desse modo, foi feita uma revisão literária consultando diferentes tipos de artigos na internet e livros acerca do assunto. Foi possível perceber que os objetivos ora propostos foram alcançados através de uma revisão literária que possibilitou a descobertas de novos saberes acerca do tema em questão.

Palavras-chave:Idiotia. Tay-Sachs. Infantil

1 INTRODUÇÃO

A idiotia amaurotica familiar é uma doença hereditária, autossômica, recessiva, que se caracteriza principalmente por cegueira progressiva e demência. Sua principal lesão é a destruição neuronal, pelo fato de se acumular substâncias anormais oriundas do metabolismo cerebral nas células nervosas. Existem diferentes tipos de idiotia, conforme a idade de manifestação, como a forma infantil, tardia e a adulta. (ALENCAR, 1972).

Um dos tipos de idiotia existente é a amaurotica infantil, que também é conhecida por doença de Tay-Sachs, sendo um distúrbio neurológico, degenerativo que se manifesta em crianças a partir de 6 meses, ainda não tendo tratamento (e muito menos cura), o que resulta em morte prematura por volta do 2 anos de idade. A doença está associada à deterioração física e mental intensa, fazendo com que a criança deixe de realizar atividades que já havia aprendido como, engatinhar, pegar objetos, sorrir, dentre outros. Além disso, ela passa a ter aumento da sensibilidade auditiva, o que geralmente desagua em agitação, choro e súbita extensão de membros superiores e inferiores. A paralisia total acontece com o tempo até que ocorra a morte dentre os 2 e 5 anos de idade. Este tipo de idiotia é a forma clássica e também a mais comum, porém alguns grupos étnicos são mais propícios de se desenvolver, como, os descendentes de Judeus, que possuem uma incidência 100x maior do que a de outros grupos existentes. (ROZEMBERG, 2008).

Considerando que a enfermagem é um grupo profissional com ampla responsabilidade na assistência à criança e na qual deve ter seu

conhecimento sempre amplo, surgiu-se a necessidade de se conhecer acerca da idiotia amaaurótica infantil, sendo uma temática pouco divulgada na literatura brasileira de maior credibilidade, necessitando assim de mais incentivos a pesquisas e divulgações para otimizar o conhecimento sobre o tema.

Dada a importância quanto à idiotia amaaurótica, surge se então à necessidade da abordagem da seguinte temática, onde o presente trabalho objetiva conhecer a idiotia amaaurótica infantil, tendo como objetivo específico, esclarecer os sinais da doença de Tay-Sachs, identificar os fatores genéticos envolvidos na manifestação da doença e conhecer alguns aspectos a população atingida por esta idiotia.

2 IDIOTIAS AMAURÓTICAS

Existem diferentes tipos de formas clínicas de idiotia amaaurótica familiar, sendo muitas transicionais: idiotia amaaurótica infantil ou tipo infantil de Tay e Sachs, idiotia amaaurótica congênita, a forma juvenil de Batten e Mayou e a forma tardia de Kufs. Contudo, a distinção entre as formas clínicas, baseia-se basicamente na idade em que aparecem os primeiros sintomas, no quadro oftalmológico, no ritmo evolutivo e nas manifestações neurológicas. (JULIÃO, CANELAS, LONGO, 1954e COLAIANNI, SUBHASHINI, 2010).

Através de estudos ultraestruturais, histoquímicos e bioquímicos da idiotia amaaurótica familiar, foi possível distinguir dois tipos de entidades nosológicas. A primeira que é constituída de armazenamento de gangliósides é a da doença de Tay-Sachs, onde sua patogenia é baseada na

deficiência de enzimas lisossômicos. O segundo, na qual não possui patogenia, foi designado como ceróide –lipofuscinose neuronal, que na verdade são as idiotia tardias, juvenil e adulto, onde ocorre acúmulo de intraneuronal de lipopigmentos. (QUEIROZ, NETO, FARIA, 1974).

Na forma infantil, entre o 3º e o 8º mês após o nascimento, que se dá início ao processo, sendo progressiva a evolução, até o êxito letal por volta do dois anos. Na forma juvenil a evolução da doença ocorre de modo lento e ocorre por volta dos cinco aos oito anos de idade, levando a morte dentro de 10 a 15 anos, na média. Pelo exame nota-se degenerescência retiniana e atrofia óptica, podendo apresentar alterações motoras e convulsões. Na forma tardia, percebe-se entre os quinze e vinte e seis anos, os principais sintomas, sendo não muito comum o aparecimento de distúrbios visuais, a evolução ocorre de forma lenta, ultrapassando os 15 anos e o quadro neurológico é de forma parecida com o da forma juvenil. (JULIÃO, CANELAS, LONGO, 1954).

Contudo, percebe-se que quanto maior a idade, a evolução da doença tende a se prolongar e a diminuir a intensidade dos distúrbios visuais, porém o acometimento extrapiramidal tende a se acentuar. Mas, apesar da idade ser um critério para distinguir os vários tipos, é preciso ter em mente que diferentes formas de sintomas, apesar de raros, podem acontecer nos diferentes tipos das idiotias. Pode verificar-se alternâncias na mesma família de formas infantis e juvenis, apesar do caráter heredofamiliar ser marcantes em todas as modalidades. (ROZEMBERG, 2008).

As idiotias amaurotica têm como fundamento histopatológico o reconhecimento de alterações na retina e no neuraxe, onde ocorre nas

células ganglionares a degeneração do citoplasma, além disso, secundariamente as células gliais, também são atingidas. As células, de modo geral, se tumefazem e passam a ter massas granulosas nos prolongamento e no pericárium, sendo essas massas constituídas por lípidos. Disposta ao redor do núcleo fica a substância de Nissl no qual reduz a grânulos muito finos e sem sofrer muitas alterações as neurofibrilas são deslocadas para a periferia. Contudo, os núcleos, apesar das lesões celulares, apresentam relativamente conservados, no qual justifica o fato da persistência de relativa integridade funcional. (ROZEMBERG, 2008 e KUMAR, ABBAS, FAUSTO, 2005).

2.1 IDIOTIA AMAURÓTICA DE TAY-SACHS

A idiotia amaurótica infantil, também conhecida por doença de Tay-Sachs (DTS) foi descrita por um oftalmologista inglês, 1881, chamado Warren Tay, que observou em uma criança de um ano de idade uma lesão macular incomum, onde também apresentava fraqueza muscular. No exame oftalmológico ele detectou uma mancha branca conspícua, onde ao centro havia um ponto circular vermelho amarronzado. (COLAIANNI, SUBHASHINI, 2010).

Independentemente, Bernad Sachs, um neurologista americano, 1887, descreveu o caso de uma criança que faleceu aos dois anos de idade, onde apresentava cegueira e uma forma peculiar de deficiência mental. Além disso, ele assinalou nos resultados da autópsia, que havia malformações neuronais e deformação craniana, no qual era devido à tumefação de células nervosas. E foi por meio destes dois médicos

pesquisadores que a idiotia amaurótica infantil, foi também chamada de doença de Tay-Sachs . (ALENCAR, 1972).

Existem outros nomes a qual é designado a doença, como, deficiência em hexosaminidade, degeneração cerebromacular, lipidose por deposição de gangliósides, gangliosidose GM2 tipo 1 e unidade alfa. (MATAS, 2009).

2.2 GENÉTICA NA DOENÇA DE TAY-SACHS

Manifestado somente em indivíduos homozigotos autossômico, uma hereditária é dominada como herança recessiva autossômica monogênica, sendo um exemplo a doença de Tay-Sachs. Através da doença, ocorre uma deficiência acentuada da hexosaminidase A, que é uma enzima lisossômica, onde esse processo é determinado por um gene autossômico, em homozigose. A produção desta enzima é dependente no cromossomo 15, especificamente um alelo no loco do braço inferior, sendo que a mesma participa do metabolismo do gangliosídeo Gm2, um lipídeo do sistema nervoso. Com a ausência da enzima, ocorre o acúmulo deste lipídeo nas células ganglionares do cérebro e de outros órgãos, devido ele não ser metabolizado, e com isso provoca retardamento do desenvolvimento, seguido posteriormente por demência, em seguida cegueira, paralisia e por último levando a morte. (BEIGUELMAN, 2008 e).

O acúmulo de lipídeos nas células ganglionares é perceptível através do exame ocular, no qual se observa uma área de cor cinza-claro ao redor da fóvea central, além do ponto central de cor avermelhada. A

hexosaminidade A, dos heterozigotos do gene que causa a doença, apresenta um número inferior da sua atividade comparado com os indivíduos normais, podendo assim ser detectados. Sua identificação pode ser feita em fibroblastos e leucócitos em cultura, tornando fácil assim mais fácil, além do pré-natal que diagnóstica a deficiência da hexosaminidase A. (DESNICK, KABACK, 2001 e KUMAR, ABBAS, FAUSTO, 2005).

2.3 SINAIS DA DOENÇA DE TAY-SACHS

A criança que possui idiotia amaurótica infantil apresenta nos primeiros meses de vida um desenvolvimento normal. Os sinais começam a surgir em seguida, através da falta de tônus muscular, nistagmo, apatia e deficiência visual e aditiva. Além disso, a criança passa a ser atraída pela luz no primeiro ano de vida e começa a mover os olhos, seguindo objetos. Quanto aos olhos, o último sintoma é a cegueira total. Diferente das crianças normais, não se tem interesse por brinquedos, nem por ambiente circundante. A criança passa então a ser letárgica e na fase terminal a alimentação necessita de tubos, e convulsões e problemas bronquiais se tornam típicos, levando a morte no segundo ano de vida. (ROZEMBERG, 2008).

Caso ocorra dúvida quanto aos sintomas supracitados, o exame oftalmológico é uma opção certa para confirmação da doença, onde se observa através dele, um ponto vermelho na retina, que se dá devido à deposição lipídica, sendo esta mancha encontrada em todos os pacientes. Não existe um tratamento disponível e os sinais e sintomas não mudaram

desde as primeiras descrições. (ROZEMBERG, 2008e COLAIANNI, SUBHASHINI, 2010).

2.4 POPULAÇÃO ATINGIDA

Apesar de sua raridade, a doença de Tay-Sachs ocorre com maior frequência em certos grupos étnicos, como na população judaica, onde a cada 31 indivíduos, 1 é portador e a cada 4000 nascimentos, ocorre 1 caso da doença. Outra população cuja frequência gênica é 10 vezes maior é a franco-canadense e a Cajun, EUA, onde apresentam risco da incidência chegar a 100 vezes maior. (ALENCA, 1972).

A incidência da doença na população de judeus diminuiu cerca de 90% através do diagnóstico no pré-natal por meio de programa que são desenvolvidos para detecção e orientação de heterozigotos da doença. Apenas em Israel, Canadá e EUA que são desenvolvidos esses tipos programas devido à incidência em suas populações. (ALENCA, 1972).

3 METODOLOGIA

A realização deste estudo tem como preceitos metodológicos revisão bibliográfica narrativa, a qual foi feito consultando diferentes tipos de artigos na internet e livros acerca do assunto abordado, o que possibilitou a incorporação de informações organizadas suficientes para dar forma a este artigo. .

Santos (2012), diz que a revisão da literatura pode levar outros nomes, como “revisão bibliográfica” ou até mesmo “estado do

conhecimento”, porém todos eles tem o mesmo objetivo que é dissertar acerca de um determinado assunto, a contribuição acadêmica. Por meio dela, é possível ter uma visão de várias pesquisas e contribuições do passado, para que se tenha uma investigação futura e desenvolva estudos. Contudo ela se torna uma forma de comprovar a importância do trabalho realizado pelo pesquisador.

A revisão narrativa é constituída por diferentes fases como a introdução, seguida pelo desenvolvimento do assunto, os comentários e as citações. Este tipo de revisão são publicações amplas, com o objetivo de discutir algum assunto, seja ele pelo ponto de vista teórico ou mesmo contextual. (ROTHER, 2007).

Segundo Marconi e Lakatos (2005), na revisão bibliográfica subentende que o autor utilizou livros, revistas, e publicações avulsas para levantar uma gama bibliográfica, com o objetivo de fazer o escritor entrar em contato com os diferentes tipos de literatura pesquisados sobre um determinado assunto, tendo estes como auxílio para manipulação das informações. A partir daí que se dá o início de todo tipo de pesquisa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após todas as discussões realizadas até então se faz necessário apresentar considerações finais a respeito da pesquisa ora em questão. Sendo assim, vale salientar que o estudo surgiu pelo fato de ser um assunto pouco discutido e conseqüentemente pouco conhecido.

Portanto é pertinente ressaltar que o objetivo deste estudo foi explanar um pouco mais sobre idiotia amaurótica infantil.É notório que

esse objetivo ora proposto foi alcançado através dessa revisão literária que possibilita otimizar o conhecimento do tema em questão. Além disso, foram discutidos durante a revisão bibliográfica a sintomatologia característica da doença, e ficou claro que não existe cura e nem tratamento, o que impetra gravidade nessa doença, e, contudo, foi relatado que existe uma população com maior predisposição para o desenvolvimento da idiotia amaurótica, que são os descendentes de judeus.

Diante disso, percebe-se a importância de ler para conhecer novos temas e discuti-los para que sejam melhor conhecidos. Esse exercício incita a nossa curiosidade e ao mesmo tempo, ressalta a importância de otimizar o conhecimento sobre algumas doenças muito raras, instigando aos futuros acadêmicos o ampliamto de seus saberes a respeito o estudo abordado por meio da realização de outras pesquisas a respeito de temáticas afins.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

ALENCAR, Alexandre. **Forma Juvenil da Idiotia Amaurótica Familiar** (Doença de: Spielmeyer-Vogt-Batten). Instituto Oswaldo Cruz. Guanabara: Rio de Janeiro, 1972.

BEIGUELMAN, Bernardo. **A interpretação Genética da Variabilidade Humana**. Ribeirão Preto, SP: SBG, 2000. 152P.

COLAIANNI, Alessandra; SUBHASHINI, Chandrasekharen; DEEGAN, Robert Cook. Impacto das patentes de genes e as práticas de licenciamento sobre o acesso a testes genéticos e triagem de portadores de doença de Tay-Sachse a doença de Canavan. **Genética em Medicina**, v. 12, s/n, p. 5-14, EUA: 2010.

DESNICK, Robert; KABACK, Michael. **Doença de Tay-Sachs**. San Diego, EUA: Academic Press, 2001.

JULIÃO, Freitas; CANELA, Horácio; LONGO, Norberto. **Idiotia Amaurótica Familiar: Forma Juvenil**. Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. São Paulo: julho, 1954.

KUMAR A.; ABBAS V.; FAUSTO. Robbins & Cotran. **Bases Patológicas das Doenças**. 7 ed. Elsevier: Rio de Janeiro, 2005.

MARKONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 6 ed. São Paulo: Atlas S.A, 2005.

MATAS, Andréia Felipa Moreira Rodrigues. Lipofuscinose Ceróide Neuronal Juvenil: Da teoria à prática clínica, estudo de dois casos. 2009, 106f. Dissertação - (MESTRADO EM MEDICINA) – Universidade da Beira Interior: Faculdade de Ciências da Saúde, Covilhã, ESP: 2009.

QUEIROZ, Luciano de Souza; NETO, Joaquim da Cruz; FARIA, Lopes. Ceróide-lipofuscinose neuronal, um tipo de idiotia amaurótica familiar: um estudo clínico patológico de quatro casos. Arquivo de Neuro-Psiquiatria, v.32, n. 1, São Paulo, 1974.

ROZENBERG, Roberto. **Análise da Incidência de Mutações no Gene Hexa na População Judaica Brasileira – Avaliação da importância de um Programa preventivo da Doença de Tay-Sachs**. 2000. 114f. Dissertação - (Mestrado) – Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo. Departamento de Genética, São Paulo, 2008.

ROTHER, Edna Terezinha. Revisão Sistemática x Revisão Narrativa. **Acta Paulista em Enfermagem**, v. 20, n. 2, abr/jun, São Paulo: 2007.

SANTOS, Valdeci. **O que é e como fazer uma revisão da literatura**. Fides Reformata XVII. Campo Belo, MG, v. 1, n. 1, p. 80-104, 2012.

A PERCEPÇÃO DE MULHERES USUÁRIAS DE UMA UNIDADE DE ESTRATÉGIA DE SAÚDE DE FAMÍLIA DO MUNICÍPIO DE UNAÍ-MG, ACERCA DO CÂNCER DE MAMA E SUA PREVENÇÃO

Daíse Noronha

Acadêmica do curso de Enfermagem

Nayanni Martins

Acadêmica do curso de Enfermagem

Lorrany Barbosa

Acadêmica do curso de Enfermagem

Nathália Oliveira Martins

Especialista em saúde pública e da família pela UNIASSELVI. Mestranda em Psicologia e coordenadora do curso de Enfermagem da FACTU

RESUMO

De acordo com Kim et. al. (2010), as neoplasias atingem mais de 25 milhões de pessoas em todo o mundo atualmente. O câncer de mama representa a principal causa de morte por câncer em mulheres brasileiras, e em nível mundial cede o lugar apenas para o câncer de pulmão, representando um grande problema de saúde pública em todo o mundo. O artigo tem como objetivo geral, identificar a percepção de mulheres usuárias de uma unidade de estratégia de saúde de família do município de Unaí-MG, acerca do câncer de mama e sua prevenção. Tendo como os objetivos específicos, identificar o conhecimento destas mulheres em relação ao câncer de mama e os meios de prevenção; relatar a importância do autoexame das mamas, na percepção destas mulheres; descrever a importância da atuação enfermeiro na prevenção do Câncer de mama. Trata-se de um estudo descritivo, de abordagem qualitativa, realizado com 05 mulheres usuárias da estratégia de saúde da família (ESF) de um município de Minas Gerais, no período de 01 de agosto de 2014. Como instrumento de coleta de dados, utilizou-se a entrevista semiestruturada.

Palavras-chave: Estratégia saúde da família. Câncer de Mama. Enfermagem.

ABSTRACT

According to Kim et. al. (2010), neoplasms reach over 25 million people worldwide currently Breast cancer is the leading cause of cancer death in Brazilian women worldwide and gives way only to lung cancer, representing an major public health problem worldwide. The article aims to describe, identify the perception of women using a unit of the health strategy of the municipality of Unai, Minas Gerais family about breast cancer and its prevention as having objectives identify the knowledge of these women in relation to cancer breast and means of prevention; report the importance of self-examination of breasts in the perception of these women; describe the importance of the nurse's role in preventing breast cancer. This is a descriptive study with a qualitative approach, conducted with 05 women users of the Family (FHT) of a city in Minas Gerais health strategy for the period August 1, 2014. As an instrument of data collection, we used to semi-structured interview.

Keywords: family health strategy. Breast Cancer. Nursing.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo surgiu da curiosidade em identificar a percepção de mulheres usuárias de uma unidade de estratégia de saúde de família do município de Unai-MG, acerca do câncer de mama e sua prevenção. O desejo de realizar esta pesquisa foi robustecido por ser de suma importância o conhecimento das mulheres em relação ao câncer de mama, pois se sabe que o diagnóstico precoce contribui para um melhor tratamento e possível cura de tal patologia.

Considerando que os conteúdos estudados na área envolvida, referem-se aos elementos que envolvem o fenômeno anteriormente apresentado, pretendeu-se por meio deste estudo, buscar respostas para a seguinte problemática: Qual a percepção de mulheres usuárias de uma

unidade de estratégia de saúde de família do município de Unaí-MG, acerca do câncer de mama e sua prevenção?

Diante do problema apresentado é pertinente esclarecer que a hipótese levantada foi de que essas mulheres conhecem a patologia de câncer de mama e sabem os meios para sua prevenção, como também já realizaram exames preventivos.

A presente pesquisa pretendeu alcançar o objetivo geral que é identificar a percepção de mulheres usuárias de uma unidade de estratégia de saúde de família do município de Unaí-MG, acerca do câncer de mama e sua prevenção. Dessa forma, para que tal escopo seja alcançado foi preciso identificar os objetivos específicos que foram: identificar o conhecimento destas mulheres em relação ao câncer de mama e os meios de prevenção; relatar a importância do autoexame das mamas, na percepção destas mulheres; descrever a importância da atuação enfermeiro na prevenção do Câncer de mama.

A realização desse trabalho é duplamente relevante, pois, além das razões já consideradas acima, certifica-se através da literatura científica, que o câncer de mama é um grande problema de saúde pública e é responsável por grandes índices de mortalidade entre as mulheres em todo mundo.

Os cânceres ou neoplasias malignas vêm assumindo um papel cada vez mais importante entre as doenças que acometem a população feminina, representando, no Brasil e no mundo, importante causa de morte entre as mulheres adultas. O câncer de mama é o segundo tipo de câncer mais frequente no mundo e o primeiro entre as mulheres. (SILVA, 2008).

O diagnóstico de câncer tem, geralmente, um efeito devastador na vida da pessoa que o recebe, seja pelo temor às mutilações e desfigurações que os tratamentos podem provocar, seja pelo medo da morte ou pelas muitas perdas, nas esferas emocional, social e material, que quase sempre ocorrem. Portanto, a atenção ao impacto emocional causado pela doença é imprescindível na assistência ao paciente oncológico. (SILVA, 2008).

Desta forma, este estudo proporciona benefícios imprescindíveis para os profissionais de enfermagem, estudantes e para toda sociedade. Para tanto, tem-se ainda a intenção de alertar os profissionais de saúde e a população feminina a darem maior importância ao autoexame das mamas e demais prevenções, pois o mesmo é considerado um aliado na luta contra essa patologia que traz grandes prejuízos a saúde de milhares de mulheres.

2 CÂNCER DE MAMA

O câncer consiste em uma enfermidade crônica, caracterizada pelo crescimento celular desordenado, o qual é resultante de alterações no código genético. Entre 5% a 10% das neoplasias são resultados diretos da herança de genes relacionados ao câncer, mas grande parte envolve danos ao material genético, de origem física, química ou biológica, que se acumulam ao longo da vida. (INUMARU; SILVEIRA e NAVES, 2011).

De acordo com a OMS - Organização Mundial de Saúde (Brasil, 2008 apud BEGHINI et. al, 2006), câncer é o nome dado a um grupo de doenças que tem em comum o crescimento desordenado de células, classificado como tumor maligno, precisando ficar claro que nem todo tumor é um câncer. O tumor maligno (câncer) tem a capacidade de espalhar-se para outras regiões do corpo, multiplicando-se rapidamente. Os

diferentes tipos de câncer correspondem aos vários tipos de células do corpo, e sua cura está muito relacionada com a detecção precoce de suas células atípicas.

De acordo com Kim et. al. (2010), as neoplasias atingem mais de 25 milhões de pessoas em todo o mundo atualmente, sendo uma das doenças recordistas de mortalidade em todos os países. A Organização Mundial da Saúde estima que as neoplasias sejam a causa principal de morte de 7,6 milhões de pessoas no ano de 2005, sendo que 70% destas mortes ocorreram em países pobres ou em desenvolvimento.

Os cânceres ou neoplasias malignas vêm assumindo um papel cada vez mais importante entre as doenças que acometem a população feminina, representando, no Brasil e no mundo, importante causa de morte entre as mulheres adultas. O câncer de mama é o segundo tipo de câncer mais frequente no mundo e o primeiro entre as mulheres. (SILVA, 2008).

É relativamente raro antes dos 35 anos de idade, mas acima desta faixa etária sua incidência cresce rápida e progressivamente. As estatísticas indicam o aumento de sua frequência tanto nos países desenvolvidos quanto naqueles em desenvolvimento. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), nas décadas de 60 e 70 registrou-se um aumento de 10 vezes nas taxas de incidência ajustadas por idade nos Registros de Câncer de Base Populacional de diversos continentes.

No Brasil, é a primeira causa de morte por câncer na população feminina, principalmente na faixa etária entre 40 e 69 anos (INCA, 2006). Em países do Ocidente, entre todas as causas de óbito, ele é a mais comum em mulheres abaixo da idade de 50 anos. (Boyd, 1999 apud ARAUJO, FERNANDES, 2008).

Neste contexto, o câncer de mama permanece como o segundo tipo de câncer mais frequente no mundo e o primeiro entre as mulheres, sendo que as taxas de incidência do câncer de mama dobraram nos últimos trinta anos. Com isto, a prevenção ao câncer tornou-se um dos principais objetivos dos programas de saúde públicos, devido a sua crescente incidência e a alta mortalidade associada (BEGHINI et., al, 2006).

O câncer de mama representa a principal causa de morte por câncer em mulheres brasileiras, e em nível mundial cede o lugar apenas para o câncer de pulmão, representando um grande problema de saúde pública em todo o mundo. O Brasil tem acompanhado as altas taxas de incidência e mortalidade de câncer de mama dos países desenvolvidos, porém as medidas necessárias à prevenção, ao diagnóstico e ao controle da doença não têm sofrido o mesmo crescimento. Foi estimado, para o ano de 2010, aproximadamente 49.240 novos casos de câncer de mama, com risco de 49 casos a cada 100 mil mulheres, e uma sobrevida mundial de 61% após cinco anos. (INUMARU; SILVEIRA e NAVES, 2011 p.4).

2.1 O IMPACTO DO CÂNCER DE MAMA NA VIDA DAS MULHERES

O diagnóstico de câncer tem, geralmente, um efeito devastador na vida da pessoa que o recebe, seja pelo temor às mutilações e desfigurações que os tratamentos podem provocar, seja pelo medo da morte ou pelas muitas perdas, nas esferas emocional, social e material, que quase sempre ocorrem. Portanto, a atenção ao impacto emocional causado pela doença é imprescindível na assistência ao paciente oncológico. (SILVA, 2008).

O câncer de mama é uma doença extremamente temida por mulheres, dado que repercute intensamente em sua condição física, social e emocional. O diagnóstico é vivido tanto pela paciente quanto pela família

como um momento de intensa angústia, onde a possibilidade de morte e mutilação fazem-se presentes de forma pregnante. Os sentimentos mais comuns apresentados pela mulher com câncer de mama são: raiva, tristeza, inquietação, ansiedade, angústia, medo e luto. Cada paciente vivencia de forma individual essa experiência, acerca de seu diagnóstico e dos aspectos psicossociais envolvidos nesse processo, podendo utilizar-se da negação como perigoso mecanismo de defesa nesta circunstância. (FIOREZE e PINHEIRO, S/D).

A descoberta desta neoplasia pode abalar intensamente a identidade da mulher dado a mama ser um órgão que está relacionado à feminilidade, ao prazer, sensualidade, diferença de sexos, sexualidade, além de estar intensamente ligada à maternidade, uma vez ser fonte de alimento para o bebê. (ARAUJO, FERNANDES, 2008 p. 2).

Quanto ao câncer de mama, desde a década de 70 a medicina tem se dedicado mais ao impacto psicossocial da doença. Estudos dessa época delinearão que as mulheres sofrem desconforto psicológico, como ansiedade, depressão e raiva; mudanças no padrão de vida, relacionadas ao casamento, vida sexual e atividades no trabalho, e, ainda, medos e preocupações concernentes à mastectomia, recorrência da doença e morte. (MEYEROWITZ, 1980 apud SILVA, 2008).

A confirmação do diagnóstico causa impacto psicossocial tanto na paciente quanto em seus familiares. Tal impacto requer uma rede social de apoio, com vistas a facilitar o reconhecimento e a aceitação da doença, e encontrar a melhor forma de adaptação. É indispensável apoiá-la e

encorajá-la a superar conflitos pessoais e sociais possíveis de surgir. (SANTOS e VIEIRA, 2011).

Segundo Kil et. al. (2010), é extremamente difícil passar por uma doença como o câncer sem algum tipo de seqüela, seja física, psíquica ou social. E justifica-se a importância de conhecer quais os problemas vividos pelas mulheres em face do diagnóstico de câncer de mama e quais os modos de enfrentamento utilizados. Nossa finalidade é embasarmos a assistência de enfermagem integralizadora e humanizada e criarmos uma rede social de apoio, na tentativa de minimizar o sofrimento e reabilitar essas mulheres para o convívio social e familiar 4. Após as considerações feitas, o objetivo proposto é: compreender o impacto do diagnóstico de câncer mama para a mulher.

2.2 PREVENÇÃO DO CÂNCER DE MAMA

Segundo Marinho et. al, (2003), a melhor maneira de combatermos o câncer é através da prevenção, pois só assim a doença é diagnosticada em sua fase precoce e com melhores chances de cura. Toda mulher deve procurar o ginecologista uma vez por ano para fazer exame clínico e obter orientação preventiva sobre doenças ginecológicas. A falta de informação leva a um atraso no diagnóstico, impossibilitando muitas vezes o tratamento adequado.

Para a prevenção do câncer de mama, temos:

- Orientação médica preventiva;
- Exame clínico;
- Autoexame;

- Mamografia (complementada ou não por ultrassonografia das mamas).

Após os 40 anos, a mamografia começa a ser um exame importante para a detecção da doença e recomenda-se que seja feito pelo menos uma vez por ano a partir daí. Todas as mulheres deveriam procurar um mastologista para acompanhamento e exame anual durante sua vida, mas principalmente a partir dos 40 anos. (ANDRADE et. al, 2005).

Scowitz et. al, (2005) ressalta que, o câncer de mama na verdade ainda não tem uma prevenção totalmente eficaz, mas tenta fazer com que a patologia seja diagnosticada o mais cedo possível. Para isto recomenda-se que as mulheres conheçam seu corpo desde que apresentem o crescimento das mamas na adolescência.

Diante disso o autoexame das mamas é um grande aliado nessa prevenção. O autoexame das mamas deve ser feito assim, de acordo com (FIOREZE e PINHEIRO, s/d; s/p):

Primeiro passo: Observação em frente ao espelho

De frente para o espelho sem ROUPA, observe se as duas mamas são iguais. Primeiro com os braços caídos, depois com os braços levantados e depois com as mãos apoiadas na bacia fazendo pressão para observar se existe alguma alteração na superfície da mama como abaixamento, saliência, rugosidade ou cor anormal, como mostra a imagem.

Segundo passo: Palpação de pé

Durante o banho com o corpo molhado e as mãos ensaboadas, levante o braço esquerdo, colocando a mão atrás da cabeça e palpe cuidadosamente a mama esquerda com a mão direita, como mostra a primeira imagem. A palpação deve ser feita com os dedos da mão juntos e esticados em movimentos circulares em toda a mama e de cima para baixo, como mostra a segunda imagem. Repita este passo na mama direita. Depois da palpação da mama, pressione também o mamilo suavemente e veja se há saída de qualquer líquido, como

mostra a terceira imagem. Faça o procedimento nas duas mamas.

O autoexame da mama deve ser feito uma vez por mês, todos os meses, 3 a 5 dias após o aparecimento da menstruação ou em uma data fixa nas mulheres que já não têm menstruação. Todas as mulheres após os 20 anos, com caso de câncer na família e 40 anos, sem caso de câncer da família devem realizar o autoexame da mama para prevenir e diagnosticar precocemente o câncer de mama. (CARVALHO et. al, 2009).

O autoexame deve ser instruído pelo ginecologista ou por outro profissional da área médica. Este deve ser feito mensalmente, uma semana após a menstruação, pois as mamas estão menos inchadas e doloridas nesta fase do ciclo. As mulheres que não menstruam mais devem escolher um dia do mês para realizar o autoexame (por exemplo, todo dia 15). O importante não é o dia em que o autoexame deve ser feito, mas sim que ele seja realizado regularmente a cada mês. (MATOS; PELLOSO e CARVALHO, 2011).

Em contrapartida o INCA (2014), diz que não estimula o autoexame das mamas como método isolado de detecção precoce do câncer de mama. A recomendação é que o exame das mamas pela própria mulher faça parte das ações de educação para a saúde que contemplem o conhecimento do próprio corpo. Pois, evidências científicas sugerem que o autoexame das mamas não é eficiente para a detecção precoce e não contribui para a redução da mortalidade por câncer de mama. Além disso, traz consequências negativas, como aumento do número de biópsias de lesões benignas, falsa sensação de segurança nos exames falsamente

negativos e impactos psicológicos negativos nos exames falsamente positivos.

Portanto, o exame das mamas feito pela própria mulher não substitui o exame físico realizado por profissional de saúde (médico ou enfermeiro) qualificado para essa atividade.

2.3 PAPEL DO ENFERMEIRO E DA EQUIPE DE SAÚDE NA PREVENÇÃO DO CÂNCER DE MAMA

É fundamental que os serviços de saúde orientem sobre o que é, e qual a importância da prevenção do câncer de mama, pois a sua realização periódica permite reduzir a mortalidade por câncer de mama. A detecção precoce do câncer de mama, por meio do autoexame e demais diagnósticos, permite a detecção das lesões precursoras da doença em estágios iniciais, aumentando a chance de cura da doença. (MELO, 2012).

O enfermeiro pode prestar importante contribuição para a prevenção do câncer de mama, destacando-se, dentre outras, sua participação no controle de fatores de risco, na realização da consulta ginecológica e realizando o autoexame das mamas nas clientes juntamente com a orientação, influenciando para um maior e melhor atendimento à demanda, efetivando um sistema de registro de qualidade, intervindo para o encaminhamento adequado das mulheres que apresentarem alterações das mamas para o devido diagnóstico e tratamentos. Assim, torna-se imprescindível o adequado preparo da equipe de enfermagem para as demandas do cuidar desta clientela. O enfermeiro é o profissional responsável pelo processo educativo desta equipe, sendo de sua

competência divulgar informações à clientela, no tocante aos fatores de risco, ações de prevenção e detecção precoce, orientando e adotando para si modelos de comportamento e hábitos saudáveis. (BEGHINI et. al. 2006).

3 METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos propostos neste estudo, e para responder sua questão norteadora, utilizou-se como método de estudo uma abordagem qualitativa de caráter descritivo. - o Discurso do Sujeito.

A entrevista semiestruturada foi realizada com cinco mulheres usuárias da ESF, como metodologia auxiliar na obtenção de dados qualitativos, sendo possível analisar e extrair informações valiosas sobre a percepção das mesmas em relação ao câncer de mama e sua prevenção.

Para Minayo (2001, p: 21), a pesquisa qualitativa busca motivações e aspirações:

“A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significado, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.”

A amostra por acessibilidade foi composta por cinco mulheres usuárias de uma ESF do município de Unaí-MG, que aceitaram participar da pesquisa. Foram excluídas aquelas que não aceitaram participar do estudo.

A coleta de dados ocorreu no período de 01 de agosto de 2014, por meio de questionário estruturado composto por 05 questões abertas, abordando temas em relação ao câncer de mama e sua prevenção.

Segundo Diniz et al. (2011) o emprego da técnica de entrevistas com questionários semiestruturados é uma prática que se utiliza entre as ciências humanas. Para a consecução dos dados objetivos, a análise indutiva de dados estatísticos é um método clássico e dedicado nas ciências humanas.

4 RESULTADOS: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Quando indagadas na primeira pergunta sobre se você já ouviu falar sobre Câncer de Mama? Se sim, o que é e como se previne?

Entrevistada 1: Sim. Fazendo massagem no peito para ver se tem algum nódulo.

Entrevistada 2: Sim. Fazer o autoexame.

Entrevistada 3: Sim. Fazendo o autoexame preventivo.

Entrevistada 4: Sim.

Entrevistada 5: Faço mamografia anualmente.

Percebeu-se pelas respostas das entrevistadas, que todas já ouviram fala sobre o que é o Câncer de mama e como se previne essa patologia. Isso é de suma importância, pois, quando se conhece uma patologia e a maneira de preveni-la, é grande o índice de não se ter tal doença, quando seguido os fatores de prevenção corretamente.

De acordo com a OMS - Organização Mundial de Saúde (Brasil, 2008 apud BEGHINI et. al, 2006), câncer é o nome dado a um grupo de doenças que tem em comum o crescimento desordenado de células,

classificado como tumor maligno, precisando ficar claro que nem todo tumor é um câncer.

Na segunda pergunta, quando indagadas sobre se em sua família já teve algum caso de Câncer de mama?

Entrevistada 1: Não.

Entrevistada 2: Não.

Entrevistada 3: Não. Só de intestino.

Entrevistada 4: Que eu saiba não.

Entrevistada 5: Não.

Notou-se pelas respostas das entrevistadas que nenhuma delas teve caso de Câncer de Mama na família, somente uma relatou que houve um caso de Câncer de Intestino na sua família. Fator esse de grande positividade, pois diminui os riscos do desencadeamento do câncer de mama nestas mulheres, pois se sabe que a predisposição genética contribui grandemente para o surgimento dessas patologias.

O câncer de mama representa a principal causa de morte por câncer em mulheres brasileiras, e em nível mundial cede o lugar apenas para o câncer de pulmão, representando um grande problema de saúde pública em todo o mundo. (INUMARU; SILVEIRA e NAVES, 2011).

Na terceira pergunta, foram indagadas se você sabe realizar o autoexame das mamas? Se não, como você realiza o exame preventivo do câncer de mama?

Entrevistada 1: Mais ou menos. Através do exame.

Entrevistada 2: Não. Através do exame.

Entrevistada 3: Sei. Fazendo as massagens na mama.

Entrevistada 4: Toque com os dedos ao redor das mamas.

Entrevistada 5: Sim, faço o autoexame após o período menstrual.

Como se observou nas falas das entrevistadas, três delas disse que sabiam fazer autoexame das mamas, porém duas delas não sabiam como se realizava. Sabe-se que o autoexame é de suma importância e o conhecimento do mesmo, contribui para a prevenção do câncer de mama e ajuda a detectar a possível doença precocemente.

Após os 40 anos, a mamografia começa a ser um exame importante para a detecção da doença e recomenda-se que seja feito pelo menos uma vez por ano a partir daí. Todas as mulheres deveriam procurar um mastologista para acompanhamento e exame anual durante sua vida, mas principalmente a partir dos 40 anos Andrade et. al, (2005).

Na quarta pergunta realizada aos entrevistados foi interrogado, você já fez algum tipo de exame para prevenção do Câncer de mama? Se sim, qual?

Entrevistada 1: Não.

Entrevistada 2: Não.

Entrevistada 3: Não.

Entrevistada 4: Sim. Ultrassom e toque.

Entrevistada 5: Sim. Mamografia.

Diante das falas das entrevistadas percebeu-se que três destas entrevistadas não realizaram nenhum exame de prevenção do Câncer de Mama. É indispensável dizer, que este é um fator agravante para saúde destas mulheres, pois elas se encontram na faixa etária de idade em que se deve ter uma maior prevenção do câncer de mama e não realizando tal exame, estão sujeitas a detectar um possível câncer em estágio avançado, dificultando a cura.

A melhor maneira de combatermos o câncer é através da prevenção, pois só assim a doença é diagnosticada em sua fase precoce e com melhores chances de cura. Para a prevenção do câncer de mama, temos: Orientação médica preventiva; Exame clínico; Autoexame; Mamografia (complementada ou não por ultrassonografia das mamas). (MARINHO et. al, 2003).

Na quinta pergunta, foi indagado sobre se você já recebeu orientações do Enfermeiro da unidade ou de qualquer outro profissional da ESF em que é usuária, em relação a prevenção do câncer de mama? Se sim, quais orientações?

Entrevistada 1: Sim. Disseram para, após alguns dias que a menstruação for embora eu apalpar as mamas.

Entrevistada 2: Não.

Entrevistada 3: Não.

Entrevistada 4: Sim. Para observar se aparece algum nódulo ou caroço.

Entrevistada 5: Não.

Nessa pergunta, preocupou-se em identificar se a equipe de enfermagem e da unidade de saúde estava cumprindo com seu papel na prevenção do Câncer do Colo do útero.

Diante das respostas, observou-se que três dessas cinco mulheres nunca receberam nenhuma orientação por parte da Enfermeira e também da equipe, fator esse que deve ser modificado e melhorado, pois toda a equipe de saúde tem o dever de orientar essas mulheres em relação a prevenção do câncer de mama e demais doenças.

O enfermeiro é o profissional responsável pelo processo educativo da equipe e das usuárias da unidade de saúde, sendo de sua competência divulgar informações à clientela, no tocante aos fatores de risco, ações de

prevenção e detecção precoce, orientando e adotando para si modelos de comportamento e hábitos saudáveis. (BEGHINI et. al. 2006).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do estudo sobre a percepção de mulheres usuárias da ESF, acerca do câncer de mama e sua prevenção, é de suma importância, pois o câncer está entre as três doenças com maior taxa de mortalidade entre as mulheres, e devido a isso, uma boa instrução e a realização das prevenções existentes, se torna um aliado na luta contra o câncer mama e demais patologias que acometem as mulheres.

A avaliação do conhecimento destas mulheres é totalmente relevante, pois através desta, a equipe de saúde pode intervir nas possíveis falhas de informação destas usuárias, visando instruir e informar essa população feminina quanto à importância de se prevenir, ocasionando uma detecção precoce do problema, contribuindo desta maneira para uma maior probabilidade de cura.

Diante das respostas obtidas, percebeu-se então, que tais usuárias da unidade não estão sendo instruídas de maneira eficaz em relação ao câncer de mama, ocasionando assim na não prevenção correta.

Tratando-se do enfermeiro, cabe a este, realizar palestras para as mulheres usuárias de sua unidade, instruir os profissionais pertencentes à equipe de saúde, para que eles sejam aliados na luta contra o câncer de mama. E também ter em mente do seu grande papel no estado de saúde dessas mulheres usuárias da ESF.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Célia Regina de et al . **Apoio social e autoexame das mamas no Estudo Pró-Saúde**. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro , v. 21, n. 2, abr. 2005. Disponível em:

<http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102311X2005000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 04 ago. 2014.

ARAUJO, Iliana Maria de Almeida e FERNANDES, Ana Fátima Carvalho. **O significado do diagnóstico do câncer de mama para a mulher**. Esc. Anna Nery . 2008.

BEGHINI et. al., Alessandra Bonato; SALIMENA, Anna Maria de Oliveira; MELO, Maria Carmen Simões Cardoso de e SOUZA, Ívis Emília de Oliveira. **Adesão das acadêmicas de enfermagem à prevenção do câncer ginecológico: da teoria à prática**. Texto contexto - Enferm. [online]. 2006, vol.15, n.4. Disponível em: <

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010407072006000400012&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 04 de agos. de 2014.

CARVALHO et. al, Cecília Maria Resende Gonçalves de; **Prevenção de câncer de mama em mulheres idosas: uma revisão**. Rev. bras. enferm. . 2009. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S003471672009000400014&script=sci_arttext> Acesso em: 04 de Ago. 2014.

DINIZ, M. T. M. *et al.* Utilização de Entrevistas Semi-estruturadas Na Gestão Integrada de Zonas Costeiras: o Discurso dos Sujeito Coletivo Como Técnica Auxiliar. **Rev. Scientia Plena**. 2011. Disponível em:

<<http://www.scientiaplena.org.br/ojs/index.php/sp/article/viewFile/205/79>>. Acesso em: 16 de set. de 2013.

FIOREZE, Dulce Anita Schwaab, PINHEIRO, Silvia Dutra. **Câncer de mama e apoio emocional**. Curso de Psicologia das Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT). Disponível em:

<<https://psicologia.faccat.br/moodle/pluginfile.php/197/course/section/100/dulce.pdf>>

INCA, Instituto Nacional do Câncer. **Prevenção do câncer de mama.**

2014. Disponível em:

<<http://www2.inca.gov.br/wps/wcm/connect/tiposdecancer/site/home/mama+/prevencao>> Acesso em: 04 de Ago. 2014.

INUMARU, Livia Emi; SILVEIRA, Érika Aparecida da e NAVES, Maria Margareth Veloso. **Fatores de risco e de proteção para câncer de mama: uma revisão sistemática.** Cad. Saúde Pública. 2011

KIM, Daniel Dongiu et al. **Saber é prevenir: uma nova abordagem no combate ao câncer de mama.** Ciênc. saúde coletiva. 2010.

MARINHO, Luiz Alberto Barcelos et al . Conhecimento, atitude e prática do autoexame das mamas em centros de saúde. **Rev. Saúde Pública,** São Paulo , v. 37, n. 5, out. 2003. Disponível em:

<http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003489102003000500005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 04 ago. 2014.

MATOS, Jéssica Carvalho de; PELLOSO, Sandra Marisa e CARVALHO, Maria Dalva de Barros. **Fatores associados à realização da prevenção secundária do câncer de mama no Município de Maringá, Paraná, Brasil.** Cad. Saúde Pública [online]. 2011. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S003471672009000400014&script=sci_arttext> Acesso em: 04 de Ago. 2014.

MELO, Maria Carmen Simões Cardoso de. O Enfermeiro na Prevenção do Câncer do Colo do Útero: o Cotidiano da Atenção Primária. **Revista Brasileira de Cancerologia.** 2012. Disponível em: <

http://www.inca.gov.br/rbc/n_58/v03/pdf/08_artigo_enfermeiro_prevencao_cancer_colo_uterio_cotidiano_atencao_primaria.pdf> Acesso em: 04 de Agos. de 2014.

MINAYO, M.C.S.. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** 19 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

RAMOS, Bianca Figueiredo e LUSTOSA, Maria Alice. Câncer de mama feminino e psicologia. **Rev. SBPH** . 2009.

SANTOS, Daniela Barsotti e VIEIRA, Elisabeth Meloni. **Imagem corporal de mulheres com câncer de mama: uma revisão sistemática da literatura**. Ciênc. saúde coletiva

SCLOWITZ, Marcelo Leal et al . Condutas na prevenção secundária do câncer de mama e fatores associados. **Rev. Saúde Pública, São Paulo** , v. 39, n. 3, jun. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003489102005000300003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 04 ago. 2014.

SILVA, Lucia Cecilia da. **Câncer de mama e sofrimento psicológico: aspectos relacionados ao feminino**. Psicol. estud.. 2008

SILVA, Pamella Araújo da e RIUL, Sueli da Silva. Câncer de mama: fatores de risco e detecção precoce. **Rev. bras. enferm.** 2011.

PERFIL EMPREENDEDOR DAS MULHERES QUE ATUAM NO RAMO DE FRANQUIAS EM UNAÍ-MG

Paula Pessoa Lucas

Graduada em Administração

Cláudia Aparecida Machado

Mestre em Marketing, Especialista em Qualidade e Agricultura
Empresarial. Professora e Coordenadora do NAC.

Lidiane Campos dos Santos

Mestre em Administração, Especialista em Gestão Agroindustrial.
Coordenadora e Professora do Curso de Administração e NPG.

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo identificar o perfil empreendedor das mulheres, os desafios gerenciais enfrentados por estas, e a importância do gênero feminino nas atitudes e tomadas de decisão. Foi realizada uma pesquisa descritiva e explicativa, de natureza qualitativa, a amostra foi composta por 06 (seis) mulheres empreendedoras no ramo de franquias, os dados foram coletados através de uma entrevista padronizada. Ao final deste estudo, de posse da análise dos resultados, pode-se perceber que as mulheres possuem grande parte das características empreendedoras. A revisão bibliográfica é composta por conceitos sobre empreendedorismo, empreendedorismo feminino, evolução da mulher no mercado, perfil das mulheres empreendedoras, dificuldades encontradas pelas mulheres e por último franchising.

Palavras-Chave: Empreendedorismo. Franquias. Mulher.

1 INTRODUÇÃO

O interesse por estudos relacionados à atividade empreendedora das mulheres tem crescido na mesma proporção da participação delas na geração de emprego e renda. As mulheres estão cada vez mais sobressaindo diante dos desafios enfrentados.

Desde o final do século XIX, na época do feminismo, vêm lutando por seus direitos legais, como direito ao voto, direitos trabalhistas com salários iguais, pela autonomia de seu corpo, pela proteção contra violência doméstica, pelo assédio sexual, e tantas outras formas de discriminação.

As mulheres superaram todas essas lutas, hoje, elas ocupam importantes cargos nas empresas, nos tribunais, na política, e movimentam a economia do país. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) 2010, as mulheres representam 48,6% da População Economicamente Ativa (PEA).

Ainda conforme dados do CENSO 2010, as mulheres representam 51,04% e os homens 48,96% da população brasileira, porém a taxa de desemprego é maior entre os homens. Entretanto, as mulheres são menos remuneradas do que os homens para os mesmos trabalhos.

Certas funções e áreas de conhecimento são de domínio das mulheres, com salários iguais ou superiores ao dos homens, a exemplo do marketing, recursos humanos, sustentabilidade, vendas, comunicação, atendimento ao consumidor, pesquisa acadêmica, entre outras.

A atividade empreendedora entre as mulheres tem crescido consideravelmente. O novo perfil empreendedor tem como base o conhecimento, quanto mais informação o empresário tiver, mais competitiva será sua empresa, nesse aspecto as mulheres superam os homens, pois elas buscam cada vez mais capacitação e conhecimento.

À frente de seus empreendimentos, as mulheres são mais organizadas, apresentam um estilo de liderança flexível, possuem uma comunicação cativante, expõem suas ideias com mais clareza e objetividade, o que facilita a compreensão de suas delegações de tarefas, e,

interagem com muita facilidade com seus clientes, fornecedores e parceiros.

De acordo com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micros e Pequenas Empresas (SEBRAE), no ano de 2009, dos 18,8 milhões de pessoas à frente de empreendimentos em estágio inicial no Brasil, 47% eram mulheres e 53% homens, são dados da pesquisa Global Entrepreneurship Monitor (GEM) 2009. No ano de 2010, de acordo com GEM 2010, entre os empreendedores iniciais 49,3% são mulheres.

Justifica-se a importância deste tema, baseando-se nas dificuldades enfrentadas pelas mulheres diante dos desafios do mercado de trabalho, de se integrarem, serem reconhecidas, e não sofrerem preconceito da sociedade. Também, pelo fato de o empreendedorismo feminino estar cada vez mais evidenciado, o que desperta muita curiosidade pelo tema. Assim o presente artigo se propõe a identificar o perfil empreendedor das mulheres, os desafios gerenciais enfrentados por elas, e a importância do gênero feminino nas atitudes e tomadas de decisões.

Com o propósito de alcançar o objetivo almejado, utilizou-se do estudo de caso, onde foram analisadas as franquias criadas por mulheres. A pesquisa foi de caráter descritivo e exploratório com abordagem qualitativa, sendo a amostra composta por 06 (seis) franquias lideradas por mulheres.

2 EMPREENDEDORISMO

Os estudos do termo empreendedor (*entrepreneur*) surgiram na França por volta dos séculos XVII e XVIII. Segundo Dornelas (2005, p. 29), empreendedor é “aquele que assume riscos e começa algo novo”.

Na concepção de alguns autores o termo empreendedorismo foi criado pelo escritor Richard Cantillon. Dolabela (1999) também tem a concepção, de que o economista Cantillon foi um dos pioneiros nos estudos sobre empreendedorismo, pois foi ele o primeiro a definir as características do empreendedor, juntamente com Jean-Baptiste Say, que estudava a criação de novas empresas e seu gerenciamento, no século XVII.

Dolabela (1999, p.47), ainda ressalta que Say tinha a concepção de que o empreendedor era “alguém que inova e é agente de mudança – permanece até hoje”.

Dornelas faz uma análise da evolução do empreendedorismo desde a Idade Média até o século XX, conforme apresentado no quadro a seguir:

Quadro 01: História do Empreendedorismo

Época	Características
Idade Média	O termo empreendedor era utilizado como aquele que gerenciava projetos e não assumia muitos riscos.
Século XVII	Surgiram os primeiros indícios de que os empreendedores assumiam riscos. O empreendedor fazia um acordo com o governo para realizar um serviço ou fornecer algum produto, como os preços já eram prefixados pelo governo, o lucro ou prejuízo que o empreendedor tivesse era de sua responsabilidade. O empreendedor era muito confundido com o capitalista.
Século XVII	O empreendedor foi finalmente diferenciado do capitalista, devido à industrialização.
Séculos XIX e XX	No final do século XIX e início do XX, os empreendedores eram confundidos como os administradores, eram analisados como pessoas que organizavam a empresa, planejavam, dirigiam e controlavam, porém a mando de um patrão, no caso o capitalista.

Fonte: Dornelas (2005), adaptado pela autora.

Já no entendimento de Lenzi (2009, p. 8) “empreendedorismo é o fenômeno de desenvolvimento econômico, social e comportamental que move os empreendedores no sentido de mudar situações comuns atuais com a visão voltada para o futuro”.

Lenzi, ao usar a expressão fenômeno, quis dizer que todas as ações empreendedoras são interligadas para alcance de um só objetivo.

De acordo com Dolabela (1999, p. 43), o empreendedorismo “é um neologismo derivado da livre tradução da palavra *entrepreneurship* e utilizado para designar os estudos relativos ao empreendedor, seu perfil, suas origens, seu sistema de atividades e seu universo de atuação”.

Muitos autores destacam a capacidade de assumir riscos, como característica típica dos empreendedores. Para Degen (1989 *apud* CASSOL, 2006, p. 27) “nem todas as pessoas têm disposição para assumir riscos. O empreendedor sim tem que assumir riscos e o seu sucesso está na capacidade de conviver e sobreviver a eles”.

Correr risco faz parte do dia a dia das pessoas, dos gerentes, administradores, empresários e até colaboradores, em qualquer atividade é preciso aprender a administrar. Neste aspecto, os empreendedores são diferenciados, eles vão em busca da melhor solução, possui iniciativa, autonomia, autoconfiança e otimismo, são líderes e buscam formar equipes para dar suporte para o alcance de seus objetivos.

3 CARACTERÍSTICAS DO EMPREENDEDOR

Muitos estudiosos tentam entender a formação das características dos empreendedores, com o objetivo de estabelecer um perfil ideal.

A habilidade de dar vida aos próprios projetos, tirando-os do papel transformando-os em algo realizável, é uma das características e qualidades mais valorizadas do mercado, as quais se encaixam no perfil empreendedor.

Para Schumpeter (1949 apud DORNELAS, 2005, p. 39), o empreendedor é “aquele que destrói a ordem econômica existente pela introdução de novos produtos e serviços, pela criação de novas formas de organização ou pela exploração de novos recursos materiais”.

Segundo Degen (2009, p. 8), empreendedor “é aquele que tem visão do negócio e não mede esforços para realizar o empreendimento. A sua realização é ver sua ideia concretizada em seu negócio”.

Dornelas (2005) em sua obra Empreendedorismo: Transformando ideias em negócios, estabeleceu as características mais comuns entre os empreendedores, conforme apresentado abaixo:

- São visionários: possuem uma visão de futuro, são seguros, sabem tomar as decisões corretas na hora certa.

- São indivíduos que fazem a diferença.

- Sabem explorar ao máximo as oportunidades.

- São determinados e dinâmicos: implementam suas ações com total comprometimento, superando as adversidades.

- São dedicados.

- São otimistas e apaixonados pelo que fazem.

- São independentes e constroem o próprio destino.

- Ficam ricos.

- São líderes e formadores de equipe.

- São bem relacionados (networking).

- São organizados.

- Planeja.

- Possuem conhecimento.

- Assumem riscos calculados.

- Criam valor para a sociedade.

Muitas pessoas possuem um sonho, uma boa ideia de negócio, todas elas podem ser empreendedoras, pois empreender é uma forma de ser. Porém as pessoas devem desenvolver habilidades, conforme foi citado, e para isto é preciso muito esforço e dedicação.

4 EMPREENDEDORISMO FEMININO

A presença da mulher no mercado de trabalho e, principalmente à frente de seus negócios tem crescido consideravelmente. Ela está cada vez mais conquistando altos cargos nas empresas.

Segundo dados do *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM, 2010), no Brasil, entre os 21,1 milhões de empreendedores brasileiros, 10,4 milhões pertencem ao sexo feminino e 10,7 milhões ao masculino. Em relação à faixa etária entre os empreendedores é de 25 a 34 anos, onde concentram grande parte dos empreendedores com 31,7%, a mulher brasileira é uma das mais empreendedoras no mundo.

Segundo Longenecker, Moore e Petty (1997, p. 16), “as mulheres não só estão começando mais negócios do que antes, como também o estão fazendo em setores não tradicionais e com planos ambiciosos de crescimento e lucro”.

Segundo Heffernan (2006 apud IAHNIG, HOELTGEBAUM e SEVEGNANI, 2010, p.7) algumas características marcantes das mulheres empresárias são:

A paixão pela ideia, a inovação, a qualidade do que fazem. Mas, igualmente importante para as mulheres é a forma que o negócio é feito. Tendo sido marginalizadas, banalizadas e frustradas durante séculos, as mulheres têm uma determinação absoluta para provar que podem ter sucesso trabalhando à sua própria maneira.

A maior satisfação das mulheres empreendedoras é ter um ambiente de trabalho que proporcione reconhecimento, possibilite desenvolvimento de novas ideias e a implementação de oportunidades.

Um estudo brasileiro também realizado por Cassol, Silveira e Hoeltgebaum (2006 apud MIRANDA, SILVEIRA e HOELTGEBAUM, 2008) com o objetivo descrever principais literaturas relacionadas ao empreendedorismo feminino, segundo o modelo proposto por Gartner (1985).

O modelo de Gartner (1985) possui (04) quatro dimensões, todas relacionadas ao gênero feminino:

- a primeira estudada foi a dimensão individual e as características do empreendedor. As mulheres enfrentam uma luta diária para equilibrar a vida familiar e os negócios, ser mãe, dona-de-casa, esposa e empreendedora ao mesmo tempo.

- A segunda estudada foi a dimensão organização. As mulheres tomam decisões equilibradas, pois possuem consciência dos custos e benefícios do crescimento de seu negócio.

- A terceira estudada foi a dimensão ambiente. Para elas os aspectos sociais e culturais têm muita importância, muito mais do que para os homens.

- A quarta estudada foi a dimensão processo adotado pelo empreendedor. As ações desenvolvidas pelas mulheres ao iniciar seu próprio negócio, geralmente não seguem dimensões racionais. As escolhas das mulheres estão mais voltadas para as ações, já que elas possuem maneiras diferentes de agir adotam maneiras próprias e não convencionais de iniciar as organizações.

As mulheres possuem mais características do perfil empreendedor do que os homens, elas arriscam, tratam as pessoas com respeito, sabem ouvir, se dedicam, são comprometidas com seu negócio, entre outras habilidades. Este contexto, explica o grande número de pesquisas e prêmios para as mulheres empreendedoras.

5 EVOLUÇÃO DAS MULHERES NO MERCADO

A globalização e as novas oportunidades de negócio impulsionaram o empreendedorismo feminino e a inserção das mulheres no mercado de trabalho. No Brasil, essa inserção teve início nos anos 90.

Segundo Carvalho, Camargo e Farah (2010), as mulheres começaram a entrar no mercado de trabalho na segunda metade do século XX, antes elas viviam exclusivamente para a família, desde então vêm conquistando mais espaço no mercado. Entre 1996 a 2002 houve um grande aumento na taxa do PEA (População Economicamente Ativa), de 11,4% para 36,5%, um número considerável em pouco espaço de tempo.

Os motivos para aumento das mulheres no mercado de trabalho foi o aumento considerável de desemprego do chefe de família nos anos 90, a mudança comportamental das famílias que eram geralmente chefiadas por

homem, os divórcios e a emancipação das mulheres em busca de direitos iguais diante dos homens.

De acordo com Wajnman, Queiroz e Liberato (1998 apud SCORZAFAVE, 2004), o crescimento da atividade feminina no mercado de trabalho do Brasil nos anos noventa, caracteriza-se por mulheres trabalhando por conta própria no comércio de mercadorias, como comércio ambulante de cosméticos e alimentos, domésticas, cozinheiras, professoras, médicas, enfermeiras, auxiliares administrativos e até administradoras.

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), as mulheres em 2009 representavam 10,6 milhões da população, aproximadamente 35,5% das mulheres estavam inseridas no mercado de trabalho, como empregadas com carteira de trabalho assinada, inferior aos homens com 43,9%. As mulheres que trabalhavam por conta própria correspondiam a 30,9% os homens 40%. O percentual de mulheres como empregadoras era de 3,6%, enquanto na distribuição masculina era 7%.

Ainda de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), o rendimento de trabalho das mulheres em 2009, comparando a média anual do rendimento dos homens e delas verificou-se que em média, elas ganham em torno de 72,3% do salário recebido pelos homens, em 2003 esse percentual era 70,8%.

Neste contexto, fica nítido que ainda existem muitas desigualdades entre homens e mulheres. Ainda há muitas conquistas a serem realizadas pelas mulheres, na igualdade salarial, pois ainda sofrem discriminação, assédios e enfrenta vários obstáculos.

6 PERFIL DAS MULHERES EMPREENDEDORAS

As discussões sobre os diferentes perfis das mulheres empreendedoras é alvo de muito debate.

Mc Celland, em seu artigo *Business*, classificou as pessoas em (02) dois grupos: as pessoas que quando tinha um objetivo em mente estavam dispostas a se submeter a sacrifícios pessoais, esse grupo de pessoas são a minoria. O perfil de um empreendedor de sucesso se encaixa nesta pequena minoria. (DEGEN, 2009).

Segundo Leite (1999 apud CARVALHO, CAMARGO E FARAH, 2010, p. 24):

A formação do perfil profissional baseado no empreendedorismo enfatiza, sobretudo, algumas características peculiares: são multifuncionais, com domínio de informática, fazem o que gostam, possuem amplo conhecimento das diretrizes e princípios básicos de administração, de modo a desenvolver habilidades específicas à gestão de negócios e resultados e possuem competência para trabalhar em equipe.

Para as mulheres, ter um negócio próprio, além de ser uma forma de ganhar dinheiro e de estarem ocupadas, é uma estratégia de vida.

Mulheres empreendedoras não são apenas aquelas que criam novos negócios, mais sim aquelas que sabem trabalhar em equipe, são perseverantes ao implementarem novas oportunidades.

Existem algumas características consideradas de habilidades para os homens, que as mulheres estão dominando, elas assumem riscos, são flexíveis as mudanças, possuem uma grande facilidade de comunicação, são ambiciosas, líderes, criativas, competitivas, decididas e autoconfiantes.

Enfim, as mulheres empreendedoras têm como objetivo atingir um equilíbrio entre a vida profissional e a pessoal, utilizando diferentes estratégias para lidar como os desafios do dia a dia.

6. 1 Dificuldades Encontradas pelas Mulheres Empreendedoras

As mulheres ainda continuam lutando pela igualdade dos direitos entre os sexos, é pequeno o número de mulheres que chegam ao topo de suas carreiras. Enfatiza-se que elas encontram muitos obstáculos pelo caminho, sofrem preconceitos pela sua sexualidade. Isso requer muito esforço e dedicação por parte delas para mudar os reflexos dos preconceitos.

Entretanto, para Parasuraman e Greenhaus, (1997 apud LINDO et.al., 2007,p. 4):

O conflito trabalho e família emergiu a partir da segunda metade do século XX, quando inúmeras esposas e mães entraram no mercado de trabalho. A mulher, que antes tinha o papel único de cuidar da casa e do lar, passou a ter a necessidade de dividir seu tempo disponível entre a casa e o trabalho.

Botelho (2008 apud GEBRAN e NASSIF, 2010) desenvolveu uma pesquisa sobre as barreiras enfrentadas pelas mulheres empreendedoras conseqüências da cultura e da sociedade do mundo dos negócios, como:

esteriótipos, preconceitos e discriminação, além da dupla jornada de trabalho que as mulheres sofrem ao se dedicarem a suas empresas.

Segundo Birley e Muzyka (2001, p. 213), “em famílias onde os homens e mulheres trabalham, as mulheres ainda estão fazendo por volta de 70% a 80% das tarefas domésticas”.

Neste contexto as dificuldades das mulheres em conciliar sua vida profissional e familiar fica muito mais estressante do que para os homens.

Conforme Mendes (2009, p. 83), “para minimizar a pressão é recomendável o compartilhamento das informações e dos problemas”.

Capowski (1992 apud LINDO et.al., 2007, p. 6) ressalta que:

Embora as empreendedoras passam a ter liberdade de organizar o seu dia a dia, elas acabam tendo de trabalhar muito mais. A jornada comum de oito horas de trabalho diárias – em um emprego tradicional – passa a ser mais extensa para aquelas mulheres que têm o seu próprio negócio.

Segundo Longenecker, Moore e Petty (1997), as mulheres enfrentam obstáculos também comuns entre os homens, porém há alguns que são mais predominantes para as mulheres, como a falta de acesso a crédito nos bancos.

Outra barreira encontrada é a dificuldade para estabelecer relacionamentos de negócios, leva muito tempo e esforço para elas serem aceitas e desenvolver relações informais com profissionais e empresários, basicamente masculinos.

Como se constata, as mulheres empreendem com força e ousadia, batalham muito para conquistar espaço, ocupam novas posições, rompem barreiras estabelecidas há séculos.

7 FRANQUIAS

As franquias são um dos seguimentos do mercado brasileiro que mais cresce, movimentando a economia, gera empregos e, de acordo com Associação Brasileira de Franchising (ABF), o Brasil é o terceiro país no ranking das franquias.

Franquia empresarial de acordo com a Lei 8.955/94 que regulamenta sua existência é:

O sistema pelo qual um franqueador cede ao franqueado o direito de uso da marca ou patente, associado ao direito de distribuição exclusiva ou semi-exclusiva de produtos ou serviços e, eventualmente, também ao direito de uso de tecnologia de implantação e administração de negócio ou sistema operacional desenvolvidos ou detidos pelo franqueador. (BRASIL, 1994, s/p).

A pessoa denominada (franqueado) é no caso o empreendedor, seu poder é limitado, pois são estipuladas várias regras e padrões a serem seguidos já que o concentrado ao franqueador. O sistema de franquias é um sistema de interdependência entre franqueado e franqueador.

Longenecker, Moore e Petty (1997) estabelecem (03) três vantagens ao se optar por uma de franquias:

- **Treinamento Formal:** além de procedimentos operacionais, ele engloba manutenção, controle de estoque, compras, relações humanas, contabilidade, merchandising, propaganda, mão de obra entre outros.

- **Assistência Financeira:** se o franqueador considerar o empreendedor uma pessoa que terá bom desempenho e alcançará o sucesso, ele pode oferecer uma ajuda financeira ao franqueado.

- **Benefícios de Marketing e Administração:** a maioria dos produtos de franquias geralmente são conhecidos, com sucesso já

comprovado, além de receber benefícios de várias propagandas e promoções.

Longenecker; Moore e Petty (1997) ainda definem (03) três desvantagens das franquias:

- **O custo:** geralmente são altos, incluem pagamentos de royalties pelo uso da marca ou do serviço, custo de promoções, de estoques e suprimentos, de edificações e equipamentos.

- **Restrições de crescimento:** muitos contratos de franquias restringem o franqueado a não abrir outras franquias, na região.

- **Perda de independência:** já que o franqueado é quem faz com que a franquia funcione, mantém o controle.

Neste contexto, pode-se perceber a ascensão das mulheres também no ramo das franquias. Isso ocorre devido ao fato de serem mais organizadas e se adaptarem melhor que os homens aos serviços oferecidos pela franquia.

8 METODOLOGIA

Ao abordar os procedimentos técnicos, a pesquisa pode ser classificada como um estudo de caso, pois buscou coletar informações importantes, como características sobre o caso estudado. Segundo Gil (2010, p. 37), “estudo de caso consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permite ser amplo e detalhado o conhecimento”.

Com relação ao delineamento da pesquisa, utilizou-se da abordagem qualitativa, onde foi estudado o perfil das mulheres

empreendedoras no ramo de franquias. Para Cobra (2009, p. 72), “os dados qualitativos são coletados para aprofundar conhecimento acerca de algumas coisas que não podem ser observadas e medidas diretamente.

De acordo com os objetivos, trata-se de uma pesquisa descritiva e exploratória. Descritiva por descrever as características do perfil das mulheres empreendedoras na administração de franquias, buscando levantar opiniões e perceber a influência das atitudes na tomada de decisão. Exploratória por buscar uma maior familiaridade com o problema, através de um levantamento bibliográfico sobre o assunto.

Para descrever o universo da pesquisa optou-se pela população das mulheres empreendedoras na cidade de Unaí/MG, não sendo considerado o tipo de franquias e sim as lideradas por mulheres, que ao total foram 06 (seis) empresas.

O instrumento utilizado foi a entrevista, pois de acordo com Lakatos e Marconi (2005, p. 197) “a entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional”.

Foi elaborado um roteiro de entrevista, composto por 15 (quinze) questões abertas, realizadas de uma forma bastante informal, na sede de cada empresa pesquisada.

9 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O processo de análise dos dados comprovou as evidências a que se chegou por meio da pesquisa. Ao abordar o tempo em que estão no mercado e por que iniciaram seu negócio, 03 (três) das entrevistadas estão

no mercado de 01 a 06 meses, uma das entrevistadas está há 12 anos, outra há 14 anos e a que está há mais tempo tem 24 anos no mercado. Com relação ao motivo que as levaram a iniciar seu próprio negócio, 03 (três) das entrevistadas disseram que já eram clientes dos produtos e então resolveram abrir a franquia, as outras 03 (três) em busca de independência e alternativa de renda. Os pontos divergentes nas respostas exaltadas por algumas entrevistadas foi crescimento profissional, amplo conhecimento da franquia e viabilidade do negócio.

Ao abordar a idade em que as empreendedoras iniciaram seu negócio, a maioria delas estavam entre 21 e 29 anos, sendo que uma tem 32 anos e outra 44 anos. Conforme pesquisa do Global Entrepreneurship Monitor (GEM, 2010) a maioria dos empreendedores, tanto homens quanto mulheres, estão na faixa etária entre 25 a 34 anos. Percebe-se que as mulheres entrevistadas se enquadram entre a maioria dos empreendedores, pois quando iniciaram seu negócio estavam ou estão entre faixa etária de 25 a 34 anos.

Quanto ao grau de escolaridade, 04 (quatro) possuem o ensino superior, 01 (uma) o ensino superior incompleto e 01 (uma) o ensino médio completo. É notório que a maioria das empreendedoras possui um nível de escolaridade significativo, a preocupação em demonstrar competência e de serem aceita faz com que as mulheres se preocupem mais que os homens em buscar capacitação e qualificação.

Ao serem questionadas sobre o estado civil e se tem filhos, 02 (duas) entrevistadas tem apenas um filho, outras 02 (duas) três filhos, 01 (uma) apenas um e 01 (uma) não tem filhos. Referente ao estado civil 04 (quatro) são casadas e 02 (duas) não.

A maioria é casada e tem filhos, o que exige ainda mais esforço e dedicação por parte destas mulheres, para manter seu negócio estável e ter harmonia entre lar e empresa. Porém os filhos é a sua maior inspiração, para que continuem empreendendo mesmo com tantas dificuldades, pois assim sentem-se autorealizadas.

Ao serem questionadas sobre o motivo que levaram as entrevistadas a criarem seu próprio negócio, 03 (três) já possuía outro negócio, 03 (três) afirmaram que o principal motivo foi a independência financeira. Porém 02 (duas) das entrevistadas que já possuía outro negócio, 01 (uma) era com o esposo e posteriormente iniciou sua franquia, e outra foi um presente do pai. Os pontos divergentes entre as entrevistadas foram o crescimento profissional e a qualidade dos produtos.

Observa-se que o empreendedorismo, não surge apenas pela oportunidade ou necessidade, mas também pode ser um presente ou herança, ou os filhos seguindo os passos dos pais. Degen (1989) ressalta que alguns dos motivos mais comuns que levam as pessoas a criarem seu próprio negócio, seja homem ou mulher, são: a vontade de ganhar dinheiro, o desejo de sair da rotina, a vontade de ser seu próprio patrão e a vontade de provar aos outros que é capaz.

Quanto aos desafios encontrados na gestão de seus negócios, 03 (três) ressaltaram ser as altas taxas cobradas pelos franqueadores. Entre as outras 03 (três) foram observados alguns pontos divergentes como a aprovação do local para funcionamento da franquia, franquia comprada é nova no mercado, sistema muito padronizado e inexperiência. É importante ressaltar a fala de uma das entrevistadas:

“minha principal dificuldade foi a administração em geral, aprender a administrar os estoques e as pessoas, foi muito difícil no início, todos os meses possuem metas a serem cumpridas e a vida útil do layout é de apenas cinco anos e toda a troca é por conta da gente”.

Baron e Shane (2007, p. 237) descrevem algumas desvantagens das franquias sendo que o franqueado deve “pagar altas taxas e royalties significativos, tem que lidar com a padronização compulsória e possuem pouca liberdade em relação as compras e as linhas de produtos”.

Ao serem indagadas sobre os sacrifícios pessoais, 04 (quatro) disseram que sim, algumas pelo fato de ter que viajar muito por ter outras franquias em outras cidades, ou por trabalharem até tarde, e em datas comemorativas às vezes não era possível passar com a família. Conforme palavras de uma das entrevistadas:

“fiz e continuo a fazer muitos sacrifícios pessoais pelas minhas lojas, viagens, passar natal em família, festas dos dias das mães na escola dos meus filhos, entre outras”.

Outro ponto analisado foi se a postura feminina é vista como um ponto forte ou fraco, e o motivo, sendo que 05 (cinco) entrevistadas consideram como um ponto forte e 01 (uma) ressaltou ser indiferente. Ao abordar o motivo foi colocado que as mulheres são mais detalhistas e sensíveis, planejam melhor, são mais práticas, mais atentas as mudanças e são pés no chão. É notório que a participação das mulheres no mercado esta cada vez maior, as mesmas tem melhor capacidade de se relacionar com outras pessoas, cuidam e se preocupam com os colaboradores, lutam para preservar os relacionamentos dentro da empresa, sendo que a maior parte é flexível e buscam motivar seus colaboradores. Uma das principais

habilidades é a de entender o outro e tomar decisões analisando o outro lado.

Todas as empreendedoras ressaltaram que buscam por novas oportunidades e informações sobre o ramo em que atuam. As oportunidades de negócio estão em toda parte, porém o empreendedor precisa identificá-las, para isso é preciso ter conhecimento/informação, perseverança e criatividade.

Também foram questionadas sobre o objetivo como empreendedora, destacando que 03 (três) disseram ser a estabilidade, 02 (duas) abrir novas franquias e 01 (uma) sucessão, ainda falaram sobre a contribuição para o crescimento da sociedade, geração de renda e tranqüilidade. Degen (2009, p. 30) ressalta que “são poucos os empreendedores que conseguem focar um objetivo e investir toda sua energia na realização deste”.

Para finalizar foi questionado se as entrevistadas se consideram empreendedoras de sucesso, podendo destacar algumas falas:

“Sim, pois a franquia deu muito certo, era uma franquia que várias pessoas tinha o interesse de abrir, e eu superei todos os obstáculos e consegui abrir, a inauguração foi um sucesso, e esta tudo bem até agora, foi um presente de Deus na minha vida”.

“Sim, sou uma pessoa ativa e busco sempre realizações, a minha empresa deu certo, estamos no mercado a 12 anos, superando os desafios e os concorrentes”.

“Sim, porque comecei um negócio que para Unai era um negócio muito luxuoso, as pessoas não tinham o hábito de usar estes produtos, foi um grande desafio trabalhar com uma loja exclusiva, foi muita ousadia, eu praticamente tive de ensinar as pessoas a valorizarem os produtos”.

“Me considero uma pessoa em busca de sucesso, afinal é próprio do ser humano querer sempre melhorar, quero sempre mais, estou em busca de sucesso e esta busca tem de ser constante”.

É evidente que a maioria das empreendedoras possui muitas características empreendedoras e isso pode mais uma vez ser demonstrado quando responderam sobre o sucesso.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou descrever o perfil das mulheres empreendedoras nas franquias da cidade de Unaí/MG, podendo constatar que as mulheres entrevistadas iniciaram a franquia entre a faixa etária de 21 a 44 anos, a maioria possui o ensino superior e grande parte delas têm filhos e são casadas. A metade delas está no mercado já há algum tempo. Pode-se constatar que o mercado unaiense aceita muito bem as franquias lideradas por essas empreendedoras.

Ao verificar os fatores que estimularam as entrevistadas a criarem seu próprio negócio, foi ressaltado a independência financeira, o crescimento profissional, o amplo conhecimento da franquia, a viabilidade, a alta procura e a qualidade dos produtos.

Quanto aos desafios e dificuldades, foi abordado as altas taxas cobradas pelos franqueadores e quando questionadas como iniciaram seus negócios, observou-se que algumas já possuíam outro negócio; uma, era com o esposo; outra, foi um presente do pai; apenas quatro iniciaram sozinhas.

Tendo em vista tal realidade, este estudo também teve como objetivo verificar os desafios gerenciais enfrentados e a importância do gênero feminino nas atitudes e tomadas de decisões. Pode-se dizer que este foi atingido, pois detectou-se que as mulheres entrevistadas têm um perfil inovador, são otimistas, assumem riscos calculados, são criativas, determinadas, comprometidas com seu negócio e a todos que o envolve, além disso, o mais importante, têm paixão pelo que fazem.

Portanto, conclui-se que as mulheres possuem grande parte das características empreendedoras, superando barreiras como o preconceito, unindo-se para alcançar suas metas, em uma constante busca de conhecimento através da capacitação e estão sempre atentas às novas informações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

BIRLEY, Sue; MUZYKA, Daniel F. **Dominando os Desafios do Empreendedor: Guia para se tornar Empreendedor.** São Paulo: Markron Books, 2001.

CARVALHO, Silvia Helena; CAMARGO, Ramos Valadão; FARAH, Osvaldo Elias. **Gestão Empreendedora e Intraempreendedora: Estudos de Casos Brasileiros.** 1. ed. São Paulo: Villimpress, 2010.

CASSOL, Neidi Krewer. **A Produção Científica na área de Empreendimento Feminino: Análise dos Estudos Indexados na Base de Dados Do Institute For Scientific Information (Isi).** 2006. 136 f. Dissertação Mestrado - (Pós-Graduação em Administração) - Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, SC. 2006. Disponível em: <<http://www.biblioteca.universia.net/.../produção-cientifica-na-areaempreendedorismo-feminino.../34042859.html>>. Acesso em: 30 de Maio de 2012.

COBRA Marcos. **Administração de Marketing no Brasil.** 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

DEGEN, Ronald Jean. **O Empreendedor: Fundamentos da Iniciativa Empresarial.** 8. ed. São Paulo: Makron Books, 1989.

_____, Ronald Jean. **Empreendedor: Empreender como opção de carreira.** 1. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009.

DOLABELA, Fernando. **Oficina do Empreendedor**. 6. ed. São Paulo: Cultura, 1999.

DORNELAS, José Carlos Assis. **Empreendedorismo: Transformando Ideias em Negócios**. 4. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

GEBRAN, Mauro Elias; NASSIF, Vânia Maria Jorge. **Empreendedorismo Feminino: Um Mundo Masculinizado, como as Mulheres conquistam seu espaço?** Artigo Científico 14 f. XIII Semead (Seminários de Administração), 2010. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/semead/13semead/resultado/trabalhosPDF/75.pdf>>. Acesso em: 21 de maio de 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborador Projetos de Pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

IAHNIG, Álvaro Paulo; HOELTGEBAUM Marianne; SEVEGNANI Jaison Ademir. **Área Temática: Empreendedorismo e Inovação: O Perfil Empreendedor das mulheres proprietárias/dirigentes das agências de publicidade e propaganda de Santa Catarina**. Artigo Santa Catarina, 2010. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/semead/13semead/resultado/trabalhosPDF/575.pdf>>. Acesso em: 01 de Abril de 2011.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

LENZI, Fernando César. **A Nova Geração de empreendedores: Guia para elaboração de um plano de negócios**. São Paulo: Atlas, 2009.

LINDO, Maira Ribeiro et.al. **Vida Pessoal e Vida Profissional: Os Desafios de Equilíbrio para Mulheres empreendedoras do Rio de Janeiro**. Revista RAC eletrônica. Rio de Janeiro, v.1, n. 1, art. 1, Jan./Abr. 2007. Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/rac-e>>. Acesso em: 11 de Abril de 2011.

LONGENECKER, Justin G.; MOORE, Carlos W.; PETTY J. William. **Administração de Pequenas Empresas: Ênfase na Gerencia Empresarial**. São Paulo: Makron Books, 1997.

MIRANDA, Cristina Maria Schmitt; SILVEIRA, Amélia; HOELTGEBAUM Marianne. **Empreendedorismo Feminino: Características das Gestoras em uma Instituição de Ensino Superior**. Artigo Científico, 16 f. ENEO (V – Encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD), Belo Horizonte, 2008. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/evento.php?acao=trabalho&cod_edicao_subsecao=367&cod_evento_edicao=36&cod_edicao_trabalho=8503>. Acesso em: 07 de Abril de 2011.

MENDES, Jerônimo. **Manual do Empreendedor: Como construir um empreendimento de sucesso**. São Paulo: Atlas, 2009.

SCORZAFAVE, Luiz Guilherme Dácar da Silva. **Caracterização da Inserção Feminina no Mercado de Trabalho e seus efeitos sobre a Distribuição de Renda**. 97 f - Tese de Doutorado – Universidade de São Paulo: Faculdade de Economia Administração e Contabilidade, São Paulo, 2004. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/12/12138/tde-27102004-095849/fr.php>>. Acesso em: 07 de Abril de 2011.

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

1. GERAIS

O principal objetivo da Revista é promover a divulgação da produção intelectual do corpo docente e discente da Faculdade e também de profissionais externos à instituição. A revista fará as publicações de artigos originais, revisões literárias, resenhas de assuntos correlatos à diversas áreas.

2 CONDIÇÕES PARA A PUBLICAÇÃO

Todos os textos serão submetidos à Comissão Editorial da Revista, o material enviado deverá ser inédito e não poderá ser enviado a outras publicações. Os originais não serão devolvidos.

A extensão de cada trabalho deverá seguir os seguintes critérios:

- Artigos: máximo de 20 laudas;
- Revisões literárias: máximo de 20 laudas;
- Resenhas: de 3 a 5 laudas;

O trabalho deverá ser formatado em MSWord 2007, obedecendo às seguintes recomendações: o trabalho deve ser apresentado no formato A5 digitados na cor preta com exceção das ilustrações, no anverso da folha. As margens deve ser de 1 cm em todas as direções. Deve ser utilizada a fonte tamanho 12 (times new roman) para o texto e tamanho 10 para citações de mais de três linhas, notas de rodapé, paginação. As legendas das ilustrações, gráficos e tabelas devem estar na fonte 11. Títulos serão destacados em negrito e caixa alta, subtítulos devem estar em caixa alta sem negrito, o uso de itálico deve ser limitado a palavras ou expressões em

outro idioma, no decorrer do texto palavras (não expressões) podem ser destacadas utilizando-se negrito.

Todos os trabalhos devem ser apresentados em CD ou *pendrive* em que conste apenas o trabalho a ser examinado, juntamente de uma carta encaminhada ao Diretor da Revista autorizando sua publicação. O nome do arquivo deve ser o nome do autor, ex: seunome.doc.

As traduções deverão vir acompanhadas de autorização do autor e do original do texto. Quadros, tabelas, gráficos, ilustrações e fotos devem ser com os respectivos títulos, comunicação da fonte e em condições ótimas para reprodução (para formatação desses elementos solicitar o Manual de Normas para publicação da FACTU).

3. 0. APRESENTAÇÃO DO TRABALHO

Página de rosto: a primeira página de cada artigo deverá indicar o título, o nome completo dos autores (**máximo quatro**), maior titulação e local(s) de trabalho.

Resumo: na segunda folha deverá constar um resumo em português de, no máximo, 150 palavras. O resumo deverá especificar o objetivo, uma breve descrição da metodologia, os apontamentos principais e as conclusões.

Palavras-chave: após o resumo em português, na mesma folha, é essencial uma lista de 3 a 5 palavras em português que descreva o conteúdo do trabalho.

Abstract: na terceira folha deverá constar o resumo em inglês, com no máximo 150 palavras, seguindo as mesmas especificações do resumo em português.

Texto: os artigos originais que contiverem coleta de dados **em campo** deverão obedecer, em linhas gerais, à seguinte seqüência: introdução; referencial teórico; metodologia; análise e discussão dos dados; considerações finais e referências. As revisões bibliográficas deverão obedecer a seguinte seqüência: introdução, desenvolvimento, considerações finais e referências.

Para resenhas é dispensado o resumo.

4.0. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Referência é um conjunto padronizado de elementos descritivos retirados de um documento, que permite sua identificação individual. É constituída de elementos essenciais e, quando necessário, acrescida de elementos complementares. Os elementos essenciais são elementos indispensáveis à identificação do documento e estão estritamente vinculados ao suporte documental, variando, portanto conforme o tipo de material a ser referenciado.

As referências são alinhadas somente à margem esquerda do texto, sem o uso de recuo, digitadas em espaçamento simples e separadas entre si com dois espaços simples. Devendo ser apresentadas em ordem alfabética em lista no final do trabalho, de forma complementar pode ser apresentada em nota de rodapé.

Indica(m)-se o(s) autor(es) pelo último sobrenome em letras maiúsculas, seguido do(s) prenome(s) e outros sobrenomes, abreviado(s) ou não. Recomenda-se adotar um padrão quanto ao uso ou não da abreviação.

PADRÃO DE UMA REFERÊNCIA:

SOBRENOME, Prenomes do autor. **Título:** subtítulo. ed. Local: Editora, ano.

FONSECA, Maria Guadalupe Piragibe da. **Iniciação à pesquisa no direito:** pelos caminhos do conhecimento e da invenção. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

5.0 CITAÇÕES

Citação é a menção no texto, de informação colhida de outra fonte, para esclarecimento do assunto em discussão ou para ilustrar ou sustentar o que se afirma.

As citações podem ser diretas ou indiretas, sejam obtidas de documentos ou de canais informais. As fontes de que foram tiradas as citações são indicadas pelo sistema alfabético ou pelo sistema numérico, no entanto, qualquer que seja o método adotado, deve ser seguido consistentemente ao longo de todo o trabalho. Existem alguns tipos de citação que explicaremos a seguir:

5.1 CITAÇÃO DIRETA

É a **transcrição literal** de um texto ou parte dele, conservando-se a grafia, pontuação, uso de letras maiúsculas e idioma. É usada somente quando um pensamento significativo for particularmente bem expresso, ou quando for absolutamente necessário e essencial transcrever as palavras de um autor. As transcrições no texto devem aparecer entre aspas quando inferior a 3 três linhas ou destacadas graficamente se superior.

- a) **citação de até três linhas:** a citação de até três linhas deve ser inserida no parágrafo, entre aspas, tamanho da fonte 12, não se esquecendo de mencionar Autor, ano e página, conforme

modelo a seguir:

b)

Ex.1

Segundo Paulus (1775, p. 46) O “tratamento obtido pela nobreza portuguesa na corte de Madri deveu-se à exímia intervenção de D. Francisco.”

OU

Ex. 2

O “tratamento obtido pela nobreza portuguesa na corte de Madri deveu-se à exímia intervenção de D. Francisco.” (PAULUS, 1775, p. 46).

b) citação com mais de três linhas: a citação com mais de três linhas deve aparecer em parágrafo distinto, a 4 centímetros da margem do texto terminando na margem direita. Esta **deve** ser apresentada **sem aspas**, deixando-se espaço simples entre as linhas e 2 (dois) espaços simples entre a citação e os parágrafos anterior e posterior, conforme modelo:

Ex. 1:

Um objetivo é um alvo que precisa ser atingido para a organização poder atingir suas metas. Os objetivos são, por natureza, mais específicos que a definição da missão e são, na realidade, a tradução da missão em termos específicos e concretos com os quais se possa medir os resultados. Estabelecem-se muitos objetivos-marcos de execução das missões e da busca da consecução das metas. (STONER, 1985, p. 70).

Ou

Ex. 2:

Para Stoner (1985, p. 70),

Um objetivo é um alvo que precisa ser atingido para a organização poder atingir suas metas. Os objetivos são, por natureza, mais específicos que a definição da missão e são, na realidade, a tradução da missão em termos específicos e concretos com os quais se possa medir os resultados. Estabelecem-se muitos objetivos-marcos de execução das missões e da busca da consecução das metas..

5.2 CITAÇÃO INDIRETA

Também conhecida como **paráfrase**, é redigida pelo autor do trabalho com base em idéias de outro autor ou autores. Deve-se sempre indicar a fonte de onde foi tirada a idéia. As citações indiretas podem aparecer sob a forma de paráfrase, isto é, citação livre do texto, ou em forma de condensação que é a síntese dos dados retirados da fonte consultada, sem alterar fundamentalmente a idéia do autor, conforme exemplo a seguir.

Ex. 1

A palavra programa implica, um papel ativo, consciente e racional desempenhado por administradores na formulação da estratégia da organização e a estratégia é o programa geral para a consecução dos objetivos de uma organização. (STONER, 1985).

Ou

Ex. 2

Segundo Stoner (1985), a palavra programa implica, um papel ativo, consciente e racional desempenhado por administradores na formulação da estratégia da organização e a estratégia é o programa geral para a

consecução dos objetivos de uma organização.

5.3 CITAÇÃO DE CITAÇÃO

É a menção a um documento ao qual não se teve acesso, mas do qual se tomou conhecimento apenas por citação em outro trabalho. Esta forma de citação só deve ser usada na total impossibilidade de acesso ao documento original. A indicação é feita pelo sobrenome do autor original, ano da obra, seguido da expressão apud e do sobrenome do autor da obra consultada, ano da obra e página de for citação direta. Somente o autor da obra consultada é mencionado nas referências conforme exemplo a seguir:

NO TEXTO:

Segundo Mintzberg (1982 apud STONER, 1985, p. 70)

ou

(MINTZBERG, 1982 apud STONER, 1985, p. 70)

NA REFERÊNCIA:

STONER, J. A. F. **Administração**. 2. ed. Rio de Janeiro: Prentice-Hall do Brasil, 1985. p. 68-87.

ENVIO

Os interessados em apresentar qualquer publicação para avaliação, que sejam diretamente ligados a Faculdade, como docentes e discentes, deverão entregar diretamente a Comissão Editorial na própria sede da Faculdade. Já os profissionais externos deverão enviar para o seguinte endereço:

Faculdade de Ciências e Tecnologia de Unai – FACTU
Comissão Editorial da Revista
Rua Rio Preto, 422 - Centro
CEP: 38.610-000 - Unai - MG